



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas  
DINTER (UFSC/ IFPB/ IFPE/ IFAL)  
Área de Concentração: Estudo de Gênero

Raquel Costa Goldfarb

**Sim, eu sou Vadia: uma etnografia  
do coletivo Marcha das Vadias na Paraíba**

Florianópolis/SC  
2014



Raquel Costa Goldfarb

**Sim, eu sou Vadia: uma etnografia  
do coletivo Marcha das Vadias na Paraíba**

Tese apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
Interdisciplinar em Ciências  
Humanas como requisito  
parcial para a obtenção do  
grau de doutora em Ciências  
Humanas.

Área de Concentração:  
Estudo de Gênero

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>  
Luzinete Simões Minella  
Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>  
Mara Coelho de Souza Lago

Florianópolis/SC  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Goldfarb, Raquel Costa  
Sim, eu sou Vadia : uma etnografia do coletivo Marcha  
das Vadias na Paraíba / Raquel Costa Goldfarb ;  
orientadora, Luzinete Simões Minella ; coorientadora, Mara  
Coelho de Souza Lago. - Florianópolis, SC, 2014.  
110 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Inclui referências

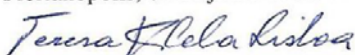
1. Ciências Humanas. 2. Movimento Feminista. 3. Marcha  
das Vadias. 4. Cultura do estupro. I. Minella,  
Luzinete Simões. II. Lago, Mara Coelho de Souza. III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

Raquel Costa Goldfarb

**Eu sou vadia: uma etnografia do coletivo Marcha das Vadias na Paraíba**

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de *Doutor(a) em Ciências Humanas* e aprovada, em sua forma final, no dia 04 de julho de 2014, atendendo às normas da legislação vigente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado.

Florianópolis, 04 de julho de 2014.



**Profa. Dra. Teresa Kleba Lisboa, Coordenadora em Exercício** do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

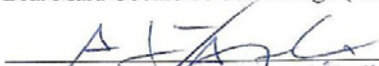
**Banca Examinadora:**



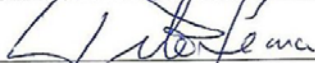
Profa. Dra. Luzinete Simões Minella (orientador(a)) - UFSC



Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago (coorientador(a)) - UFSC



Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de Jeón (membro externo) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. Tito Sena (membro externo) - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)



Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi (membro interno) - UFSC



Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (membro interno) - UFSC



Profa. Dra. Teresa Kleba Lisboa (membro interno) - UFSC



*Dedico às mulheres:  
Isânia Monteiro, que  
transformou a dor e a morte  
em luta pelos direitos das  
mulheres;  
Briggida Lourenço (in  
memorian), que morreu por  
acreditare lutar contra o  
machismo.  
E, por último, Marly Costa,  
minha mãe, que me ensinou a  
viver e pensar diferente dos  
padrões heteronormativos.*





## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer às minhas orientadoras, Luzinete Simões e Mara Lago, por terem acreditado em um tema tão novo e terem me acompanhado com suas sábias experiências nessa jornada.

Aos queridos professores do PPICH, que nos acolheram tão carinhosamente e nos apresentaram, em um curto espaço de tempo, aos principais pensadores da modernidade.

Aos idealizadores, coordenadores e colegas do DINTER; às minhas amigas queridas; aos revisores do texto, João Marco, Raquel Diniz e Letícia Visalli, meu muito obrigada.

À família amada, minhas filhas Nina e Juju, meus genros Caio Fábio e Caio Visalli, minha mãe Marly, ao meu pai que sempre está ao meu lado Júlio Goldfarb (*in memoriam*), às minhas sobrinhas e sobrinho, Livinha, Cacá, Isa e Isaac, meus irmãos, Ana, Genival, Maurício e especialmente minha cunhada Patrícia.

Às Vadias, que, na nossa convivência, sempre me acolheram com todo carinho e atenção, me levando a pensar em várias questões pessoais e me ajudando a me tornar uma pessoa melhor e mais livre.



*Essa tua fita métrica  
Sua balança  
As vidraças  
Que rodeiam essas jaulas  
Suas correntes  
Nunca serão  
Fortes o suficientes  
Para nos ditar  
Caminhos.  
Pois quebramos teus vidros  
E erguemos no grito  
Esse corpo que é arma.  
Se fizeram do nosso corpo  
Latifúndio-Propriedade privada- Para  
vossa exploração  
Faremos – nos  
terras griladas- Por nós mesmas  
Ocupando nossos destinos  
Com pulsos erguidos  
E seios de artilharia..  
Não se enganem!  
Estoscuerpos, Sonnuestroscuerpos  
Aguerridos  
De força e Libertação.*

*(Mariana Queiroz, 2014)*



## RESUMO

A Marcha das Vadias é um movimento social bastante novo, que teve início em 2011 no Canadá e se encontra hoje em processo de articulação em várias regiões do mundo. Analisamos as percepções das ativistas sobre os sentidos e a linguagem da Marcha das Vadias realizadas no Estado da Paraíba, Brasil, nas cidades de João Pessoa e Campina Grande, nos anos de 2012 e 2013. A partir da etnografia, podemos perceber que se trata de um coletivo social, que possui linguagem própria e que se articula através das redes virtuais. A Marcha é um exemplo dos Novos Movimentos Sociais, que apresenta horizontalidade nas articulações e ações, unindo vários coletivos e jovens de diversas tribos urbanas em torno do movimento feminista. A denúncia contra a *cultura do estupro* se destacou como bandeira política e influenciou o modo de se expressar, levando às ruas as ativistas vestidas como Vadias, com suas palavras de ordem gritadas, inscritas nos cartazes e em seus corpos.

**Palavras-chave:** Marcha das Vadias. Cultura do estupro. Violência de gênero. Movimento Feminista.



## ABSTRACT

The Slut Walk is a fairly new social movement which began in 2011 in Canada, and now is in a networking process in many regions of the World. We analyze the perceptions of the activists about the meanings and the language of the Slut Walk incurred in the Brazilian State of Paraíba, in the cities of João Pessoa and Campina Grande, in the years 2012 and 2013. Starting from the ethnography one can notice that it is a collective social, which has its own language and that is articulated through the virtual networks. The Walk is an example of the New Social Movements, featuring horizontal joints and actions, bringing together many collectives and youth from diverse urban tribes around the feminist movement. The complaint against the *rape culture* stood out as political banner and influenced the way of expressing, leading activists dressed like Sluts to the streets, with watchwords yelled, written in posters and their bodies.

**Keywords:** Slut Walk.Rape culture.GenderViolence.Feminist Movement.





## **LISTA DE SIGLAS**

AFM - Articulaci3n Feminista Marcosur  
AMB - Articula3o de Mulheres Brasileiras  
CONTAG - Confedera3o Nacional dos Trabalhadores na Agricultura  
CUT - Central 3nica de Trabalhadores  
DINTER - Doutorado Interinstitucional  
GMMQ - Grupo Maria Quit3ria de mulheres l3sbicas, bissexuais e transexuais  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IFAL - Instituto Federal de Educa3o, Ci3ncia e Tecnologia de Alagoas  
IPEA - Instituto de Pesquisa Econ3mica Aplicada  
LGBT - L3sbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transg3neros  
MdV - Marcha das Vadias  
MdV/JP - Marcha das Vadias de Jo3o Pessoa  
MdV/CG - Marcha das Vadias de Campina Grande  
MMM - Marcha Mundial das Mulheres  
NUDAS - N3cleo Universit3rio pela Diversidade Afetiva Sexual da Universidade Federal da Para3ba  
REDE SA3DE - Rede Nacional Feminista de Sa3de e Direitos Reprodutivos  
REDEFEM - Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas  
REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Rela3o3es e G3nero  
SOF - Sempreviva Organiza3o Feminista



## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Tipo, cidade e data do evento

Quadro 2 - Perfil das (os) participantes

Figura 1 - Manifestante da MdV em João Pessoa/PB em 09/06/2012.

Figura 2 - Manifestante da SlutWalk Berlim/Alemanha em 13/08/2012.

Figura 3 - Manifestante da SlutWalk Calcutá/ Índia em 24/05/2012.

Figura 4 - Manifestante da SlutWalk Sydney/Austrália em 13/06/2011.

Figura 5 - Manifestante da SlutWalk em Jerusalém/Israel 06/03/2012.

Figura 6 - Página do Grupo Marcha das Vadias Nacional no Facebook.

Figura 7 - Página do Grupo Organização Nacional da Marcha das Vadias no Facebook.

Figura 8 - Página do Grupo Marcha das Vadias João Pessoa no Facebook.

Figura 9 - Cartaz de convocação para a reunião aberta da Marcha das Vadias, João Pessoa, 2013.

Figura 10 - Convite na página do Grupo Marcha das Vadias João Pessoa para formação coletiva em feminismo na cidade de Santa Rita.

Figura 11 - Panfleto impresso e também postado no Facebook convida para a formação coletiva em João Pessoa, 2013.

Figura 12 - Ativista da MdV CG 2012 defende a diversidade da categoria Mulher.

Figuras 13 e 14 - Imagens de divulgação da MdV do Distrito Federal em 2012.

Figura 15 - Ativista discute racismo na MdV Campina Grande 2012.

Figura 16 - Ativista afirma: Sou mulher, sou negra e Vadia na MdV/JP em 2013.

Figura 17 - Ativista do movimento negro na MdV em João Pessoa 2013.

Figura 18 - Ativista denuncia o preconceito contra as trans na MdV Campina Grande, 2013.

Figura 19 - Ativista defende os direitos das travestis na MdV/CG, 2013.

Figura 20 - Imagem de Indianara Siqueira, postada no grupo Marcha das Vadias Nacional.

Figura 21 - Discussão no grupo Marcha das Vadias Nacional do caso da ativista Indianara Siqueira.

Figura 22 - Marcha das Vadias 2013 em Campina Grande.

Figura 23 - Marcha das Vadias, Campina Grande, 2013.

Figura 24 - Caravana da cidade de Queimadas/PB na MdV em João Pessoa 2012.

Figura 25 - Fotografias de mulheres assassinadas na MdV de Campina Grande/PB (04/08/2012).

Figura 26 - Ativistas pedem Júri Popular para os assassinos da barbárie de Queimadas na MdV de Campina Grande/PB (10/09/2013).

Figura 27 - Briggida Lourenço é lembrada na MdV 2013 em João Pessoa/PB.

Figura 28 - A barbárie de Queimadas é lembrada na MdV 2013 em João Pessoa/PB.

Figura 29 - Ativistas denunciam a cultura do estupro na MdV João Pessoa 2013.

Figura 30 - Palavra de ordem defendida em Marchas no mundo inteiro: “Não é Não”, na MdV de João Pessoa 2013.

Figura 31 - Ativista na MdV em João Pessoa 2013 denuncia a “cultura do estupro”.

Figura 32 - O que causa o estupro? Questionam as ativistas da MdV CG, 2012.

Figura 33 - MdV 2013 em João Pessoa.

Figura 34 - Ativista da MdV-JP, 2013 em João Pessoa denuncia a prática do encoxamento.

Figura: 35 - O corpo é uma festa; o corpo é um negocio (MdV JP 2013).

Figura 36 - O corpo é um protesto ( MdV Campina Grande 2012).

Figura 37- Manifestantes exibem bandeiras relacionadas ao corpo na MdV /João Pessoa 2012.

Figura 38 - Ativistas compartilham o batom vermelho na MdV 2013/João Pessoa/Pb.

Figura 39 - Ativistas se agacham como forma de “alongar” o tempo da MdV.

Figura 40 - Ativistas realizam a pintura corporal na MdV 2012/Campina Grande/Pb.

Figura 41 - Ativistas realizam a pintura corporal na MdV 2012/João Pessoa/Pb.

Figura 42- Ativistas realizam o clássico movimento dos braços erguidos/João Pessoa 2013.

Figura 43- Gesto realizado por algumas ativistas da Marcha das Vadias.

Figura 44 – Participantes do Batuque Margarida aparecem em reportagem sobre a MdV no jornal Correio da Paraíba de 10/06/2012.

Figura 45- Manifestante da MdV João Pessoa (09/06/2012).

Figura 46- Manifestante da MdV João Pessoa (03/09/2013).

Figura 47 - Manifestante da MdV de Campina Grande/PB (04/08/2012).

Figura 48 – Manifestantes pintam camisetas na MdV Campina Grande/PB (04/08/2012).

Figura 49: Postagem no Facebook discute comportamento e identidades na Parada Gay na Paraíba em 2013.

Figura 50: A luta pelo respeito e visibilidade lésbica na MdV de João Pessoa, 2012.

Figura 51: Ativista da MdV Campina Grande 2013 denuncia as normas padronizadoras das identidades.

Figura 52: Ativista da MdV Campina Grande 2012 afirma o direito a exercer sua sexualidade.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1.Os feminismos e suas narrativas.....</b>	<b>40</b>
<b>1.1 As ondas do feminismo no Brasil.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2 Os fios que “costuram” a Marcha.....</b>	<b>51</b>
<b>2.1 Sociabilidades e mobilização da Marcha das Vadias.....</b>	<b>51</b>
<b>2.2 Grupos de articulação e sociabilidades da MdV no Facebook.....</b>	<b>60</b>
<b>2.3 Eu sou Vadia!.....</b>	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3 As palavras de ordem da Marcha das Vadias na Paraíba.....</b>	<b>98</b>
<b>3.1 “Se Ser Vadia é Ser livre, Somos Todas Vadias!”.....</b>	<b>100</b>
<b>3.2 “Somos Todas as Mulheres de Queimadas”.....</b>	<b>110</b>
<b>3.3. “Meu corpo minhas regras”.....</b>	<b>129</b>
<b>3.3 Ela dá a quem quiser.....</b>	<b>146</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>172</b>





## INTRODUÇÃO

Nesta tese, pretendo analisar a Marcha das Vadias, um movimento social bastante novo, que teve início em 2011 no Canadá, e encontra-se hoje em processo de articulação em várias regiões do mundo. Especificamente as percepções das ativistas sobre os sentidos e a linguagem da Marcha das Vadias (MdV) no estado da Paraíba<sup>1</sup>, região Nordeste do Brasil, constituiu o foco deste estudo. As Marchas observadas aconteceram em João Pessoa, nos dias 9 de junho de 2012<sup>2</sup> e 3 de agosto de 2013, e em Campina Grande, nos dias 4 de agosto de 2012<sup>3</sup> e 10 de agosto de 2013.

A primeira Marcha das Vadias aconteceu em 3 de abril de 2011 no Canadá, como resposta a um representante da polícia que, ao ministrar uma palestra numa universidade de Toronto, afirmou que as mulheres deveriam evitar se vestir “como vadias” para não serem vítimas de estupro, atribuindo, assim, ao jeito de se vestir da mulher um convite à sua própria vitimização.

Essa afirmação deu origem à *Slutwalk*, termo traduzido para o português como Marcha das Vadias, que, segundo o site oficial, “atraiu muitos manifestantes em torno da defesa das vítimas de violência sexual e pelo direito de não se julgar as pessoas pela sua roupa, pelo seu corpo ou pelo que fazem com eles (...)”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> O estado da Paraíba se localiza na região Nordeste do Brasil. Segundo o IBGE, sua população atingiu em 2013 a marca de 3.914.418 habitantes. As atividades econômicas principais estão ligadas à agricultura, indústria, pecuária e turismo. Fonte: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pb>>. Acesso em: 6 abr. 2014.

<sup>2</sup> Segundo o Jornal Correio da Paraíba (10/06/2012), a Marcha reuniu cerca de 500 pessoas. João Pessoa possui uma população de 723.515 habitantes (Censo 2010/IBGE). Estudo sobre violência urbana, realizado pela ONG *Seguridad Justicia y Paz* do México, apontou a cidade de João Pessoa como uma das que apresentam os maiores índices de violência no mundo, ficando em 9º lugar mundial e em 3º no Brasil em taxa de homicídios por 100 mil habitantes em 2012. Fonte: <<http://jornalggn.com.br/noticia/o-ranking-das-cidades-mais-violentas-do-mundo>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

<sup>3</sup> A Marcha das Vadias Campina Grande reuniu cerca de 300 pessoas, segundo dados do Portal Correio (04/08/12). Campina Grande possui 385.213 habitantes. (Censo 2010/IBGE).

<sup>4</sup> Tradução livre da autora. Disponível em: <<http://www.slutwalktoronto.com/>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

A Marcha se espalhou por mais de 200 cidades ao redor do mundo, desde aquela data, constituindo-se num movimento social formado por uma rede de relações bastante heterogênea e que apresenta reivindicações diversas dentro de uma pauta convergente. Identifico como bandeiras gerais a todas as Marchas a denúncia das violências sofridas pelas mulheres, a defesa da autonomia sobre o seu próprio corpo, o direito de se vestirem como desejarem e de serem livres sexualmente. A Marcha também tem se caracterizado por sua luta contra a cultura do estupro, pela descriminalização do aborto e contra a homofobia.

Ao iniciar o doutorado, pensei inicialmente em desenvolver uma pesquisa sobre “Indicadores da qualidade de vida no semiárido do Nordeste do Brasil”, dando assim continuidade à pesquisa realizada no mestrado que tratou sobre o uso da água e as novas tecnologias no Nordeste<sup>5</sup>. Entretanto, no decorrer do curso, entrei em contato com as temáticas dos estudos de gênero e feminismos e ocorreram mudanças no caminho, pois encontrei um tema que teve um impacto sobre as minhas convicções.

A pesquisadora Miriam Pillar Grossi (1992, p.16), discutindo a subjetividade inerente à prática antropológica, destaca que:

esta auto-busca influi na interpretação que cada um faz de seu objeto. Penso que não foi o acaso que levou cada um de nós a seguir uma trilha diferente, pois na verdade cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro.

Nessa linha de entendimento, Telma Gurgel (2011, p.36) aponta que “não se pode distinguir razão e subjetividade como elementos distintos do processo de conhecimento, uma vez que é a partir das

---

<sup>5</sup> A pesquisa “Efeitos socioambientais do uso da tecnologia de dessalinização da água no município de Caturité-PB” foi realizada pelo Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema) e teve como objetivo avaliar as repercussões ambientais e sociais do uso da tecnologia de dessalinização de água que estava sendo implantada no Nordeste brasileiro no final da década de 1990. Foi orientada pelo Prof. Dr. Tarciso Cabral da Silva e defendida em 15/02/2002. Disponível em: <<http://www.prpg.ufpb.br/prodema/novosite/dissertacoes.php?pagina=23>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

experiências históricas construídas por sujeitos, em contextos concretos, que se realiza a condição humana”.

A partir dessas considerações, achei importante me apresentar e evidenciar minha relação com o tema escolhido. Sou paraibana, divorciada e professora de geografia da área de Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Cheguei à Marcha das Vadias pelas mãos de minha filha caçula, Juliana Goldfarb, 22 anos, que me sugeriu escrever um artigo para a disciplina “Questões feministas e gênero napesquisa”, ministrada no período de 13 a 18 de maio de 2012, em Vitória de Santo Antão-PE, pela professora Miriam Grossi. Achei uma ótima ideia. Seria um trabalho fácil. Minha filha mais velha, Marina Goldfarb, 24 anos, também esteve na equipe de organização da Marcha em João Pessoa e me levou a uma das oficinas de confecção de cartazes. Então a vida me reservava uma surpresa. Chegou o 9 de junho de 2012, dia da Marcha das Vadias em João Pessoa, e de repente, a área conhecida como Lagoa, o coração da cidade, estava tomada por jovens pintando seus corpos, cantando, gritando palavras de ordem. E então percebi que aquilo tudo era muito maior do que eu podia imaginar. Já tinha sentido uma energia assim, quando participei do movimento pelas *Diretas Já* em 1983/1984 e também do movimento dos *Caras Pintadas* em 1992, e parecia que tudo estava ali de volta – a coragem, a fé e a emoção das pessoas gritando na rua. Eu mesma estava de volta, revigorada, envolvida como há muito tempo não acontecia. Tudo foi acontecendo rápido, ao ritmo das vadias<sup>6</sup>. Não foi preciso muito tempo para me sentir íntima da Marcha. Nas conversas, entrevistas e ouvindo os depoimentos das jovens integrantes, fui entendendo a Marcha e, ao mesmo tempo, sendo levada a pensar nas minhas próprias questões.

A divulgação pela mídia virtual e impressa da Marcha das Vadias em todo o mundo tem gerado uma grande repercussão, desde o apoio até as violentas críticas postadas por internautas anônimos. Observo também uma dificuldade por parte de algumas ativistas dos

---

<sup>6</sup> Tenho percebido que as integrantes da Marcha das Vadias fazem parte de uma geração que possivelmente apresenta um entendimento novo sobre as relações tempo/espço. Creio que isso se reflete na velocidade de decidir, de agir e em seus sentimentos de privacidade/intimidade devido ao uso constante das mídias digitais.

movimentos feministas<sup>7</sup> de pensar a Marcha como expressão do feminismo.

Em um levantamento preliminar no site de busca Google Acadêmico<sup>8</sup>, não encontrei pesquisas específicas sobre a Marcha das Vadias, porém encontrei 699 trabalhos que mencionavam o referido termo<sup>9</sup>, sendo que apenas 6 deles referiam a Marcha no título. No banco de teses da Capes<sup>10</sup>, não identifiquei trabalhos com o termo “Marcha das Vadias”, mas 58 artigos mencionavam o termo “*Slutwalk*”. No site SciELO<sup>11</sup>, não encontrei estudos que mencionassem estes termos. Constatei que a maioria dos trabalhos encontrados foram escritos por novos pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação. Neles o termo “Marcha das Vadias” apareceu como exemplo de novos movimentos sociais, ações sociais e do corpo como expressão. Nesse sentido, a originalidade do tema da pesquisa é um dos aspectos que a torna relevante e desafiadora, pois aborda um tema importante e ainda pouco estudado.

A Marcha das Vadias, através do site de relacionamento *Facebook*<sup>12</sup>, tem na internet o principal meio de articulação, no qual as palavras de ordem e as performances das Marchas vão sendo traduzidas e incorporadas às reivindicações locais. Entendo que a Marcha representa um processo ainda em construção, liderado e formado

<sup>7</sup> KAPUR, Ratna. **Pink Chaddis and SlutWalk Couture: The Postcolonia I Politics of Feminism Lite**: Springer Science & Business Media, 2012, v. 20, fasc. 1, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

<sup>8</sup> O Google Acadêmico é uma ferramenta de busca do site de procura Google que seleciona trabalhos acadêmicos disponibilizados na internet.

<sup>9</sup> Última pesquisa realizada em 25/03/2013.

<sup>10</sup> O banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é um portal de periódicos cujo objetivo é facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas a partir de 1987 junto a programas de pós-graduação do país. A ferramenta permite a pesquisa por autor, título e palavras-chave.

<sup>11</sup> A SciELO (Scientific Electronic Library Online) é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

<sup>12</sup> *Facebook* é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004, de propriedade privada da Facebook Inc. e operado por ela. Em 2014, o *Facebook* atingiu a marca de 1,23 bilhão de usuários ativos. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em: 4 fev. 2014.

principalmente por mulheres jovens, não havendo meios de prever seus futuros desdobramentos. Porém defendo o ponto de vista de que a Marcha pode ser interpretada como uma expressão dos movimentos feministas atuais, capaz de enfatizar, numa linguagem própria, velhas e novas bandeiras dos movimentos feministas. Essa é a hipótese geral deste estudo, conforme será esclarecido mais adiante.

Assim, esta pesquisa tem como tema as novas expressões dos movimentos feministas, especialmente a Marcha das Vadias. Essa Marcha teve início em abril de 2011 e, em poucos meses, já havia sido espalhada e traduzida em diversas cidades nas Américas, Europa, África e Ásia.

O problema desta pesquisa pode ser traduzido em várias questões: até que ponto, segundo as ativistas, a Marcha seria feminista? Quais os fatores que aglutinam essas ativistas, com histórias e situações socioeconômicas tão diversas? Como acontece a reverberação das temáticas e da linguagem da Marcha? De que modo elas definem as bandeiras do movimento, expressas nas palavras de ordem mais frequentes? Como articulam as redes de sociabilidade e as mobilizações? Esta pesquisa se propõe a pensar essas questões a partir das manifestações da Marcha das Vadias realizadas no estado da Paraíba nos anos de 2012 e 2013, e, assim, indicar as principais características dessa manifestação.

O objetivo geral deste trabalho é portanto, investigar as percepções das ativistas da Marcha das Vadias no estado da Paraíba sobre as principais categorias do movimento: *vadia*, *cultura do estupro*, *identidades de gênero* e *orientação sexual*, entendendo que essas categorias estão articuladas e se refletem na sua linguagem e nas ações do grupo em estudo.

Os objetivos específicos são:

- Analisar as representações coletivas presentes nas falas, imagens e performances produzidas pela Marcha;
- Identificar as sociabilidades que se desenvolvem no Grupo Marcha das Vadias JP, no *Facebook*;
- Identificar as principais palavras de ordem e reivindicações da Marcha das Vadias na Paraíba;
- Analisar as manifestações da Marcha das Vadias em João Pessoa e Campina Grande.

## Enfoque teórico e caminhos metodológicos

Esta pesquisa se fundamenta nos estudos de gênero e nas teorias feministas e tem caráter interdisciplinar, inspirando-se nos debates sobre as seguintes categorias teóricas centrais: *movimentos feministas, sociabilidades e articulações políticas na pós-modernidade, violência de gênero, identidades e sexualidades*.

Para discutir os movimentos feministas, utilizei, como principais referências teóricas, as contribuições de Clare Hemmings (2009), June E. Hahner (2003), Lourdes Maria Bandeira (2000), Joana Maria Pedro (2005) e Céli Regina Jardim Pinto (2003), entre outras; para apresentar as sociabilidades e articulações políticas na pós-modernidade, adotei as contribuições de Anthony Giddens (1997), Manuel Castells (1999) e Stuart Hall (2012); para pensar o tema violências de gênero, utilizei as contribuições de Bourdieu (2010), Diana Russell (2008) e Rita Laura Segato (2008); para discutir as identidades e sexualidades, utilizei como contribuições centrais as formulações de Michel Foucault (2004), Joan Scott (1995) e Judith Butler (2012).

Nas primeiras páginas desse estudo, mencionei que foi a experiência de campo que me motivou a pesquisar sobre esse tema. Em seguida, descreverei os principais passos adotados na construção da etnografia do grupo pesquisado.

Em primeiro lugar, reconheço que sou feminista e tenho afinidade com a Marcha das Vadias. Moro com duas filhas que são ativistas da Marcha<sup>13</sup> e estamos sempre discutindo sobre suas ações. Tendo em vista a consciência dessa identificação pessoal, considero necessário refletir sobre a subjetividade como parte do processo de conhecimento.

Nesse sentido, concordo com Sondra Farganis (1997, p.224) quando afirma que a epistemologia feminista critica o modelo cartesiano de fazer ciência, pois tem como pressuposto que o conhecimento do mundo é socialmente construído, determinando e sendo determinado pelo gênero, pois este vai distinguir quem somos, como pensamos e também como fazemos ciência. Trata-se de destacar algumas dessas peculiaridades da pesquisa realizada por mulheres, visto que:

---

<sup>13</sup> Neste estudo, minhas filhas não foram incluídas como informantes da Marcha das Vadias.

a contestação feminista não é a de afirmar que as mulheres podem, tão bem quanto os homens, raciocinar ou “fazer” ciência tal como é praticada agora. Em vez disso, sua posição é de que as mulheres que reconhecem e aceitam os pressupostos feministas sobre o mundo praticarão ciência de modo diverso num mundo que legitime esses pressupostos: usarão uma metodologia diferente ou se basearão num conjunto diferente das práticas para observar e compreender o mundo à sua volta.

Assim, SondraFarganis (1997, p.225) explica que o fazer ciência é influenciado pelo gênero, como também por fatores sociais, históricos e pela emoção do pesquisador<sup>14</sup>. Juntos, esses fatores vão tecer os processos através dos quais as ideias são geradas e compreendidas.

Por outro lado, reconhecer a dimensão subjetiva da pesquisa como parte do método de um trabalho não implica dizer que seja um trabalho sem método. Para a pesquisadora Mara Coelho de Souza Lago (1996, p. 19), ir ao campo além do mergulho em uma nova dinâmica requer do pesquisador o treino do olhar e da escuta:

o método antropológico vai além da observação das instituições e das práticas dos agentes sociais. Como “observação participante”, leva o pesquisador a se deter na escuta da voz do outro, procurando penetrar no mundo de suas representações, no seu universo simbólico.

---

<sup>14</sup> Em um momento em que entrevistava uma ativista com os seios desnudos na Marcha de Campina Grande (04/08/2012), eu não conseguia me sentir à vontade, queria pedir que elase vestisse logo eterminar a entrevista. Eu ali conversando e gravando o depoimento da moça de 24 anos e dois homens com olhares maledicentes falando entre si, sorrindo e olhando para os seios delas, eu os olhava irritada, querendo tomar satisfação. Então ela percebeu e disse: “Liga para eles não, é por esses que estamos aqui.”

Assim, procurei reconhecer as significações que as participantes<sup>15</sup> da Marcha das Vadias atribuem às suas palavras de ordem, seus gestos e performances.

Observo que a linguagem da Marcha das Vadias não se realiza apenas com as palavras dos informantes, ela se realiza no contexto de uma variada rede de significações, as quais incluem músicas, gestos, maquiagem, vestimenta, na escrita da Carta Manifesto, nos cartazes, nas palavras de ordem gritadas e pintadas nos corpos e mesmo naquilo que é silenciado nas entrevistas. Toda a dinâmica da Marcha, com sua linguagem verbal e não verbal, foi fonte de informação, através da qual foi possível entender suas significações.

Meu olhar esteve sempre direcionado para as ativistas. Mesmo acompanhando noticiários e artigos referentes à MdV, optei não selecioná-los como parte de meu estudo. Observei que cada aspecto, começando pelo nome, a forma de articulação, as palavras de ordem, as performances, as relações travadas entre as ativistas e sua ação são faces que se complementam coerentemente na gênese do movimento. Nesse sentido, no processo de redação desta tese, procurei conservar essa característica própria da Marcha, apresentando sua etnografia em um capítulo intitulado: “O fio que costura a Marcha”, que, embora apareça subdividido por temas, tomei o cuidado de não torná-los estanques.

## **Os lugares de encontro do grupo pesquisado**

A pesquisa etnográfica se realizou através de dois tipos de interação com o grupo selecionado. O campo da minha pesquisa aconteceu tanto da forma tradicional, com a observação participante *in loco*, na qual foi possível participar e registrar as ações e atividades do grupo, como também foram realizadas entrevistas. Outra forma de aproximação realizada foi a chamada etnografia virtual, em que passei a acompanhar as postagens, as reuniões e discussões on-line, e a trocar

---

<sup>15</sup> Embora tenha percebido uma crescente presença de homens na Marcha, no período estudado, estes eram minoria, tanto na Paraíba quanto em outras que tenho tomado conhecimento através da rede, matérias de jornais, etc. Além disso, é importante enfatizar que os participantes do sexo masculino, independente de sua orientação sexual, adotaram a denominação de Vadia, não observei em nenhuma Marcha a utilização do termo “vadio”. Diante disso optei por utilizar sempre o feminino ao me referir aos seus participantes. Utilizei uma letra aleatória para identificar cada depoente, preservando assim suas identidades.



mensagens com o grupo. A MdV é um grupo que se comunica diariamente pela internet, pelo site de relacionamentos *Facebook*, constituindo as chamadas práticas cibernéticas da web-militância.

Assim, meu primeiro contato com as ativistas da Marcha na Paraíba se deu a partir de um questionário<sup>16</sup> postado no *Facebook* do Grupo Marcha das Vadias - João Pessoa, durante o período de 02/06/2012 a 08/06/2012, o qual foi respondido por 16 participantes e enviado ao meu e-mail. Nesse caso, essas informantes responderam espontaneamente ao meu chamado e essa aproximação me forneceu os primeiros dados sobre o seu perfil, deixando a impressão de que eu teria facilmente acesso ao grupo. Assim, posso dividir meu campo de pesquisa em presencial e virtual.

### **Campo virtual**

Como já foi dito, é a partir do *Facebook* que o grupo Marcha das Vadias se articula<sup>17</sup>, registrando-se constantemente denúncias, discussão de pautas de reivindicações, preparação de eventos e divulgação das bandeiras através das *blogagens* coletivas. Nesse sentido, é também no espaço virtual que o grupo realiza sociabilidades, criando assim sentimentos de pertencimento e comunidade.

Assim, para realizar a pesquisa, em 13/06/2012 me cadastrei no *Facebook* e passei a acompanhar diariamente as postagens do Grupo MdV João Pessoa, MdV Campina Grande, Grupo Marcha das Vadias Nacional e do Grupo “Organização Nacional da Marcha das Vadias”. Passei a monitorar também as discussões dos sites “Blogueiras Feministas”<sup>18</sup>, “Feministas Cansadas”, “Blogueiras Negras”, “O

---

<sup>16</sup> Este questionário encontra-se em Apêndice.

<sup>17</sup> No capítulo 2, discuto mais detalhadamente como acontecem as sociabilidades e articulações da MdV.

<sup>18</sup> Em depoimento, uma das ativistas do Blogueiras Feministas afirma que: “não somos ativistas feministas institucionalizadas. Eu nunca estive em um protesto antes, nem participei de movimentos ativistas. Mas estamos aprendendo e tem sido incrível para mim. Admito que eu comecei do zero, mas aquelas pessoas que se sentam atrás de seus computadores não têm idéia do trabalho duro por trás. É irritante, porque eles têm o conforto do anonimato, dizendo que não deveríamos estar fazendo isso, ou deveríamos estar fazendo outra coisa, quando eles próprios não estão fazendo nada e nem estão trabalhando para nenhuma das causas que consideramos importante.” Fonte:

Machismo Chato de Cada dia”, “Coletivo Ruas das Vadias”<sup>19</sup>, entre outros. As ativistas que escrevem para esses grupos e sites são também articuladoras da Marcha das Vadias em suas regiões.

### Corpo-a-corpo

A outra forma de encontro com meu grupo de pesquisa foi durante os eventos da MdV, nos quais pude realizar a observação participante. Nesses encontros não foi possível realizar as entrevistas propriamente ditas, mas consegui colher vários depoimentos das ativistas que foram gravados para facilitar contatos posteriores. Além disso, fiz várias fotografias para análise. Procurei chegar antes da hora prevista para o evento, podendo observar as primeiras ações de organização: confecção de faixas e cartazes, pinturas corporais, compartilhamento do batom vermelho, trocas de ideias, entre outras atividades. Essas foram situações de ápice do movimento, em que as conversas e depoimentos tiveram apenas alguns minutos, com o calor do momento ditando as questões, muitas vezes sem seguir o roteiro. Esses depoimentos foram muito importantes, mesmo sendo rápidos, por conseguirem responder de forma espontânea sobre o porquê de estarem ali, o que achavam do nome Marcha das Vadias e quais as principais bandeiras de luta.

No total, 24 pessoas foram ouvidas, sendo 21 mulheres e 3 homens. Esses encontros aconteceram em sete momentos distintos, nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Santa Rita, como pode ser acompanhado no quadro 1.

Posteriormente aos eventos, resolvi limitar o número de informantes a oito ativistas, para poder aprofundar o sentido particular que cada uma/um atribuía aos temas centrais da MdV, sendo quatro participantes da MdV de João Pessoa e quatro da MdV de Campina Grande. Procurei entrevistar as manifestantes que se encontravam na

<<http://blogueirasfeministas.com/2012/05/marcha-das-vadias-coletividade-e-mobilizacao/>>. Acesso em: 12 mar. 2012

<sup>19</sup> Principais sites pesquisados: <<http://blogueirasfeministas.com/>>;

<<http://www.feministacansada.com/>>;

<<http://blogueirasnegras.wordpress.com/>>;

<<http://machismochatodecadadia.tumblr.com/>>;

<<http://machismochatodecadadia.tumblr.com/>>;

<<http://ruadasvadias.blogspot.com.br/>>. Último acesso em maio de 2014.

e

organização das MdV de João Pessoa<sup>20</sup> e Campina Grande<sup>21</sup> e as participantes que ficaram com os seios desnudos nas Marchas de João Pessoa 2012 e 2013<sup>22</sup>.

**Quadro 1 - Tipo, cidade e data do evento**

<b>EVENTO</b>	<b>CIDADE</b>	<b>DATA</b>
1. Oficina de cartazes	João Pessoa	06/06/2012
2. Marcha das Vadias JP	João Pessoa	09/06/2012
3. Manifestação Luto e Luta	João Pessoa	06/07/2012
4. Marcha das Vadias CG	Campina Grande	04/09/2012
5. Formação Coletiva em Feminismo	Santa Rita	01/09/2013
6. Marcha das Vadias JP	João Pessoa	03/09/2013
7. Marcha das Vadias CG	Campina Grande	10/09/2013

Essas entrevistas tiveram de uma a duas horas de duração e aconteceram em diversos locais: na UFPB, em bares, em um shopping da cidade e na minha casa, otimizando o encontro com um roteiro de questões que contemplava temas como sexualidade, aborto e violência contra a mulher.

Pude ouvir de algumas participantes aspectos importantes de suas vidas, como dados do seu cotidiano, expectativas amorosas e como

---

<sup>20</sup> Segundo o Jornal Correio da Paraíba (10/06/2012 e 04/09/2013), a MdV em João Pessoa reuniu cerca de 500 pessoas em 2012 e cerca de 400 pessoas em 2013.

<sup>21</sup> A MdV Campina Grande reuniu cerca de 300 pessoas em 2012 e cerca de 350 em 2013, segundo dados do Portal Correio. Acessos em 04/08/12 e 11/09/2013.

<sup>22</sup> Entre as ativistas que optaram por denudar os seios, entrevistei uma jovem transexual que afirmou a importância de participar dessa performance ao fortalecimento de sua feminilidade.

chegaram até a MdV. Algumas delas já participavam de outros coletivos sociais e se diziam feministas, enquanto para outras a identificação com a MdV aconteceu devido a um evento recente, pessoal ou social.

Também foi objeto de reflexão uma coleção pessoal de fotografias da Marcha das Vadias na Paraíba<sup>23</sup>, além de inúmeras imagens e vídeos que pude coletar na internet<sup>24</sup> das MdV que aconteceram em 2011, 2012 e 2013 em todo o mundo. As imagens das fotografias e os vídeos foram imprescindíveis para o estudo. A partir deles, foi possível elencar as principais palavras de ordem escritas nas faixas, cartazes e corpos; observar as gestualidades; ouvir repetidamente as músicas e os dizeres das Marchas.

A seguir, no Quadro 2, sintetizo o perfil das/os entrevistadas/os, registrando suas idades, nível de escolaridade, estado civil, acesso à internet, bem como suas percepções sobre pertencimento étnico/racial e socioeconômico.

O quadro revela o perfil das/dos selecionadas/dos para realização das entrevistas durante o período da pesquisa (os anos de 2012 e 2013). Quanto à idade, embora seja perceptível que o grupo estudado é formado predominantemente por jovens do sexo feminino em torno de 20 anos, observamos também a presença de adolescentes (que aparentavam idade entre 16 e 18 anos) e crianças (menores de 11 anos) acompanhados por seus jovens pais. A menor presença nas Marchas foi do grupo de pessoas adultas (acima de 40 anos) e (idosos acima de 60 anos). Acreditamos que essa amostra foi suficiente para obtermos uma visão geral da MdV na Paraíba.

---

<sup>23</sup> A Marcha das Vadias que aconteceu em 2012 em João Pessoa foi fotografada, ao meu pedido por meu genro Caio Correia (fotógrafo amador) e a mim cedidas. Já as imagens analisadas das Marchas que aconteceram em 2013 em João Pessoa e em Campina Grande (2012 e 2013) são de minha autoria.

<sup>24</sup> Como exemplo, analisei as imagens disponíveis em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2012/05/04/marcha-das-vadias-pelo-mundo.htm#fotoNavId=pr9217885>>. Acesso em: 12 jun. 13.

**Quadro 2 - Perfil das(os) participantes**

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade</b>	<b>Raça / Etnia</b>	<b>Profissão / Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Camada socioeconômica</b>	<b>Acesso à internet</b>
A	22	Branca	Jornalista	Solteira	Média	Sim
B	23	Negro	Assis. social	Solteiro	Média	Sim
C	35	Parda	Artista visual	Divorciada	Popular	Sim
D	22	Branca	Est. univ.	Solteira	Média	Sim
E	22	Negra	Professora	Solteira	Popular	Sim
F	22	Negra	Est. univ.	Solteira	Popular	Sim
G	21	Mestiça	Est. univ.	Solteira	Média	Sim
H	32	Mestiça	Professora	Casada	Média	Sim
I	28	Branca	Est. univ.	Solteira	Popular	Sim
J	21	-	Est. univ.	Solteira	Média	Sim
K	25	-	Est. univ.	Solteira	Média	Sim
L	36	Mestiço	Professor	Divorciado	Média	Sim
M	24	Parda	Advogada	Solteira	Média	Sim
N	23	Mestiça	Socióloga	Solteira	Média baixa	Sim
O	27	Parda	Est. univ.	Solteira	Popular	Sim
P	22	--	Est. téc.	Solteira	Média baixa	Sim
Q	22	Mestiça	Estudante	Solteira	Média	Sim
R	21	Parda	Estudante	Solteira	Média	Sim
S	22	Negra	Estudante	Relac. estável	Média	Sim
T	23	-	Estudante	Solteira	Média	Sim

U	24	Branco	Comerciário	Solteiro	Média	Sim
V	24	Mestiça	Sup. pós.	Solteira	Média baixa	Sim
W	23	Branca	Estudante	Solteira	Média	Sim
X	63	Mestiça	Pedagoga	Casada	Popular	Sim

Como se pode perceber, no quadro acima, a participação é predominantemente de jovens do sexo feminino, estudantes universitárias, solteiras e com idade em torno dos 23 anos. Esse dado confirma a origem do movimento da MdV ligada ao movimento estudantil universitário. Essas jovens são provenientes principalmente das camadas médias e populares, que se dedicam ao estudo em período integral e admitiram que tem acesso à internet na própria residência. Com relação à composição étnico/racial, a maioria se identifica como mestiça ou parda, coincidindo com a maioria da população da Paraíba e do Nordeste em geral. Sendo que, algumas não quiseram se identificar.

No ano de 2013, interessadas em ampliar a ação da Marcha, observamos ações como palestras e rodas de conversas, no sentido de trazer para participação da MdV na Paraíba jovens de camadas populares que moram na periferia da região metropolitana de João Pessoa.

A seguir, apresentarei a tese, que foi organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Os feminismos e suas narrativas” trata brevemente do pensamento e das lutas do movimento feminista ocidental, na tentativa de poder interpretar, com maior clareza, as relações da Marcha com os feminismos. Dado o seu caráter de síntese, adotamos a divisão mais usada, que divide o feminismo em fases conhecidas como “Ondas”. Entendendo que, tal qual as ondas do mar, as ideias passam por períodos de avanços e outros de retração, porém nunca quebram na mesma praia, encontrando-se em constante processo de transformação e construção. Essa síntese foi importante para perceber as lutas internas entre os vários feminismos, sua continuidade, e a Marcha como renovação das lutas pela liberdade que tem caracterizado as diferentes ondas dos movimentos.

O segundo capítulo se denomina “Os fios que ‘costuram’ a Marcha”, e nele procuramos discutir o que consegue unir pessoas em países com culturas e situações socioeconômicas tão diferentes. Seu

conteúdo se divide em três itens: “Sociabilidades e mobilização da Marcha das Vadias”, no qual descrevemos como se dá a comunicação que torna possível as articulações e as formas de sociabilização da Marcha; “Grupos de articulação e sociabilidades da MdV no *Facebook*”, que é uma extensão do item anterior, e “Eu sou Vadia!”, em que procuramos apresentar as ativistas: quem são, o que querem e quais os elementos de identificação comuns entre elas.

No terceiro capítulo, “As palavras de ordem da Marcha das Vadias na Paraíba”, apresentamos as temáticas que unem a MdV, identificamos os principais dizeres e selecionamos três entre as principais bandeiras para discutir. A primeira delas, “Se Ser Vadia é Ser livre, Somos Todas Vadias!”, trata da palavra de ordem que deu nome ao coletivo e nos indica uma escolha estratégica, de apropriação e ressignificação do termo “vadia”. A segunda, “Somos Todas as Mulheres de Queimadas”, trata da violência que identificamos como principal tema gerador da Marcha. Discutimos a categoria “cultura do estupro”, tema mundial das diversas Marchas pelo mundo, e a percepção dessa categoria no estado da Paraíba. A terceira palavra de ordem, “Meu corpo minhas regras”, trata do corpo como expressão, linguagem e reivindicações da Marcha e por fim, “Ela dá a quem quiser”, trata dos modos como as identidades de gênero e as sexualidades são entendidas pelas participantes da MdV.

## CAPÍTULO I

### 1 Os feminismos e suas narrativas

*“A história é uma  
estória que os  
entusiastas da  
cultura ocidental  
contam uns aos  
outros”.*

*(Donna Haraway)*

Este capítulo discute os feminismos e suas narrativas e sintetiza as ondas do feminismo. Essa breve retrospectiva é importante para identificar as similaridades e diferenças da MdV com as lutas históricas dos feminismos e responder se podemos identificá-la como um novo exemplo do movimento feminista mundial.

O movimento feminista ocidental teve início a partir do século XIX, quando, de forma coletiva e organizada, as mulheres começaram suas lutas por direitos jurídicos, desencadeando o movimento sufragista e demandando melhores condições de trabalho, educação, entre outras frentes. Essa luta histórica pelos seus direitos tem sido reconhecida como movimentos feministas, tal como se refere mais recentemente, para enfatizar a pluralidade de tendências teóricas e políticas.

Consideramos que o feminismo, como todo movimento social, reproduz relações de dominação e lutas internas, em que conflitos raciais, de classes e geracionais estão constantemente sendo confrontados. Nesse sentido, a pesquisadora Clare Hemmings (2009), revendo a história do movimento feminista ocidental, lembra que a narrativa feminista, como toda narrativa, é uma construção de poder, na qual são determinados quais conceitos, autores e fatos devem predominar ou estar “marginalizados”. Ou seja, “o conhecimento não é apenas um conjunto de argumentos, mas também um reflexo de interesses”, que, construído pessoal e socialmente, molda quem somos e como pensamos (FARGANIS, 1997, p. 227).

Assim, embora possua um eixo comum que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres, o feminismo congrega uma diversidade de tendências, nos vários contextos históricos e sociais em que se desenvolve, conforme as camadas sociais, a geração, a cultura e a etnia de suas ativistas.



Natalia Andujar (2012)<sup>25</sup>, ativista do feminismo islâmico, alerta para a existência de um discurso hegemônico do feminismo:

Muchas feministas institucionales y mediáticas se han arrogado el derecho a decidir quién es feminista y quien no, como devem pensar las mujeres, como deben vestirse, cuál há de ser su agenda política y como deben combatir las religiones para finalmente poder entrar en el templo feminista-blancoburgués.<sup>26</sup>

Para essa autora, além do combate cotidiano contra o preconceito machista, sempre vai existir outro, dentro do próprio feminismo, que não deve ser visto como único. As reivindicações que predominam hoje nos coletivos feministas ocidentais, por exemplo, podem não ser as mesmas das feministas do oriente.

Sobre o debate entre academia e militância no feminismo, Bila Sorj (2012)<sup>27</sup>, lembrando a sua própria trajetória, relata que “a nova geração das feministas primeiro descobre as autoras e depois é que descobre o feminismo como ideal, nossa geração foi diferente, fomos levadas da militância para a academia (...)”. Afirma ainda que:

A linguagem é diferenciada, são campos de disputas pelas relações de poder. Mas, quem

---

<sup>25</sup> Natalia Andujar é diretora do Centro de Formación Educaislam, em Barcelona/Espanha, com formação em Linguística pela Universidade de Sorbonne, Paris. Fonte: <<http://ndeyeandujar.wordpress.com/2012/08/26/el-feminismo-no-esta-en-venta-o-no-deberia-estarlo/>>. Acesso em 14/01/2013.

<sup>26</sup> Muitas feministas institucionais em mídia acabaram assumindo o direito a decidir quem é, e quem não é feminista, como devem pensar as mulheres, como devem se vestir, qual deve ser a sua agenda política e como devem combater as religiões, para finalmente poder entrar no templo feminista-branco-Burguês (ANDUJAR, 2012. Tradução livre minha).

<sup>27</sup> Mesa Redonda de abertura do Evento “20 anos da Revista Estudos Feministas: Militância e Academia nas Publicações Feministas”, dias 7, 8 e 9 de novembro de 2012, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis.

detém o poder sobre o feminismo, as ONGs ou a academia? Como se não fôssemos parte de uma mesma coisa, de uma militância feminista plural, diferentes espaços onde a militância feminista acontece. (SORJ, 2012).

Nas palavras de BilaSorj (2012), os embates teóricos e de práticas existem dentro do movimento feminista, porém é importante reconhecer que existe uma unidade dentro do feminismo plural, pois o feminismo não é apenas uma categoria descritiva, mas uma opção filosófica e política que expressa e, ao mesmo tempo, orienta a experiência vivida de seus narradores.

Sobre as investigações feministas, entendo que não são técnicas que definem por si só uma pesquisa feminista; não se trata apenas de estudos qualitativos sobre mulheres (embora possamos estudar mulheres). A pesquisa feminista possui um conceito e uma metodologia feminista, é um processo que afeta as subjetividades de quem pesquisa e é afetado por elas, sendo assim, é um estudo situado e subjetivo, e como produção política, implica responsabilidade de quem produz conhecimento.

## 1.1 As ondas do feminismo no Brasil

No início deste capítulo, procurei discutir a relação entre as narrativas do movimento feminista e as visões conceituais de quem as escreve. Agora pretendo apresentar as principais reivindicações e formas de articulação do movimento feminista em suas *Ondas* históricas, ciente do reducionismo didático desses marcadores temporais se pensados como etapas estanques.

A primeira onda do movimento feminista teve início no século XIX e atravessou o início do século XX. Esse período compreende os cem anos das primeiras organizações de mulheres, conhecidas como igualitaristas e sufragistas. Várias autoras coincidem ao afirmar que as principais reivindicações desse período se relacionam com o acesso aos direitos políticos de votarem e de serem eleitas. Outras reivindicações dizem respeito ao tema trabalho, como salário igual para trabalho igual, diminuição da jornada e melhorias das condições de trabalho (BANDEIRA, 2000; PEDRO, 2005 e TELES, 2003).

As mulheres sempre lutaram por melhores condições de vida ou de trabalho. Isoladas ou organizadas em grupos, aquelas que reivindicam direitos fazem parte do chamado “movimento de mulheres”.

De acordo com Maria Amélia de Almeida Teles (2003), esse movimento torna-se feminista quando essa ação tem como pauta o combate à discriminação e à subalternidade das mulheres.

Segundo a socióloga Lourdes Maria Bandeira (2000, p. 16), o primeiro “ato do movimento feminista”, que marca o início da Primeira Onda, foi “a luta da mulher como sujeito irrepresentável”. Com essa luta histórica pela igualdade de direitos políticos, essas mulheres foram pioneiras dos feminismos, como, por exemplo, o direito ao voto e à igualdade salarial.

Para a historiadora JuneHahner (2003, p. 276), as organizações feministas brasileiras desse período procuraram se distanciar da imagem das sufragistas inglesas, consideradas agressivas. Assim, “na segunda metade do século XX, um moderado movimento feminista tinha passado a ser aceito no Brasil (...) e novos jornais feministas sem qualquer caráter radical surgiam nos principais centros urbanos”. Para essa autora, as principais reivindicações do movimento feminista desse período eram o direito ao voto e à escolarização das mulheres.

Ainda, segundo Hahner (2003, p. 334), diferente da Inglaterra, o movimento sufragista no Brasil era formado por mulheres da elite, que reafirmavam os papéis normativos, de senhoras respeitadas da sociedade, para reivindicar o voto, não chegando nunca a ser um movimento de massas, nem sequer atraindo algumas ativistas das classes populares, “mostrava-se extremamente difícil o estabelecimento de elos entre as classes. O movimento feminista, como os movimentos masculinos, não conseguia romper as divisões de classe prevaletentes no Brasil.”

Hahner (2003) ressalta que os problemas referentes às mulheres trabalhadoras foram sendo incorporados nas pautas das reivindicações do feminismo brasileiro no início do século XX, não obstante o caráter elitista do movimento.

Por outro lado, Bandeira (2000) afirma que, apesar da realização progressiva do direito ao voto para as mulheres, os partidos políticos existentes na América Latina não incorporavam as demandas das mulheres. Para essa autora, foram as feministas da Primeira Onda que organizaram as primeiras greves de trabalhadoras no Brasil, durante as duas primeiras décadas do século XX. Algumas delas na condição de chefes de família, trabalhadoras e operárias da indústria têxtil, da indústria alimentícia, também, professoras, lutaram contra os baixos salários, as longas jornadas e as condições desfavoráveis no trabalho.

Entre as personagens importantes desse período, podemos citar a educadora e escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, considerada

uma intelectual influente e uma das primeiras feministas do Brasil. Lutando contra a escravidão, ela era uma exceção à sua época, isso porque, segundo Hahner (2003, p.58), “em meados do século XIX, poucos brasileiros abastados protestavam contra as condições econômicas e sociais sob as quais vivia a ampla maioria da população – homens e mulheres – ou se opunham a instituições específicas, tal como a escravidão”.

Hahner (2003) cita a publicação da obra “Direitos das mulheres e injustiças dos homens” em 1832, por Nísia Floresta, tornou-se um marco teórico do movimento feminista no Brasil, provocando discussões sobre o papel das mulheres. Trata-se da tradução livre de “Revindication of Rights of Women” de Mary Wollstonecraft (1759-1797). Nísia Floresta escreveu vários artigos sobre a emancipação feminina, que circularam em 1831 no jornal Espelho das Brasileiras, de Pernambuco. Os principais temas abordados eram: as conquistas femininas na Europa e nos EUA, a educação para as mulheres e a maternidade.

Também se destaca nesse período Francisca Dinis, escritora e proprietária de jornal, com a obra “O sexo feminino”, lançada em 1873, que propõe a igualdade de capacidades entre homens e mulheres e apresenta a educação para as mulheres como instrumento de libertação, além da jornalista Josefina Azevedo, que em 1882 publica “A família”, conclamando as mulheres a se organizarem na defesa dos seus direitos (MARTINS e ALCANTARA, 2012).

Outro marco importante foi a criação, em 1910, por Leolinda Daltro, no Rio de Janeiro, do primeiro grupo de estudos feminista, que deu origem em 1922 à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Bertha Lutz é considerada a maior representante desses grupos, formados principalmente por mulheres da classe média e elites urbanas, embora contasse também com a participação das mulheres de camadas sociais menos favorecidas economicamente (MARTINS e ALCANTARA, 2012).

A Paraíba foi um dos últimos estados brasileiros a criar uma associação em defesa dos direitos das mulheres, que instalando-se na Escola Normal Oficial do Estado, foi criada em 11 de março de 1933 a Associação Parahybana pelo Progresso Feminino, por iniciativa das senhoras Lydia Guedes, Alice Monteiro, Olivina Olívia, Analice Caldas e Ritinha Miramar, que em apenas uma semana já contava com cinquenta inscritas (SOUSA, 2008).

Segundo Bandeira (2000) e Pedro (2005), a Segunda Onda do movimento feminista aconteceu entre meados de 1960 e 1980 e ficou

marcada pelas reivindicações referentes ao corpo e à sexualidade, como o direito ao prazer, a contracepção e o aborto. Foi um período de conquista de novos territórios de lutas com a emergência do feminismo heterogêneo e plural, que procurava reafirmar a identidade da mulher.

Os grupos de reflexões tornaram-se o principal meio de articulação e de discussão das questões feministas. Além do questionamento aos pensamentos hegemônicos, como a divisão de papéis masculinos e femininos e a submissão ao sexo masculino, novostemas foram sendo incorporados, como a violência doméstica, o assédio sexual, o estupro conjugal. A troca de experiências pessoais, inclusive sobre a sexualidade das participantes (que dificilmente poderiam ser abordados com liberdade em grupos mistos), foi fundamental para fortalecer o sentimento de irmandade entre elas e o entendimento de que as opressões na esfera privada tinham relação com o espaço público: segundo as autoras mencionadas, esse foi o grande avanço do feminismo da Segunda Onda, a politização da vida privada (PEDRO, 2005).

Nesse ponto, é importante destacar que, ao reivindicar questões específicas das mulheres, como a luta pelos direitos reprodutivos e sexuais, que não apareciam na pauta de períodos anteriores, as ativistas feministas defenderam a necessidade de reapropriação do corpo, da individualidade e sexualidade da mulher, vistas até então pela ótica masculina.

Citamos, como exemplo, uma manifestação a favor da legalização do aborto, realizada nos anos 1970, na Praça da Sé, em São Paulo: cartazes com os dizeres “Prazer é revolucionário”, “Aborto livre para não morrer”, “esse corpo nos pertence” e “Solidariedade entre mulheres”, entre outros, foram levantados pelas manifestantes.<sup>28</sup>Corpo e prazer passam a ser vistos como condição para uma vida saudável, e “vida saudável passou a ser um conjunto de vivências que garantia às mulheres e homens planejar suas famílias a partir da livre escolha dentro dos padrões de reprodução que lhes fossem convenientes” (FERREIRA, 2000, p.72).

Para Nancy Fraser (2009), as bandeiras levantadas por essas feministas ampliaram o foco das lutas contra injustiças. Além de

---

<sup>28</sup>Refiro-me a uma fotografia dessa manifestação, In: PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. SP: Ed. Perseu Abramo, 2003. Interessante encontrar essas mesmas bandeiras agora nas “netas” dessas manifestantes, nas Marchas das Vadias pelo mundo afora.

politizar “o pessoal”, essas manifestantes acrescentaram reivindicações de inspiração marxista, focadas na luta de classe, nos determinantes das desigualdades sociais que tinham sido negligenciados, como raça, sexualidade e nacionalidade.

Nesse sentido, esse foi também o momento em que o movimento feminista passou a utilizar sociologicamente a categoria *mulheres*, chamando a atenção para o cotidiano das mulheres negras, pobres e trabalhadoras.

Outro aspecto importante observado nesse período foi a necessidade de reivindicar identidade pelo movimento feminista, o que causou, segundo Joana Maria Pedro, um tipo de comportamento separatista pelas feministas da Segunda Onda. Essas foram chamadas de diferencialistas e essencialistas, pois consideravam o sexo (biológico) como principal elemento de diferenciação dos homens e de identidade na luta contra a subordinação, “principalmente aquelas que seguiam o grupo ligado a Luce Irigaray e Hélène Cixous, na França, em comparação com as seguidoras de Simone de Beauvoir, considerada igualitarista” (PEDRO, 2005, p.80).

De outra parte, Miriam Teresa de Sá Martins e Karolyne Romero de Alcantara (2012, p. 105) caracterizam a Segunda Onda como o período no qual a bandeira de luta por direitos iguais foi levantada, junto com as denúncias de desigualdades sociais a que a maioria da sociedade estava submetida independente do sexo. O ponto de vista do feminismo de igualdade “preconizava que essa diferença entre homens e mulheres era apenas biológico-sexual, e que ambos, por serem iguais, deveriam ter as mesmas oportunidades”.

Com as ditaduras militares que se instalaram em vários países na América Latina e no Brasil em 1964, a repressão e violência se institucionalizaram, provocando uma retração no movimento feminista, como em outros movimentos sociais. De acordo com a análise de Céli Regina Pinto, esse foi o momento em que muitas das feministas brasileiras se engajaram na luta contra o regime militar, passando por alguns conflitos com seus companheiros de luta que viam no feminismo um “desvio pequeno-burguês”. Essas feministas militantes dos partidos de esquerda conciliaram suas lutas específicas com a questão da fome, da miséria e a desigualdade social no país (2003).

Em meados da década de 1980, juntamente com a luta pela democratização no Brasil, o movimento voltou a crescer, configurando-se um período de reconhecimento e legitimidade social das lutas, e as organizações feministas voltaram a se organizar (HAHNER, 2003; BANDEIRA, 2000).

Algumas autoras identificam, a partir da década de 1990, a Terceira Onda do movimento feminista. Na luta em defesa de suas bandeiras, as mulheres negras, lésbicas, do campo, operárias, entre outras, começaram a imprimir suas especificidades na composição e práticas do movimento. Bem antes nos EUA, Clare Hemmings (2009) questiona a construção da história do pensamento feminista ocidental como uma marcha linear de progresso ou perda, reconhecendo a heterogeneidade e pluralidade do movimento feminista.

A categoria gênero passou a ser utilizada nesse período, “no interior dos debates que se travavam dentro do próprio movimento, que buscava uma explicação para a subordinação das mulheres” (PEDRO, 2005, p.79).

Joan Scott (1990, p. 19), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” indica que o uso dessa categoria não deve se limitar à substituição do termo mulheres:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Segundo essa autora, a utilização da categoria *gênero* deve ser pensada dentro de um sistema de relações, o que implica afirmar que o gênero não é determinado pelo sexo (masculino e feminino) e que ele também não determina a sexualidade de modo direto, mas significa a construção social e histórica das hierarquias entre homens e mulheres no marco das relações de poder.

Assim, apesar de algumas vitórias políticas significativas<sup>29</sup>, as feministas continuam em processo constante de luta por direitos

---

<sup>29</sup> No Brasil, podemos citar como exemplo de “vitória institucionalizada” alguns projetos direcionados às mulheres de camadas populares, como o Programa do Ministério da Educação “Mulheres Mil”, que contempla escolarização profissional. Fonte: <<http://mulheresmil.mec.gov.br/>>. Acesso em 12/02/2013.

humanos, pois, mesmo que alguns deles tenham sido formalmente garantidos, na realidade sua implementação continua encontrando resistências. A esse respeito, Nancy Fraser (2009, p. 13) afirma que:

As críticas feministas de, por exemplo, assédio sexual, tráfico sexual e desigualdade salarial, que pareciam revolucionárias não faz muito tempo, são princípios amplamente apoiados hoje; contudo essa mudança drástica de comportamento no nível de atitudes não tem de forma alguma eliminado essas práticas.

Quanto aos espaços de articulação, a pesquisadora Karla Adrião (2008) aponta o surgimento das ONGs na década de 80 e o desenvolvimento das Redes Feministas nos anos 90 como importantes fatores para consolidação do fazer feminista em grupos. Para essa autora, o feminismo brasileiro vem se organizando com mais força graças ao trabalho das ONG no fomento de ações e de políticas públicas para mulheres. Entretanto, adverte que essa profissionalização do feminismo pode significar algumas vezes perda da autonomia, quando suas estratégias são definidas pelos órgãos financiadores.

Ressalta, também, a mesma autora, que as redes feministas e de mulheres foram criadas com o objetivo de manter conectados os vários movimentos, favorecendo a troca de experiências, tornando-se um grande leque em que vários coletivos podem se reunir. Como exemplo, temos a Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM), a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações e Gênero (REDOR), a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos (Rede Saúde), a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), a Marcha Mundial de Mulheres (MMM) e a Articulación Feminista Marcosur (AFM).

O novo milênio marca a entrada em cena de duas novas configurações do movimento que tem se caracterizado, entre outros aspectos, pela intensa mobilização da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e a Marcha das Vadias (MdV). A MMM teve início em uma campanha lançada em 8 de março de 2000, inspirada na manifestação “Pão e Rosas”, na qual 850 mulheres de Quebec, no Canadá, marcharam 200 quilômetros contestando o capitalismo. “A MMM trazia um debate crítico das causas estruturais da pobreza e também a possibilidade de



construir uma articulação crítica das mulheres com a economia.” (FARIA apud TORNQUIST e FLEISCHER, p.295, 2012).

No Brasil, a MMM começou pela articulação das mulheres da Central Única de Trabalhadores (CUT), da Sempreviva Organização Feminista (SOF) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). E sobrevive, segundo a psicóloga Nalu Faria, que faz parte da sua coordenação executiva, com apoio da Coordenação Internacional, de recursos nacionais e iniciativas de autossustentação. Trata-se de um movimento que tem uma agenda e recursos compartilhados em vários países (FARIA, In: TORNQUIST, FLEISCHER, 2012).

Vemos essa configuração global, em alguns movimentos sociais, como reflexo dos novos cenários políticos ligados à modernização e aos processos de globalização. As novas gerações dos feminismos atingem espaços de mobilização amplos, muitas vezes com dimensões globais, como a MMM e a MdV, mas, ao mesmo tempo, têm conseguido expressar particularidades locais nas suas múltiplas dimensões.

A professora e representante europeia da MMM, Maria José Magalhães (2004, p.17), assim descreve a presença dessa vertente jovem feminista nos fóruns mundiais:

A emergência de novos sectores do feminismo com poucos pontos de contato com o chamado feminismo “histórico”, como é o caso dos grupos de acção directa, das jovens da “nextgeneration”, das jovens imigrantes que nas ruas da França marcharam sob o lema “Nem putas, nem submissas” contra as novas formas de opressão, das raparigas que habitam nas periferias dos grandes centros urbanos, aponta para a existência de uma nova geração de feministas com posições políticas e estratégias diferentes.

A MdV é um exemplo de um novo coletivo feminista, no qual a estratégia de ação imediata mostrou-se eficiente e deu início ao movimento. Observamos que os movimentos feministas antecessores foram fundamentais para a constituição desse longo trajeto geracional, histórico, que possibilitou a emergência atual dos discursos das

participantes da MdV, quetêm como principal palavra de ordem a defesa da autonomia do próprio corpo pelas mulheres, que, como já foi dito, é uma das bandeiras clássicas da Segunda Onda do feminismo.

Embora também ocupe as ruas, tal como ocorreu em épocas anteriores, a MdV tem adotado novas formas de articulação e linguagens, em que, por exemplo, a postagem na internet tem significado aquilo que a panfletagem foi para os movimentos sociais dos anos 1970 e 1980—um meio de divulgação acessível e de baixo custo.

Tudo leva a crer que coexiste, dentro do movimento MdV, uma multiplicidade de coletivos e ações a nível mundial, caracterizando um novo momento do feminismo. Como aponta Butler (2012, p. 22), “talvez exista, na presente conjuntura político-cultural, um período que alguns chamariam de pós-feminista”, e talvez esse seja um momento interessante de ouvir a partir de uma perspectiva feminista o que querem suas ativistas, como se identificam e como constroem sua política feminista.

O crescimento desse movimento recebeu, em seu início (2011 e 2012), algumas críticas de teóricas e articuladoras do feminismo<sup>30</sup>. Essas críticas geralmente estavam relacionadas às ações e à linguagem da MdV. Possivelmente são divergências relacionadas às diferenças geracionais entre as feministas da velha-guarda e as novas atrizes do movimento. No próximo capítulo, trataremos como se dão algumas das formas das sociabilidades e mobilizações na Marcha das Vadias e apresentaremos as ativistas.

---

<sup>30</sup>Ver: NAIR, Yasmim (2011). **Is Slutwalk the end of feminism?** Disponível em: <<http://www.yasminnair.net/content/slutwalk-end-feminism>>. Acesso em: 1º maio 2014.

DINES, Gail; MURPHY, Wendy (2011). **Slutwalk is not sexual liberation.** Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2011/may/08/slutwalk-not-sexual-liberation>>. Acesso em: 1º maio 2014.

## CAPÍTULO II

### II Os fios que “costuram” a Marcha

Este capítulo tem a intenção de apresentar “os fios” que costuram as MdV: como acontecem as sociabilidades, onde as performances corporais e as palavras de ordem são compartilhadas a nível global e local. Discutiremos também o que é “ser Vadia”, as identificações e os sentidos que as manifestantes atribuem a esse termo e, especialmente, os entendimentos de fazer parte deste movimento.

#### II. 1 Sociabilidades e mobilização da Marcha das Vadias

Nas várias imagens disponíveis na internet das Marchas ocorridas a partir de 2011, identificamos alguns elementos comuns a todas elas, como, por exemplo, o uso de batom vermelho pelas ativistas e nas palavras de ordem: “meu corpo, minhas regras” e “Não quer dizer não”, escritas em seus próprios corpos. Esses elementos comuns nos indicam a existência de um padrão das manifestações e, ao mesmo tempo, nos levam a pensar nas condições materiais e imateriais que têm conseguido unir e mobilizar as ativistas em pontos geográficos tão diversos, conforme podemos ver nas figuras a seguir:

Figura 1 - Manifestante da MdV em João Pessoa/PB em 09/06/2012.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Figura 2 - Manifestante da SlutWalk Berlim/Alemanha em 13/08/2012.



Fonte: <<https://www.facebook.com/SlutwalkBerlin?fref=ts>>. Acesso em: jun. 2012.

Figura 3 - Manifestante da SlutWalk Calcutá/Índia em 24/05/2012.



Fonte: <[https://www.facebook.com/SlutWalk.Kolkata/photos\\_stream](https://www.facebook.com/SlutWalk.Kolkata/photos_stream)>. Acesso em: 12 fev. 2013.

Figura 4 - Manifestante da SlutWalk Sydney/Austrália em 13/06/2011.



Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/slutwalkmardigras2012/>>.  
Acesso em: 12 jun. 2012.

Figura 5 - Manifestante da SlutWalk em Jerusalém/Israel 06/03/2012.



Fonte: <<https://www.facebook.com/SlutWalkIsrael?fref=ts>>.  
Acesso em: 12 jun. 2012.

Como podemos observar nas imagens, as palavras de ordem circulam na MdV, evidenciando que as sociabilidades e articulações da Marcha acontecem através do uso das redes virtuais de comunicação pelas ativistas.

O pesquisador Milton Santos (2001) estudou esse processo de internacionalização do mundo, entendendo-o como resultado do apogeu do mundo capitalista, do aprofundamento das técnicas da informação, que possibilitaram a integração mundial:

A grande sorte dos que desejam pensar a nossa época é a existência de uma técnica planetária, que direta ou indiretamente presente em todos os lugares, e de uma política planetária, que une e norteia os objetos técnicos. Juntas elas autorizam uma leitura ao mesmo tempo geral e específica, filosófica e prática, de cada ponto da Terra. Emerge, desse modo, uma universalidade empírica, de modo a ajudar na formulação de ideias que expressem o que é o mundo e o que são os lugares. Cria-se, de fato, um novo mundo. Para sermos ainda mais precisos, o que, afinal, se cria é o mundo como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado. (SANTOS, 2001, p. 39).

O autor (2001, p. 37) acreditava que as novas condições materiais podem realizar uma nova história, com mudanças no comportamento do ser humano, pois “as ricas dialéticas da vida nos lugares criam, paralelamente, o caldo de cultura necessário à proposição e o exercício de uma nova política e de novas sociabilidades”.

Para Anthony Giddens (1997), essas mudanças nos processos de sociabilidades são próprias da pós-modernidade, sendo que a mais importante é o surgimento de uma nova experiência do indivíduo com a relação tempo/espço ocasionada pelo processo de *desencaixe*.

Ainda segundo Giddens (2002, p. 22), a nova condição material, com a emergência das técnicas da informação, pode provocar no indivíduo a *reflexividade*. Esta refere-se à “susceptibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação”. Ou seja, a existência de uma técnica em nível planetário, que direta ou

indiretamente encontra-se presente em todos os lugares, possibilita ao indivíduo, a partir do conhecimento e da informação, a construção de seu estilo de vida dentro de uma diversidade de opções.

É neste contexto de “comunidades virtuais” que se desenvolvem espaços transnacionais de comunicação e divulgação – de valores, ideias, performances e sociabilidades – espaços esses que são altamente interativos. Como é sabido por todos, cada vez mais as pessoas transitam, se comunicam e interagem através das redes sociais na internet, como é o caso das comunidades virtuais e dos sites de relacionamentos, que formam um espaço comunicacional para a Marcha das Vadias no mundo inteiro.

O conceito de *desençaixe*, também proposto por Giddens (1997, p. 119), refere-se à transcendência das relações sociais dos contextos locais para uma nova existência em extensões indefinidas de tempo e espaço, na qual a “desincorporação mediante sistemas abstratos é intrinsecamente descentralizada, pois corta a conexão orgânica com o lugar de onde a tradição dependia”. Nesse caso, com o surgimento das comunidades virtuais, o sentimento de pertencimento e de localização do indivíduo na sua comunidade tradicional deixa de ser a única forma de identificação e sociabilidade.

Para Max Weber (2004), uma relação social é apontada como comunal se e na medida em que a orientação da ação social dos participantes se baseia num sentimento subjetivo, de caráter afetivo ou tradicional, de pertença comum.

Ainda sobre o sentimento de pertença, representações e identidade coletiva nas sociedades contemporâneas, Antônio F. da Costa (1999, p. 89) afirma que “podem ter referentes diversos, não só territoriais, mas também éticos ou nacionais, etários, ou sexuais, profissionais ou de classe, políticos ou religiosos, clubistas ou associativos, de status ou estilo de vida, e muitos outros (...)”, em que um ou vários pertencimentos podem coexistir naturalmente.

Considerando a perspectiva apresentada por Weber (2004, p. 269) para definir comunidade, observamos, nos grupos estudados (grupos virtuais da MdV), elementos que indicam a construção de uma identidade coletiva, como a troca de influências, o sentimento de possuírem interesses comuns e a solidariedade, que permanecem além da ação organizada do ato de marchar, ou seja, existe o sentimento de pertença ao grupo.

Marcos SilvaPalacios (2003, p. 7) aponta as comunidades virtuais como uma nova forma de sociabilidade encontrada na

contemporaneidade, em que os indivíduos se encontram nas chamadas comunidades virtuais, que são:

agregados sociais que surgem na (internet), quando uma quantidade suficiente de pessoas leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos como para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético.

Concordando com essa interpretação, Santaella (2003) explica que a expressão *ciberespaço* é entendida como um novo espaço de comunicação que surge da interconexão de computadores, telefones e demais meios de comunicação em nível mundial.

Já o sociólogo Manuel Castells (1999, p. 385) define as comunidades virtuais como uma “rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhada, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme em objetivo”. Ou seja, para Castells (1999), não existe necessariamente a necessidade da existência do sentimento de identificação ou pertencimento por parte dos “usuários” das comunidades virtuais, ou seja, nem todos os participantes de grupos ou comunidades virtuais se sentem como pertencentes ao coletivo. Assim, observamos que a facilidade em fazer parte ou sair da comunidade virtual é a mesma, o que leva à existência de frequentadores ocasionais em muitos grupos ou comunidades virtuais, o que, a nosso ver, denota uma flexibilização nas fronteiras que definem os “pertencentes”, que neste caso seriam melhor traduzidos como “participantes”.

Outro aspecto importante da comunidade transnacional é, sem dúvida, o fato de proporcionar o intercâmbio entre produtores e receptores de mensagens, constituindo uma importante estrutura comunicativa de livre expressão, como descreve Nóbrega (2007, p. 51):

Nesse contexto, surge um novo conjunto de atores sociais – os internautas – fortemente influenciados e estimulados pelo potencial interativo que esse meio traz nos campos da educação, da cultura, da informação, do entretenimento, etc. Cada um pode ser, ao mesmo tempo, destinador e destinatário de



uma mensagem ou de um conjunto de mensagens. (...) os seus usuários (os internautas) podem se fazer permanentemente “presentes” e disponíveis para o diálogo, por meio de uma série de ferramentas de comunicação (Sites, e-mails, mensagens instantâneas, webcams, etc.). Por meio dessas ferramentas, os internautas têm a chance efetiva de assumirem-se como protagonistas no processo comunicativo em escala global.

Nesse sentido, o ciberespaço favorece um novo modelo de comunicação mais dinâmico e horizontal, propiciando a vivência da reciprocidade entre os internautas. É importante enfatizar que todo processo de sociabilidade desses grupos ocorre paralelamente ao mundo real. Essa nova sociabilidade que acontece no ciberespaço não é caracterizada pela presença física, mas isso não significa que não possam existir emoções e sentimento de identificação total qual a sociabilidade tradicional.

Dentro da enorme rede de comunicação virtual, surgem, a cada dia, novos lugares onde os indivíduos se encontram. É importante lembrar que as comunidades virtuais são construídas por indivíduos a partir dos meios tecnológicos, entretanto não existe necessariamente a obrigação da fidelidade com a identidade social ou com a imagem corporal, nem de acontecer um encontro presencial fora do ciberespaço. Pois o espaço virtual permite ao indivíduo criar uma ou várias “personas”<sup>31</sup> e, ao mesmo tempo, criar um grupo ou uma comunidade para discutir temas de seu interesse, estabelecer laços de diversas naturezas e vivenciar experiências diferentes da sua vida real.

Palacios (2006) observa que, tal qual a comunidade tradicional, a comunidade virtual possui uma determinada fronteira, necessária à manutenção da coesão grupal. Ou seja, tanto nas comunidades virtuais,

---

<sup>31</sup>Para Marcel Mauss (1974), na antiguidade, *persona* era a designação de máscara usada com fins teatrais, cuja função era dar ao seu portador uma aparência necessária para que os expectadores assim o enxergassem, bem como exercer um papel social. Já para Guimarães Júnior (2000), os usuários do ciberespaço podem ser tidos como *personas*, posto que sejam sujeitos advindos de qualquer camada social ou contextos culturais, importando mais a sua participação nas redes de sociabilidade do que suas identidades “verdadeiras”.

quanto nas tradicionais, desenvolve-se um sentimento de pertencimento entre os indivíduos que as compõem, sendo que esse pertencimento às comunidades virtuais se realiza com maior liberdade de escolhas a partir de identificações e necessidades de interação.

Outro aspecto observado é a naturalização das técnicas envolvidas nos processos de comunicação pelos participantes das comunidades virtuais, como descreve Palacios:

Existindo na técnica e pela técnica, as comunidades virtuais propiciam a apropriação cotidiana da técnica, num cotidiano que passa a existir nessa técnica. O “sistema técnico” deixa de ser pensado e vivenciado como um sistema isolado e separado da cultura cotidiana. A cybercultura questiona e desorganiza o modelo da clivagem entre cultura e técnica, que caracterizou a Modernidade, forçando a produção de outros olhares e a abertura de novos caminhos. (2003, p. 5).

A incorporação cotidiana das tecnologias da comunicação, que é uma característica da pós-modernidade, deve ser ressaltada, porque é a partir dela que surge nos indivíduos o sentimento de naturalização do ambiente virtual, que passam a estudar, namorar, discutir e até “desabafar” nas suas comunidades virtuais como se estivessem na intimidade dos seus quartos com a melhor amiga.

Essa facilidade de se colocar publicamente, no sentido de expor aspectos pessoais e até íntimos em redes sociais da internet, como também de assimilar novos comportamentos, pode ser observada nas ativistas da MdV. Importante lembrar que a idade média da amostra estudada é de 23 anos, o que confere à Marcha linguagem e forma de articulação próprias dessa geração, que é a primeira a usar a internet desde criança. A maioria das pessoas pesquisadas tem acesso à internet na própria residência, sendo esta utilizada para pesquisas e leituras em geral, para o lazer e contatos sociais. A partir da análise das imagens, fica claro que se trata de um movimento liderado por mulheres jovens, mas seria necessário verificar em que medida a idade delas seria semelhante em outras cidades do país e do mundo.

Assim sendo, podemos situar o coletivo feminista MdV no âmbito dos novos movimentos sociais, nos quais o *Facebook* e os blogs são hoje as principais ferramentas de mobilização. A MdV possui

comunidades no *Facebook* de várias cidades pelo mundo. Outras características da MdV também favorecem, do nosso ponto de vista, sua inserção nesses movimentos, mas esse assunto será abordado mais adiante.

## II.2 Grupos de articulação e sociabilidades da MdV no Facebook

No Brasil, encontramos dois grupos ou comunidades nacionais. O Grupo *Marcha Nacional das Vadias*, com 3.241 membros<sup>32</sup> (ver Figura 6), está descrito como um grupo fechado, no qual “qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele e somente o grupo pode ver as publicações”. Essa comunidade destina-se a debater conteúdos, pautas e convites de atividades culturais, juntamente com as comunidades regionais. Já o Grupo *Organização Nacional da Marcha das Vadias*<sup>33</sup> (ver Figura 7), com 487 membros, segundo descrição disponível no site, “destina-se a melhorar a comunicação e organização das diversas Marchas das Vadias em todo o Brasil.” Dessa forma, foi criado para facilitar a comunicação entre as organizadoras da Marcha em todo o país. Como já foi dito, esses grupos são também espaços de discussão, de convivência e solidariedade entre as ativistas. Temas como saúde, sexualidade, liberdade, educação, cultura, bem como histórias pessoais e fatos do cotidiano são compartilhados por ativistas de todo o Brasil, como podemos perceber na Figura 6.<sup>34</sup>

Já no Grupo *Organização Nacional da Marcha das Vadias*, acontecem reuniões virtuais e fóruns de debate para definir as bandeiras, performances e datas das Marchas. Interessante observar que a dinâmica de seleção das pautas acontece de forma horizontal entre as organizadoras das Marchas, como pode ser observado, na figura abaixo, na discussão sobre o tema legalização do aborto, realizada em fevereiro de 2013.

Cada grupo desses possui uma pessoa responsável pelo controle das publicações dos membros (quer seja num fórum de discussão ou numa lista de divulgação). A função do moderador é filtrar as publicações consideradas inapropriadas para a comunidade e dar voz aos participantes de acordo com os interesses da Comunidade/Grupo.

---

<sup>32</sup> Esse número de participantes é muito variável em todas essas comunidades. Em um mesmo dia, influenciados por algum evento, pode haver adesão ou saída de membros. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/273135932706838/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/394118150674580/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

<sup>34</sup> A consulta aos sites foi feita em novembro de 2013, portanto, possíveis mudanças posteriores não podem ser contempladas neste estudo.

No estado da Paraíba, encontra-se no *Facebook* o Grupo *Marcha das Vadias João Pessoa*<sup>35</sup> (Figura 8), com 2.972 membros<sup>36</sup>, e o Grupo *Organização da Marcha das Vadias JP*, que, tal qual o Grupo *Organização Nacional da Marcha das Vadias*, é um grupo fechado, utilizado e visualizado apenas pelas pessoas que estão na organização.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

<sup>36</sup> Número de participantes em outubro de 2013.

Figura 6 - Página do Grupo Marcha das Vadias Nacional no Facebook. Destaque para os links: 1. Marcha das Vadias João Pessoa; 2. Marcha Nacional das Vadias; 3. Organização Nacional da Marcha das Vadias.

The screenshot shows the Facebook interface for the group 'Marcha Nacional das Vadias'. On the left sidebar, under the 'GRUPOS' section, three items are highlighted with red boxes and numbered 1, 2, and 3:

- 1. MARCHA DAS VADIAS - 30
- 2. Marcha Nacional das V...
- 3. Organização Nacion...

The main content area displays a post by Raquel Goldfarb with the title 'Marcha Nacional das Vadias !!!'. The post includes a cover image and navigation tabs for 'Membros', 'Eventos', 'Fotos', and 'Arquivos'. The post text reads:

**A** Gostaria de ter o direito de ser mãe solteira sem tanto preconceito!

O pai do meu filho acha que só porque não quero deixar ele visitar um bebê de 4 meses de noite no domingo, eu sou uma mulher desesperada....Olhe a resposta que o me deu:

"" Nunca fui bem vindo por ali!!  
Você quer um marido, e eu não posso te dar isso!

Quero ver meu filho, e você só permitirá aos sábados as 9h... De alguma maneira acha que faço mal a ele?""

Quero deixar claro que sempre deixei ele ver o filho, mas a humilhação chegou a um ponto que eu resolvi estipular horário, já que ele só vinha no último minuto do domingo. Pq os homens pensam que quer que o pai seja pai, é querer um marido?

Ainda falta muito pra mudar as coisas, mãe solteira escuta muita coisa, viu? Até os pais dele, os avós do bebê nunca viram o neto por tanto preconceito.

Querira nascer no século que vem...

Curtir · Comentar · Seguir (desfazer) publicação · 15 de novembro às 19:07 próximo a Brasília

9 pessoas curtiram isso.

**B** oh gata estamos aqui juntas contigo.. mas vc nasceu no ano certo .. para LUTAR CONTRA TUDO ISSO NO SÉCULO QUE VEM... BORAÁÁÁ vc NÃO TÁ SOCIALIZA !!  
15 de novembro às 19:10 · Curtir · +3

**A** .....nossa eu me emocionei aqui, chorei de verdade, obrigada. Me senti muito mal com a humilhação!  
15 de novembro às 19:11 · Curtir · +3

**C** Temos que ralar agora para que o século que vem seja melhor.  
15 de novembro às 19:12 via celular · Curtir · +4

**B** EU SEI QUE É ISSO!! MAIS ESTAMOS JUNTAS E DE OLHO.. qualquer coisa GRITAAAAA AQUI !!  
15 de novembro às 19:12 · Curtir · +3

**D** .....Óh, eu não tenho filhos mas entendo isso. Já vi minha mãe passando humilhações por ter que criar sozinha. Até minha avó chegou a ter preconceito em relação a isso.  
É uma merda, mas uma hora essas pessoas têm que se conformar. Ainda existe muito preconceito contra a mulher, mas nós conquistamos muito de alguns séculos pra cá. E conquistaremos muito mais.  
15 de novembro às 19:49 · Curtir · +1

**A** 😊  
18 de novembro às 19:50 · Curtir · +1

**B** Como vc tá aí amiga **A** beijos  
18 de novembro às 21:04 · Curtir · +1

**A** Bem...tentando mudar algumas coisas! Bjs!!  
18 de novembro às 21:43 · Curtir · +1

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/273135932706838/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

Figura 7 - Página do Grupo Organização Nacional da Marcha das Vadias no Facebook.  
 Destaque para os links: 1. Marcha das Vadias João Pessoa; 2. Marcha Nacional das Vadias;  
 3. Organização Nacional da Marcha das Vadias.

facebook Perquise pessoas, locais e coisas

Raquel Goldfarb  
 Editar perfil

FAVORITOS

- Feed de notícias
- Mensagens 6
- Eventos 4
- Fotos

GRUPOS

- MARCHA DAS VADIAS 1 3
- Flor e Flor 2
- Marcha Nacional das Vadias 2 2
- Organização Nacional da Marcha das Vadias

Turma saneamento 98

ENADE CSTGA IFPB 20+

Criar Grupo...

APLICATIVOS

- Jogos 10
- Cutucadas 7
- Sorteie.me
- Feed de vídeos 36+

AMIGOS

- Melhores amigos
- Família
- Florianópolis 20+
- João Pessoa 20+

PÁGINAS

- Feed das Páginas 20+
- Curtir Páginas 20+
- Criar uma página...

INTERESSES

- Seguindo

Organização Nacional da Marcha das Vadias Membros Eventos Fotos Arquivos

**E** O que vocês acham de as Marchas terem como eixo central a legalização do aborto? Já que a data definida é anterior à visita do Papa...

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 5 de fevereiro às 21:42

8 pessoas curtiram isso.

**F** o único problema é que muitas das pessoas que foram na marcha no ano passado, não são a favor.  
 5 de fevereiro às 21:48 · Curtir

**E** Pois é, por isso a principio eu achava até melhor ter uma manifestação pela legalização do aborto à parte da marcha das vadias nessa data. Mas obviamente só funcionaria se rolasse em várias cidades, ou pelo menos em SP e Rio..., mas que eu saiba a Marcha das Vadias, como movimento, se posiciona a favor da **DESCRIMINALIZAÇÃO** do aborto, não apenas pelos direitos reprodutivos das mulheres, mas especialmente por questões de saúde pública.  
 5 de fevereiro às 21:54 · Curtir · 2

**G** Acho interessante o foco. É uma questão extremamente importante, diz de violência também. E acho o caminho da saúde pública um bom viés de discussão, pensando os impactos para as mulheres, é claro. No sentido de que não importa as opiniões pessoais, e o que as baseiam, um número muito grande de mulheres morrem devido a ilegalidade do aborto. O repúdio de quem quer que seja a realização do aborto não impede que as mulheres continuem fazendo. A diferença aparece quando se recorta classes, quem tem condições financeiras faz nos serviços particulares (que funcionam muito bem apesar de "proibidos") e quem não tem condições se arrisca. Enfim, acho que o campo da saúde pública tem muita potencialidade para evidenciar dados de morte de mulheres e outras violências por causa de abortos. E acho que as marchas podem dar muita visibilidade para essa questão. Eu apoio!  
 6 de fevereiro às 00:40 · Curtir · 2

**H** Acho interessante e foca muito mais no sentido real da marcha, mas isso é a minha opinião. Temos decidir as temáticas jurídicas nas reuniões abertas  
 6 de fevereiro às 00:51 · Curtir · 2

**I** Acho um pilar forte e importante, mas na minha opinião o pilar central deveria ser a violência contra a mulher (partindo do pontapé inicial da marcha no Canadá)  
 7 de fevereiro às 01:01 · Curtir

**J** Acho legal a ideia, mas acho que seria mais efetivo proporcionar primeiramente debates nas respectivas cidades, tentar atrair o pessoal contra e a favor, levantar essa questão MESMO. Com a questão na boca do povo, é mais fácil atrair o tema com uma força maior na marcha. x))  
 7 de fevereiro às 10:33 · Curtir

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/394118150674580/>>.  
 Acesso em: 7 fev. 2013.

Figura 8 - Página do Grupo Marcha das Vadias João Pessoa no Facebook.

Destaque para os links: 1. Marcha das Vadias João Pessoa; 2. Marcha Nacional das Vadias; 3. Organização Nacional da Marcha das Vadias.

The image is a screenshot of a Facebook browser window. The address bar shows the URL: <https://www.facebook.com/groups/213356832117416/permalink/464687910317639/>. The page title is "MARCHA DAS VADIAS - JOÃO PESSOA". The main content area features a post by user "K" with the text: "Todxs lá, essa luta também é nossa. Onde houver preconceito, discriminação e homofobia, xs Vadixs estarão presente, levado seu grito de basta!!!!". Below the text is a link to "Tambá Shop" with a description: "Shopping admite controle de acessos e nega discriminação, mas beijo de homossexuais é proibido" and the website "www.paraiba.com.br". The left sidebar shows a list of groups, with "MARCHA DAS VADIAS - JOÃO PESSOA" highlighted as item 1, "Marcha Nacional das Vadias" as item 2, and "Organização Nacional da Marcha das Vadias" as item 3.

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>. Acesso em: 24 out. 2013.



Interessante observar que, mesmo se tratando de comunidades virtuais, algumas demarcam fronteiras, selecionando quem pode fazer parte desses “grupos fechados”, geralmente compostos pelas ativistas que organizam as MdV em todo o país.

Com base no que temos observado acompanhando a página do grupo *Marcha das Vadias João Pessoa*, pode-se afirmar que nesse espaço acontecem cotidianamente discussões relacionadas às questões de gênero e encaminhamentos de ações do grupo, principalmente na cidade de João Pessoa.

Em Campina Grande, as duas Marchas estudadas tiveram como principal meio de organização um blog feminista<sup>37</sup>, chamado “Fórum Feminista”, e um evento criado no *Facebook*, com o nome *Marcha das Vadias Campina Grande*<sup>38</sup>, que serviu de meio para organizar, informar e divulgar a MdV. Em 2013, dos convidados para o evento, 544 participantes confirmaram presença, sendo que apenas a metade desse número compareceu de fato. Nesse sentido, podemos pensar que, ao confirmar presença, mesmo que não se confirme de fato a presença física, ainda assim consideramos que essa é uma forma de apoio e participação on-line<sup>39</sup>.

Um ponto importante que deve ser lembrado é que as reuniões presenciais das MdV continuam a acontecer paralelamente às reuniões virtuais (Figura 9). A MdV João Pessoa realizou em 2013 vários seminários para formação coletiva aberta em feminismos, nas cidades de João Pessoa e Santa Rita, com debates sobre: Feminismo Negro, Violência Sexual e Estatuto do Nascituro (Figuras 10 e 11).

---

<sup>37</sup>Disponível em: <<http://forumfeminismocg.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

<sup>38</sup>Disponível em:

<<https://www.facebook.com/events/390054757761381/?source=1>>. Acesso em: 4 set. 2013.

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>39</sup>Quando confirmei presença na MdV 2012 de Campina Grande, amigos que eu não encontrava há muitos anos resolveram se informar sobre a MdV e participar, porque receberam uma comunicação na página do Facebook informando que eu estaria presente.

Figura 9 - Cartaz de convocação para a reunião aberta da MDV JP, 2013.




Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>.  
Acesso em: 22 maio 2013.

Figura 10 - Convite para formação coletiva em feminismo na cidade de Santa Rita/Pb



Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>.  
Acesso em: 4 set. 2013.





Figura 11 - Panfleto impresso convida para a formação coletiva em João Pessoa, 2013.



## Formação Coletiva

**Marcha das Vadias 2013**  
**Dias 01 e 02 de Agosto**  
**Local: Auditório 412 (CCHLA) -**  
**Universidade Federal da Paraíba**

### PROGRAMAÇÃO

<b>Dia 01</b>	<b>Dia 02</b>
<p><b>9h</b> - Mesa Redonda sobre Feminismo Negro e a Marcha das Vadias com Alessandra Araújo (Bamidelé) e Luciana Cândido Barbosa (Cunhã).</p> <p><b>14h</b> - Debate sobre violência sexual, classe social e contrato sexual com Clarissa Cecília (Profª de Direito - FIP)</p> <p><b>19h</b> - Mesa redonda sobre o Estatuto do Nascituro e a Cultura do Estupro com Lola Aronovich (Blog Escreva Lola, escreva) e Margarete Almeida (Profª de comunicação - UFPB)</p> <p>+ Exposição de fotos da Marcha das Vadias - por Thercles Silva, Joana d'arc e Wênio Pinheiro</p> <p>+ Exibição do vídeo da Marcha das Vadias 2012</p>	<p><b>9h</b> - Debate sobre a importância da auto-organização das mulheres com Letícia Carvalho (Frente Feminista Levante e Marcha das Vadias) e Tita (Marcha Mundial das Mulheres)</p> <p><b>14h</b> - Aquecimento para a Marcha das Vadias 2013: Ensaio da batucada da Frente Feminista do Levante. *Local: Praça da Alegria/UFPB</p> <p>+ Oficina de cartazes para Marcha das Vadias 2013</p>
<p>✉ <i>Entre em contato com a gente! É muito importante para nós!</i>            Email: <a href="mailto:marchadasvadiasjoaopeessoa@gmail.com">marchadasvadiasjoaopeessoa@gmail.com</a></p>	<div style="text-align: center;">  </div> <p>  <b>PAN PAGE - Facebook:</b>            Marcha das Vadias João Pessoa         </p> <p>  (81) 8897-4740 - Oi   (81) 9932-2567 - Tim         </p>

Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/213356832117416/>>.

Dessa forma, percebemos que o *Facebook* e os *blogs* são espaços de convívio e território político, funcionando como principal ferramenta de mobilização da MdV, embora os encontros entre as ativistas também sejam presenciais nas cidades estudadas. Esse é um ponto fundamental para entender que a dinâmica local acontece paralelamente àquelas mundiais, caracterizando a Marcha como movimento feminista transnacional.

Cláudia de Lima Costa e Sônia Alvarez (2007) propõem o termo *translocalidades* ao se referirem a um eixo comum nas discussões feministas do norte ao sul das Américas. Em torno desse eixo, ocorrem os processos de apropriação e tradução do movimento geral para as reivindicações locais. Neste caso, tomamos esse termo *translocalidades* para nos referirmos ao modo como a MdV tem traduzido suas bandeiras para os contextos locais e, ainda assim, continuam fazendo parte do movimento feminista globalizado.

As novas tecnologias têm se tornado um importante instrumento de articulação dos novos movimentos sociais e das lutas pelos direitos humanos, como nos fala Saskia Sassen (2010, p. 495):

Creo que las luchas de lossin poder se pueden beneficiar delhecho que esas luchas estándándoseenciudadtrasciudad, y claro, no solo enlasciudades– véaseelmovimiento de los sem terra (sintierra) aquíen Brasil. Y si bienen cada ciudad, en cada espacio, bajo supropiamodalidad, elhecho es que estándándose a través del mundo. Y de ahí surge lacategoríade lamultitud, el poder de lamultitud. Si vos creés que vos soseel único o la única que está luchando por un mundo mejor parece una lucha imposible. Esta especie de lucha global se da a través de particularismos. Por ejemplo, volviendoal tema de la trata de mujeres, hay toda una serie de redes electrónicas que luchan contra los traficantes, investiganlas condiciones de explotación y lasposibilidades de combatir este abuso; tambiéndaninformación sobre

nuevas leyes que se están aprobando para proteger a las víctimas en distintos países.<sup>40</sup>

Importante perceber, nos exemplos dados por Sassen (2010), que as lutas que utilizam a internet como instrumento saem do virtual, tomam as ruas das cidades, ocupam espaços rurais e, apesar de terem alcance global, se dão através de demandas locais.

Outra questão fundamental apontada por Sassen (2010, p. 498) é a mudança nas subjetividades das pessoas que participam deste processo:

hay muchos mundos de internet; por ejemplo hay toda una serie de circuitos de mujeres musulmanas que usan internet en circuitos protegidos, cerrados. En Afganistán estaba el ahora conocido circuito de mujeres que buscaban un espacio de comunicación y asistencia mutua para protegerse del talibán – este es un caso extremo. En Europa del este los grandes hackers surgen a través de los esfuerzos, el trabajo, de construir espacios de internet protegidos del control de los estados comunistas. Más allá de estos casos extremos, hay muchos otros que logran hacer sus proyectos usando el internet. Hay toda una serie de actores muy localizados,

---

<sup>40</sup>Eu acredito que as lutas dos impoderados pode se beneficiar do fato de que estas mesmas lutas estão ocorrendo em várias cidades e, claro, não só nas cidades - ver o movimento dos sem terra (MST) aqui no Brasil. E, embora em cada cidade, em cada espaço, tenha suas especificidades e seu próprio caminho, o fato é que eles estão ocorrendo em todo o mundo. E daí surge a categoria da multidão, o poder da multidão. Se você acredita que você é o único lutando por um mundo melhor, parece uma luta impossível. Este tipo de luta que tem um caráter global surge a partir de particularidades. Por exemplo, voltando à questão do tráfico de mulheres, há uma série de redes na internet para combater os traficantes, investigar as condições de funcionamento e as possibilidades de combater esse abuso, como também para informar sobre as novas leis para proteger as vítimas em diferentes países (SASSEN, 2010, p. 498. Tradução livre minha).

mismo inmóviles, que van recuperando una subjetividad nueva a partir de la existencia de esa posibilidad de una comunicación con otros a grandes distancias. Esta posibilidad se da aunque no haya acceso a Internet. Creo que esto es muy importante. Por ejemplo, ciertos activistas de derechos humanos, activistas ecologistas que saben que en otras partes del mundo existen similares activistas, pero no tienen acceso a Internet, o casi no tienen, pueden participar en una especie de mundialización, una subjetividad que les da esperanza, que les hace sentir que no están solos, olvidados, inmóviles – pueden sentir que son parte de un movimiento global. Te menciono solamente los casos más extremos. Hay toda una variedad de casos más convencionales. (SASSEN, p. 498).<sup>41</sup>

Como se pode ver, na fala de Sassen (2010), ela acredita nas possibilidades geradas pelo uso da internet, como o combate a violências diversas, acesso a informações sobre as novas leis ou ações

---

<sup>41</sup>Na internet há muitos mundos; por exemplo, existe uma série de redes de mulheres muçulmanas que usam a Internet em circuitos fechados. No Afeganistão, havia a rede de mulheres que procuram um espaço de comunicação e de assistência mútua para proteger –se do Taliban - este é um caso extremo. Na Europa Oriental, a construção de espaços protegidos do controle internet pelos estados comunistas, surge através do esforço de grandes hackers. Para além destes casos extremos, há muitas outras pessoas que conseguem fazer seus projetos usando a internet. Há uma série de atores muito localizados, e mesmo sem sair de seus locais de origem, adquirem novas subjetividades, a partir da comunicação com outros encontram distantes. Esta possibilidade existe com o acesso à Internet. Eu acho isso é muito importante. Por exemplo, alguns ativistas de direitos humanos, e ativistas ambientais, que não podem acessar a internet, sabem que em outros lugares há ativistas semelhantes e perdem em não poderem participar da globalização, ter acesso a uma subjetividade que pode lhes dá esperança, e sentir que não estão sozinhos, esquecidos, mais ainda - poder sentir que fazem parte de um movimento global. Menciono aqui apenas os casos mais extremos. Há uma variedade de processos mais comuns (SASSEN, p. 498. Tradução livre minha).

que divulgadas ajudam na proteção ou fortalecimento de indivíduos em situação de risco em diferentes países. Essa circulação de ideias não só por meio da mídia social, mas também por uma abertura ao mundo que nos conecta a todos, tem gerado novas subjetividades, como o que ela chamou de um tipo de “mundialização da esperança”. Para essa autora, estamos testemunhando o nascimento de uma nova classe de atores históricos que usam a internet como instrumento de articulação.

Voltando a falar do histórico da MdV na Paraíba, um ativista relembra seu primeiro contato com a MdV de João Pessoa, na primeira reunião presencial para organizar a Marcha em 2012:

A primeira reunião para preparação da Marcha começou com um chamado pela internet de uma aluna de serviço social. Ela postou na internet um convite para uma reunião na universidade. Na primeira reunião, estavam 6 pessoas e só eu de homem, e você já viu os olhares: como assim? Um homem na MdV? Mas terminou tudo bem. Somos todas Vadias. E acabou juntando todos os coletivos, dos movimentos LBGT, do meio ambiente, do movimento indígena, do movimento passe livre. (R, 23 anos, assistente social).

Como podemos observar no relato de R, foi a partir de contatos realizados pela internet que tiveram início as primeiras ações para a realização da Marcha em João Pessoa. Essa articulação não se restringe à realização do evento da Marcha propriamente dita. Muitos dos grupos da Marcha criados no *Facebook* têm funcionado como fórum permanente de debates sobre questões feministas e liderado eventos relacionados à violência de gênero. Outra ativista de João Pessoa relata sua experiência na MdV em 2012:

Eu fiquei sabendo da Marcha pela internet. Ontem à noite mesmo estava bombando a divulgação da Marcha nas redes. Eu sou militante do movimento de mulheres, sou coordenadora da Rede de Mulheres em Articulação da Paraíba, e nós ajudamos a coordenar a construção da Marcha das Vadias aqui em João Pessoa. A Marcha das

Vadias representa exatamente uma reação das mulheres à opressão, ao machismo e patriarcado que oprime historicamente nós mulheres. É uma reação irreverente, mas totalmente politizada contra qualquer forma de opressão e violência contra as mulheres (...) A marcha das vadias está hoje reunindo vários segmentos da sociedade paraibana, entre o movimento estudantil, movimento feminista, partidos políticos, nós temos aqui crianças, idosos, mulheres jovens, homens jovens, que estão denunciando a opressão contra a mulher, estão apoiando essa luta. É uma síntese de várias bandeiras dos movimentos sociais paraibanos. E superou em muito minhas expectativas. É um fenômeno político que há muito tempo não víamos aqui em João Pessoa, temos pessoas que vieram de ônibus fretados do interior, de Campina Grande, para somar com o movimento hoje na capital. (H, 32 anos, professora universitária).

Como fica claro no depoimento de H, na Paraíba, vários coletivos se mobilizaram para organizar as Marchas e outros eventos, como, entre outros, a manifestação “Luto e Luta”, que aconteceu no dia 6 de julho de 2012; o “Beijaço”, que aconteceu em Campina Grande no dia 11 de agosto de 2012<sup>42</sup>; a carta de repúdio à vereadora de João Pessoa, Eliza Virgínia, em 10 de dezembro de 2012<sup>43</sup>; e o cancelamento

---

<sup>42</sup> O “Beijaço” foi um protesto organizado pelo Grupo Marcha das Vadias CG, em repúdio à discriminação sofrida por 3 casais gays, que foram convidados a se retirarem de um bar por trocarem manifestações de afeto. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KEPSofgNbb0>>. Acesso em 12/08/2012.

<sup>43</sup> No dia 6 de novembro de 2012, durante uma sessão na Câmara Municipal de João Pessoa, a vereadora Eliza Virgínia fez um discurso a favor da família e, em uma de suas falas, a parlamentar afirmou “que parte das feministas são mal amadas e que não gostam de homens”. As declarações da parlamentar foram repercutidas no site Mais PB: <http://maispb.com.br> e nos protestos organizados pela Marcha das Vadias, que conseguiu marcar uma audiência pública para fevereiro de 2013 para discutir as afirmações da vereadora.



do show da banda baiana New Hit (acusada de violentar duas adolescentes) que aconteceria dia 27 de dezembro de 2012<sup>44</sup>, como nos fala novamente R:

A manifestação contra Elisa aconteceu pela denúncia das Vadias, com o instrumento de mobilização que são as redes sociais. A força das redes sociais é tremenda hoje. Será que o panfleto tem a força de uma postagem no *Face*? Nós passamos mais tempo na frente do computador que nas ruas. E trocamos ideias com Vadias do Rio e São Paulo. (R, 23 anos, assistente social).

Segundo esse relato, as redes sociais da internet foram e continuam sendo o principal meio de divulgação e articulação da MdV, portanto podemos apontar o meio tecnológico/informacional como a base “material” que torna possível a existência da MdV como movimento mundial.

Além das tecnologias da informação, procuramos pensar os outros fios que costuram a MdV; esses fios são os elementos de identificação desses sujeitos. Partindo das contribuições de Stuart Hall e de Manuel Castells sobre identidade e de Michel Foucault sobre discurso, o próximo item discutirá a construção identitária da Marcha.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <[http://www.noembalo.com.br/banda-baiana-tem-show-cancelado-em-joao-pessoa-pb-apos-protestos\\_\\_2557.html](http://www.noembalo.com.br/banda-baiana-tem-show-cancelado-em-joao-pessoa-pb-apos-protestos__2557.html)>. Acesso em: 5 dez. 2012.

### II.3 Eu sou Vadia!

*“Ô abre alas que as mulheres vão passar, sou feminista não posso negar.”<sup>45</sup>*

Já tratamos da articulação e sociabilização da MdV. Agora vamos nos aproximar um pouco mais dessas pessoas que se unem sob a identidade Vadia e pensar: quais os elementos de identificação comum que podem ser encontrados nelas ou nos grupos que realizaram a Marcha das Vadias em outras cidades ao redor do mundo, por exemplo: em Kolkata/Índia (24/05/12), em Sydney (13/06/12), na Austrália, em Jerusalém (04/05/12), em Israel, em Bogotá (27/02/12), na Colômbia, na Cidade do Cabo (16/10/12), na África do Sul, em Genebra (20/02/12) ou em Campina Grande (04/10/12), interior do estado da Paraíba?

Sobre essa questão, apresentamos a seguir alguns depoimentos das participantes da MdV, que refletem distintas formas de identificação. O primeiro deles se refere ao estupro coletivo ocorrido na cidade de Queimadas, interior da Paraíba, em fevereiro de 2012, quando cinco jovens foram violentadas.

Pra gente é assim difícil, porque ainda não tínhamos ideia como seria uma família vítima de estupro (...), como as meninas foram. Mas, a partir do momento que aconteceu com elas, nós tentamos abraçar a causa, não só por elas, mas por tantas outras e até por nós mesmas. Quando as meninas nos convidaram a participar, nós achamos importante participar pela causa da Marcha. Eu nunca tinha participado de um movimento antes. Por que Marcha das Vadias? Porque um policial no Canadá dizia que muitas mulheres eram abusadas sexualmente por conta da roupa que usavam. Ou seja, a CULPA do abuso não era do agressor e sim da vítima. Com as meninas não foi diferente. A nossa maior dor é saber

---

<sup>45</sup>Música cantada na MdV, geralmente acompanhada por um conjunto de tambores ou batuques.

que as pessoas pensavam que elas tinham sido abusadas porque elas estavam num aniversário com vários rapazes, usavam roupas curtas. E isso não tem nada a ver, eram meninas que trabalhavam, eram meninas que estudavam (...). E a gente se sensibiliza porque hoje elas podiam estar aqui, vivendo uma vida normal. Se minha irmã era vadia, eu sou Vadia. É por isso que estou aqui hoje. Eu tento aliviar um pouquinho a minha dor dessa forma. Muitos aqui não vivenciaram essa dor, mas estão aqui. Estamos lutando pra que isso não mais aconteça. Não só violência contra a mulher, mas também contra homossexuais, contra as lésbicas. (J, 28 anos, casada, funcionária pública, irmã de uma das moças vítimas do estupro coletivo na cidade de Queimadas, interior da Paraíba, em fevereiro de 2012).

O segundo depoimento diz respeito ao corpo e à liberdade, de acordo com o ponto de vista de uma jovem ativista transexual negra.

Eu tenho 23 anos, sou uma professora, sou negra. Eu sempre quis ser professora, fiz o magistério na Escola Maria do Carmo de Miranda e decidi cursar Filosofia para trabalhar na educação e, sendo uma transexual, senti que precisava fazer a diferença nessa área. Ser livre pra mim é estar nos lugares sem ser discriminada, é não ter que assumir o papel da mulher padrão, é ser quem eu quiser e ser respeitada: ser mulher, ser professora, ser ativista, ser vadia. Posso ser tudo que eu quiser, portanto, sou livre. Para mim, a Marcha das Vadias foi libertadora, tirar a blusa na frente de todos, mostrar aquilo que, para mim, (...), sempre tive que esconder. FOI TUDO, sempre tive vergonha do meu corpo, mas não tenho que

ter, sou Vadia. (F, 23 anos, professora negra, solteira).

O terceiro sintetiza o sentimento de comunidade, segundo o ponto de vista de uma ativista que se integra ao movimento, mesmo questionando sua denominação e sendo uma exceção – do ponto de vista etário – na Marcha:

Tenho 63 anos, sou casada, sou descendente de indígenas por parte de minha avó materna. Sou vaidosa, mas gosto de tudo natural, gosto de envelhecer, sou uma velha normal, igual a todas as velhas; sou de classe popular, profissionalmente sou pedagoga. Atuo nos movimentos sociais, sou da MMM. Desde muito, muito cedo tive contato com o feminismo (...). Na verdade esse nome me causou um impacto muito forte: Marcha das Vadias. Vadias tem um sentido muito ruim, de quem não quer nada da vida (...) é um nome vulgar, constrangedor. Eu participei da Marcha, mas esse nome (...)... acho que esse nome atrapalha. Mas acho que é uma tentativa de desconstruir esse termo vadia. Desconstruir é importante. Eu participei da Marcha daqui, eu tirei minha blusa, e as pessoas perguntavam: isso é o quê? O que era? Aí eu explicava (...). O cenário da Paraíba, nesse momento, contribuiu pra aglutinar. A gente tá vivendo um período muito cruel de violência contra as mulheres, duas mulheres espartilhadas uma semana antes, teve o caso de queimadas, isso tudo levou as mulheres à rua. Não sei se em outros anos (...), eu não sei se seria assim. (V, 63 anos, casada, pedagoga).

Por último, o depoimento que ao se afirma taxativamente como Vadiaessignifica o termo:

Vadia, eu? Claro!!!! Se vadia significa escolher o que quero fazer e quando fazer

(transar, falar, reclamar, gritar...), sou vadia! Se para ser livre sexualmente é preciso ser “carimbada” na testa com o nome em Caixa Alta: VADIA, carimba aqui seu puto machista!!! Machismo esse que mata, ameaça, tranca, machuca, olha de lado sabe, faz cara feia quando expomos nossas ideias, cutuca quando quer nos calar na frente dos outros e quando chega em casa senta o pau, seja fisicamente, quanto verbalmente, carimba aqui ó! (B, 27 anos, professora universitária).<sup>46</sup>

Agora vamos pensar todas essas pessoas juntas, marchando e gritando o lema da Marcha: “Eu sou Vadia!”. Esses depoimentos exemplificam a enorme heterogeneidade da Marcha e nos permitem perceber que, apesar das diferenças, o combate à violência é o catalisador da Marcha na Paraíba. Sobretudo percebemos que participar da MdV pode significar também: eu não estou calada, eu não quero que as coisas continuem assim, eu sou guerreira, eu tenho coragem de lutar para ser quem eu quero ser, sou livre para ser eu mesma, precisamos acabar com o machismo e outras formas de discriminação, as formas de gênero.

Na primeira MdV que aconteceu em agosto de 2012, em Campina Grande, uma das jovens da cidade de Queimadas levou a fotografia da irmã e os dizeres “Deus está conosco”, encontrou solidariedade e espaço para expressar sua dor e sua fé na Marcha. Na MdV 2013 de Campina Grande, novamente essa moça levantou a fotografia da irmã violada e assassinada, mas dessa vez a faixa pedia por justiça. Para essa ativista, participar da MdV significa poder gritar, chorar e lidar com a dor da perda. Relacionando a temática da Marcha com a violência sofrida por sua irmã, ela fala que faz parte de uma “família violentada” e que sua maior dor é ainda ouvir comentários, na sua cidade, culpando sua irmã pelo ocorrido.

---

<sup>46</sup> Este depoimento foi retirado do blog pessoal da integrante do grupo da Marcha das Vadias JP. Decidi copiar fielmente a forma que estava postada, com exclamações e termos em caixa alta, alterando somente a fonte grafada. Disponível em: <<http://jimestamorto.blogspot.com.br/2012/05/vadiaeu.html>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

A jovem F, que se define como uma professora negra e transexual, percebe a MdV como um meio de lutar por direitos. Para ela, foi importante participar como exercício de libertação de preconceitos interiorizados e como meio de luta para o exercício pleno da cidadania, pois coloca em pauta a discussão da violência de gênero, contribuindo com a visibilidade da causa.

A manifestante V, que se definiu como uma “velha normal, igual a todas as velhas”, não viu problemas em participar da performance de desnudar os seios, mas sente muitas reservas ao nome da Marcha, e observa que o nome vadia é muito agressivo e por isso não agrega todas as mulheres, mas mesmo assim achou importante participar da MdV por ser mais uma ação de denúncia da violência contra as mulheres.

O depoimento da manifestante Briggida Lourenço não foi colhido pessoalmente. Ele se encontra em seu blog pessoal. Professora universitária, ela foi uma das divulgadoras da primeira MdV que aconteceu em João Pessoa. Estava em processo de separação conjugal quando foi assassinada pelo ex-marido, dez dias após a Marcha, no dia 19/05/2012. Uma manifestação chamada “Luto e Luta” foi realizada pelas ativistas da MdV em protesto pela sua morte e, nas Marchas que aconteceram em 2013, o seu nome foi lembrado.

É evidente a existência de uma motivação pessoal em cada ativista da MdV. Porém podemos identificar em comum, em todos os depoimentos, uma necessidade de se representar e dar sentido aos seus anseios individuais, geralmente relacionados à liberdade e ao combate à violência de gênero. Entretanto, mesmo com a enorme heterogeneidade, percebemos a existência de identificação entre as ativistas e a necessidade de expressar coletivamente seu projeto de mundo, de se reconhecer nas bandeiras levantadas e de partilhar valores sociais ali postos.

Para Kathryn Woodward (2012, p. 18), é por meio dos diversos significados produzidos pelas representações que damos sentido “à nossa experiência e àquilo que somos.” Pois é a partir desses sistemas simbólicos culturais que efetivamente nos tornamos aquilo que somos ou podemos nos tornar. Entendendo a representação coletiva como um processo cultural que:

(...) estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os

sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Nesse sentido, podemos sugerir que as práticas de significação da MdV constroem imagens de identidades que podem ser apropriadas pelo grupo, como novas formas de sentir e ser.

Woodward (2012, p. 19) define identificação como “o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. É importante observar que, neste caso, a identificação é vista como algo em construção, como algo não completado, que nasce da contingência de assimilação do outro.

Ainda, segundo Stuart Hall (2012, p. 106), a identificação é um processo de articulação que não anula as diferenças, pois não é uma subsunção ou um ajuste completo. Nesse sentido,

(...) como todas as práticas de significação está sujeita ao “jogo” da *différence*. E uma vez que num processo opera por meio da *différence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeito de fronteiras”.

Esse é um conceito chave para entender a Marcha como um processo de articulação, que não nega as diferenças, mas, nas palavras de Hall (2012), “sutura” os diversos sujeitos e coletivos sociais pela contingência. A contingência parece ser esse fio que costura, numa mesma Marcha, a jovem católica que recebeu apoio da MdV após a violência sofrida por sua irmã na cidade de Queimadas, interior da Paraíba, com o jovem transgênero que muitas vezes se sentiu discriminado, com a mulher que reivindica segurança ao sair de casa sem ser molestada, em Johannesburgo, na África do Sul.

E, embora não seja possível apresentar uma única identidade coletiva para a MdV, podemos indicar, como um dos elos de identificação da Marcha, que é comum a todos os movimentos feministas, a luta contra as estruturas históricas de poderpatriarcais.

Essa identificação fica clara no depoimento de uma das organizadoras da MdV João Pessoa, em entrevista realizada em agosto de 2012:

Nós fomos criados numa sociedade machista, isso é um quebramento. Minha bisavó teve cinco filhas, minha mãe quatro filhas, e minha mãe sempre foi uma vadia, no sentido de ser uma mulher independente e uma mulher forte, e perguntavam se minha mãe era lésbica. Quando a mulher é forte, ela é vista como lésbica (...). Eu sabia que ia entrar na mesma *vibe*, se você não se enquadra, você tem que quebrar. (C, 35 anos, se define como parda, artista visual e pertencente à classe popular).

A depoente C nos fala da cobrança social para a mulher se adequar ou se adaptar aos papéis socialmente construídos e, diante de uma inevitável inadequação, ela conclama a romper com a ideologia e as práticas machistas, nas quais o “quebramento” seria libertador, enquanto uma estratégia encontrada para se opor às estruturas androcêntricas e questioná-las.

Pierre Bourdieu (2010 p. 13) aponta que estamos todos incluídos em “esquemas inconscientes de percepção e de apreciação de estruturas históricas da ordem masculinas (...) e não podemos sair deste círculo se não encontramos uma estratégia prática para efetivar uma objetivação do sujeito da objetivação científica.”

Nesse caso, a identidade Vadia passa a existir como projeto de desconstrução, que tem a ver com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2012, p. 109).

No coletivo MdV, embora não pareça ter intenção em marcar uma identidade fechada, há muito de autoafirmação das ativistas através da Marcha. Observamos que há essa intenção embora nem sempre se teorize sobre ela. Da mesma forma que não existe na MdV um projeto político formalizado, mas sim “palavras de ordem” fluidas, compatíveis com a gênese mutante do movimento, a partir das quais se torna possível compreender as linhas gerais desse projeto. Como, por exemplo, a palavra de ordem “Nem Santa, Nem Puta,” que predominou nos dois



primeiros anos das Marchas que aconteceram no Brasil, foi abandonada em quase todas as Marchas que aconteceram em 2013, após debates e reflexões sobre sua inclusão na MdV. Essa frase questiona os extremos ambíguos nos quais a sociedade procura situar as mulheres, dividindo-as em dois polos antagônicos, de acordo com interpretações estereotipadas sobre suas escolhas e comportamentos. Essa frase também foi considerada ambígua, porque algumas prostitutas entenderam como se estivessem sendo excluídas da MdV.

Em relação às ativistas, observamos que, embora estas não pareçam estar preocupadas em definir uma identidade Vadia, participar da MdV as marca socialmente de uma forma significativa. Essa marcação é possivelmente temporária e é realizada pelo seu entorno social, geralmente pelos que são contra a MdV.

Porém isso não é tudo que elas são e, mesmo que existisse uma identidade Vadia, essa não é sua única identidade, posto que não constitui uma identidade essencializada, eterna; na medida em que as integrantes do movimento sabem da sua transitoriedade. Integram a MdV jovens católicas, estudantes militantes de partidos comunistas, simpatizantes anarquistas, de movimentos populares diversos, outras que estão pela primeira vez participando de um movimento social e que, sob certos aspectos, possuem discursos e práticas conflitantes, mas que dialogam no transcorrer da Marcha.

As jovens da cidade de Queimadas, que participaram da MdV em Campina Grande 2012 e que levaram a bandeira “Deus está conosco”, representam a MdV tanto quanto o casal que realizou a performance com as imagens de santos na Marcha realizada em 2013 no Rio de Janeiro/RJ.<sup>47</sup> Ou seja, no interior da MdV, coexistem processos de expressão diversos, que representam os vários coletivos e os indivíduos que participam da MdV.

Desse modo, para entender a diversidade que existe na MdV, temos que pensá-la como movimento que apresenta uma postura antiessencialista, no sentido de que não há uma característica importante ou uma bandeira única que seja seu catalisador. O ser “Vadia” tem se configurado pela demanda por direitos civis e pelo embate cotidiano de suas ativistas em torno de paradigmas culturais. Qualquer pessoa pode

---

<sup>47</sup>Para mais informações, ver: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/marcha-das-vadias-reune-mil-nas-praias-do-rio-e-vira-hit-em-rede>>. Acesso em: 23 out. 13.

ser Vadia, como podemos perceber nas palavras de R, nas quais para ser Vadia basta querer.

Os feminismos são vários, são várias correntes, ele não é homogêneo, são vários segmentos, tem gente jovem e tem as que ainda estão nos anos 70. Algumas teóricas ficam tão presas nas suas teorias que não têm tempo de pensar o que está acontecendo lá fora. A MdV daqui conseguiu quebrar isso. (...) Qualquer uma pode ser Vadia, até a velha guarda feminista pode. Elas podem ser vadias do jeito delas, vestidas como queiram, mas será que elas querem?

Nas palavras de R, podemos ver uma crítica a algumas correntes do feminismo, que ela denomina de velha guarda do feminismo<sup>48</sup>.

Uma das categorias históricas da luta feminista é exatamente o ser *mulher*. Para Judith Butler (2012, p. 17), torna-se difícil categorizar as mulheres como uma unidade, ignorando a multiplicidade de mulheres envolvidas em diferentes contextos históricos e com as interseções sexuais, éticas, classistas e regionais de identidades, tornando-se um problema para a teoria feminista presumir que, em sua essência, exista uma identidade definida como *mulher*.

Ainda segundo Butler (2012, p. 20), essa crença se torna não só complicada, mas também um problema político no sentido de que, ao supor haver uma base universal para o feminismo, se aponta também um princípio universal de opressão:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha freqüentemente a idéia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular,

---

<sup>48</sup> No Capítulo 1, nos referíamos às críticas de algumas teóricas do feminismo no início da MdV. Neste depoimento, a ativista da MdV critica e convida essas feministas “da velha guarda” a fazerem parte da Marcha.

discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. Anção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero em contextos culturais concretos em que ela existe.

As críticas de Butler (2012) a essa forma de teorização feminista que apresenta a noção de um tipo específico de *mulher* e que sugere uma experiência comum de subjugação é complementada pelo reconhecimento da noção binária masculino/feminino como única estrutura possível.<sup>49</sup>

Para a MdV, a categoria *mulher* é entendida apenas como “aquela que sofre a opressão específica de origem sexista tanto a nível material, nas esferas simbólicas e físicas”<sup>50</sup>. A “mulher” na MdV inclui tanto as que nasceram com a genitália feminina, quanto as que se construíram socialmente como mulheres e também aqueles(as) que não se enquadram no modelo binário de heteronormatividade (ver Figura 12).

Figura 12 - Ativista da MdV CG 2012 defende a diversidade da categoria Mulher.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

<sup>49</sup>No Capítulo 3, item 4, abordaremos mais sobre identidades de gênero e as ideias propostas pela filósofa Judith Butler.

<sup>50</sup> Carta da Marcha das Vadias João Pessoa 2013. Disponível em: <<http://marchadasvadiasjp.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

Para melhor entender a significação do ser *mulher*, para as Vadias e sua identificação com o feminismo, vamos analisar um trecho da Carta da MdV 2013 da cidade de João Pessoa, na qual elas falam quem são:

Deixando claro que somos FEMINISTAS plurais, tendo uma luta em comum. Esse ano nós nos fundamentamos na luta contra os estupros. Esses que nem sempre são físicos, materializados no âmbito do corpo, os estupros coletivos, corretivos... Somos mulheres, travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e homens estupradxs cotidianamente. Nossos corpos, nossas almas estão sendo invadidas, penetradas sem o nosso consentimento. Falamos enquanto mulheres que se organizam na LUTA no combate às opressões (...).

Como fica claro no documento acima, para as ativistas da MdV, ser Vadia implica uma identificação com a filosofia do movimento feminista. E, se declarando feministas, entendem a necessidade de ampliar o movimento, a nomenclatura e seus sentidos, incluindo as demandas das “travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e homens estupradxs cotidianamente”, que também são incorporados na categoria ampliada de “mulher”.

Na Carta do Coletivo *SlutWalk* Toronto (2012)<sup>51</sup>, as ativistas convocam não só as mulheres, mas todas as pessoas, de todas as expressões de gênero e orientações, para se juntarem ao movimento:

We are tired of being oppressed by slut-shaming; of being judged by our sexuality and feeling unsafe as a result. We are a movement demanding that our voices be heard. What we want is meaningful dialogue and we are doing something about it: WE ARE COMING TOGETHER. Not only as women, but as people from all gender

---

<sup>51</sup>SlutWalk Toronto, abril de 2012. Disponível em: <<http://www.slutwalktoronto.com/>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

expressions and orientations, all walks of life, levels of employment and education, all races, ages, abilities, and backgrounds, from all points of this city and elsewhere. We are asking you to join us for SlutWalk, to make a unified statement about sexual assault and victims' rights and to demand respect for all. Whether a fellow slut or simply an ally, you don't have to wear your sexual proclivities on your sleeve, we just ask that you come. Any gender-identification, any age. Singles, couples, parents, sisters, brothers, children, friends. Come walk or roll or strut or holler or stomp with us. This has become a global movement, with Satellites happening all over the world. Seeifthere'soneinyourcity.<sup>52</sup>

Como podemos observar no documento acima, há no coletivo um debate interno sobre a importância da diversidade no movimento, e este anseio não se restringe às necessidades das mulheres, mas como

---

<sup>52</sup> Estamos cansadas de sermos oprimidas por 'slut-shaming' (causar constrangimento na mulher através de críticas maldosas relacionadas a sua sexualidade, atribuindo-a o termo vadia); de sermos julgadas por nossa sexualidade e, como resultado, de nos fazer sentir inseguras. Somos um movimento que exige que nossas vozes sejam ouvidas. O que queremos é um diálogo significativo e estamos fazendo algo sobre isso: estamos nos unindo. Não apenas como mulheres, mas como gente de todas as expressões de gênero e orientação, todas as esferas da vida, os níveis de emprego e educação, todas as raças, idades, habilidades e contexto, de todos os lugares desta cidade e seja de onde for. Estamos pedindo que junte-se a nós para a 'SlutWalk', para fazer uma declaração unificada sobre agressão sexual e os direitos das vítimas e para exigir respeito pra todos. Seja como companheira vadia ou simplesmente aliado, você não tem que estampar suas inclinações sexuais na manga da camisa, nós apenas pedimos que você venha. Qualquer identificação de gênero, de qualquer idade. Solteiros, casais, pais, irmãs, irmãos, filhos, amigos. Venha caminhar ou acompanhar ou reforçar ou gritar ou marchar com a gente. Este se tornou um movimento global com movimentos-satélite, acontecendo em todo o mundo. Veja se há uma [Marcha das Vadias] em sua cidade. (SLUTWALK, Toronto, 2012. Traduçãoolivreminha).

todas as mulheres devem ser representadas nas ações e na organização da Marcha. Como afirma, em depoimento, a ativista H da MdV de Campina Grande:

há exatos dois anos, logo depois do nascimento e ampliação da Marcha das Vadias pelo mundo, a ONG norte-americana BlackWomen'sBlueprint escreveu uma carta aberta às organizadoras da Slutwalk, em Toronto. Nela, estavam contidas reivindicações e chamadas ao diálogo com as feministas negras, além de críticas que consideravam a Marcha das Vadias uma manifestação majoritariamente de mulheres brancas, universitárias e de classe média. Estas e outras questões mais antigas, relativas à luta feminista e a participação da mulher negra nestes espaços, suscitaram inquietações dentro do próprio movimento e nos impulsionaram a uma reflexão acerca dos privilégios vivenciados pelas mulheres brancas e a necessidade de se enegrecer o Feminismo e a Marcha das Vadias.

Quanto à participação dos homens no coletivo, embora sejam bem-vindos e aceitos, a ativista C, da MdV de João Pessoa, esclarece que, como coletivo feminista, as mulheres são as protagonistas da MdV:

Como é difícil explicar a alguns homens que se dizem pró-feministas, tão acostumados ao protagonismo inerente ao seu gênero, que os coletivos e/ou movimentos feministas são espaços sociais que pertencem às mulheres. Muitos chegam a ficar com raiva mesmo, quase agressivos e passam a articular discursos de “feminismo”, “feminismo radical” e por aí vai (...) além de com isso mostrar que não sabem sequer do que estão falando, deixam de considerar que o simples fato de que perdemos tempo explicando o porquê da necessidade de mulheres se articularem e aprenderem juntas a se mobilizarem política e socialmente já é de

uma extrema delicadeza por parte da companheira que a isso se propôs, uma vez que não devemos favor nenhum e não temos que nos justificar, estamos no nosso lugar,oras.

Esse enseio em demarcar o lugar de liderança da mulher (em sua diversidade), como também que este seja reconhecido como um coletivo feminista pode ser constatado nas imagens que a Marcha utiliza em suas campanhas, sejam nas *blogagens*, nos cartazes, filmes e panfletos, nos quais podemos reconhecer a imagem que o movimento pretende ter (ver Figuras 13 e 14).

Figuras 13 e 14 - Imagens de divulgação da MdV do Distrito Federal em 2012.



Fonte: <<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

Essa preocupação aparece no documento “Carta Aberta da MdV 2012”, do Distrito Federal:

Não podemos mais falar em uma “mulher universal”. Quando não explicitamos a cor, o sentimento de gênero ou a sexualidade dessa mulher, estamos falando da mulher branca heterossexual. Uma mulher que durante anos foi confinada ao lar e que corresponde ao estereótipo de recato e fragilidade. A mulher negra sempre teve que trabalhar, são brutalizadas e desumanizadas (sic). Seu estereótipo é de uma mulher hipersexualizada, desregrada e interesseira. As indígenas, por sua nudez, são chamadas de devassas. As lésbicas têm sua sexualidade constantemente questionada. As transexuais não podem sequer existir socialmente. Sabemos que a ideologia machista desumaniza a mulher, garantindo assim sua subordinação como sujeito de categoria inferior na hierarquia das classes sociais, mas é preciso perceber que o racismo, a homofobia, a lesbofobia e a transfobia agem de maneiras diferentes, apesar de fazerem parte do mesmo sistema misógino.<sup>53</sup>

Entre as bandeiras defendidas pela MdV, a luta contra o preconceito racial recebe ênfase, pois, como pode ser constatado acima, o coletivo MdV compreende que as mulheres negras são mais vulneráveis a sofrer a violência de gênero, sendo vistas pelo senso comum como “hipersexualizadas”. A esse respeito, a Organização americana *Black Women’s Blueprint*, dos Estados Unidos da América, divulgou, em setembro de 2011, uma carta aberta endereçada à organização da MdV em Toronto e às demais MdV espalhadas pelo mundo, pedindo que estas refletissem sobre a interseção raça,

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 fev. 2013.



sexualidade, gênero, classe, atendendo à inserção da categoria raça nas suas pautas de reivindicações.<sup>54</sup>

No caso do coletivo MdV na Paraíba, observamos que a participação das ativistas negras (e de periferia) e que as pautas que trazem a valorização dos traços da cultura e etnia negra fazem parte das reivindicações da Marcha, como, por exemplo, a valorização do cabelo crespo, nariz largo, boca carnuda, e a desconstrução de estereótipos negativos ligados ao corpo da mulher negra; além da defesa dos direitos ao trabalho e no trabalho e na luta por segurança à mulher negra, bem como a denúncia sobre a vulnerabilidade maior da mulher negra em relação aos casos sofridos pelas mulheres brancas de sofrer assédios, estupros e homicídios.<sup>55</sup>

Podemos observar, nas imagens da MdV no estado da Paraíba, a participação de lideranças do movimento negro e da juventude (Figuras 15, 16 e 17).

Figura 15 - Ativista discute racismo na MdV Campina Grande 2012.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

---

<sup>54</sup> A carta aberta da organização Black Women's Blueprint encontra-se disponível em: <<http://www.blackwomensblueprint.org/2011/09/23/an-open-letter-from-black-women-to-the-slutwalk/>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

<sup>55</sup> Tudo isso foi discutido na mesa redonda "Feminismo Negro e a Marcha das Vadias", realizada pelo coletivo MdV João Pessoa em 01/08/2013, na UFPB.

Figura 16 - Ativista afirma: Sou mulher, sou negra e Vadia na MdV/JP em 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 17 - Ativista do movimento negro na MdV em João Pessoa 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Outra característica observada na MdV diz respeito à inclusão no coletivo das mulheres transexuais e travestis. No estado da Paraíba, participam da organização da MdV jovens travestis, transexuais e transgêneros. São jovens universitárias e trabalhadoras em geral, que buscam, na participação do coletivo novas sociabilidades e apoio nas lutas cotidianas, sendo que, algumas fazem parte também do Movimento LGBT local<sup>56</sup> (Figura 18).

Figura 18 - Ativista denuncia o preconceito contra as trans na MdV Campina Grande, 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

---

<sup>56</sup> A sigla LGBTTT, comumente utilizada pelo coletivo MdV, corresponde ao agrupamento dos segmentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Segundo Ferreira (2012), essa denominação surgiu a partir das discussões realizadas no interior do movimento social reconhecido anteriormente como “Movimento Homossexual”. Para contemplar as diferenciações entre os diversos segmentos identitários, começaram a ser referidos como LGBT, significando o agrupamento dos segmentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e o T representando os Travestis, Transexuais e Transgêneros. Atualmente, passaram a ser adicionadas à sigla as três letras T no final, para representar cada um dos três termos e identidades trans representados. Mais recentemente, principalmente em âmbito internacional, tem-se utilizado a letra “Q” (representando os segmentos que se autodefinem como Queers) e a letra “I” (representando os segmentos denominados Intersexo, anteriormente conhecidos como hermafroditas), que foram adicionadas à sigla “LGBT”, resultando em “LGBTQI”.

Figura 19 - Ativista defende os direitos das travestis na MdV/CG, 2013



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Um caso bastante noticiado foi o da ativista Indianara Siqueira, da MdV do Rio de Janeiro, que, sendo uma mulher transexual, está sendo processada por atentado ao pudor por exibir os seios em manifestação em 2013 (Figura 19).<sup>57</sup>

Figura 20 - Imagem de Indianara Siqueira, postada no grupo Marcha das Vadias Nacional.



Fonte: Grupo do Facebook MarchaNacional das Vadias. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/273135932706838/>. Acesso em: 10 jun. 2013.

<sup>57</sup>Blog com depoimentos de Indianara Siqueira: <http://iconoclastia.org/2013/06/10/indianara-siqueira-a-trans-que-pode-mudar-a-lei-brasileira/>.

A ativista R, da MdV/JP, explica a importância do transfeminismo na Marcha das Vadias:

recentemente estive em um debate no Sebo Cultural de João Pessoa e quando me apresentei enquanto um (x) TRANSFEMINISTA algumas pessoas ficaram se perguntando e até me indagaram o que seria o transfeminismo (...) A ideia do transfeminismo surge a partir da crítica feita no final da década de 80 ao movimento feminista hegemônico. Esta crítica leva em conta que o objetivo do feminismo em delimitar a categoria de mulher como universal e homogênea estava fadado ao fracasso, pois a tal “categoria de mulher” era produzida pelo mesmo mecanismo que buscava se emancipar juridicamente excluindo no processo muitas particularidades que lhe custariam caro. Ou seja, não se podia objetivar emancipação política utilizando uma representação universal de categoria de mulher inexistente, pois “ser mulher” era um conceito tão subjetivo e com tantas intersecções que não havia como ao mesmo tempo emancipar politicamente todas as mulheres; com efeito, não se poderia emancipar nenhuma. Esse conceito pode ser aplicado justamente na adoção de uma política transfeminista. Transfeminista, porque desde aquela época até hoje o feminismo se apoia em um discurso binaristadimórfico que exclui mulheres e homens trans de seus discursos, mesmo que na prática as aceitem em seus grupos. Tenho percebido, porém, que para que pessoas trans entrem na “pauta feminista” é necessário sempre insistir e por muitas vezes literalmente gritar, para serem ouvidas dentro desses grupos. Além disso, pautado no dimorfismo, o feminismo não deu

conta de representar (e muitas vezes aceitar) a existência de mulheres com pênis e/ou com corpos que não são conformes ao binário (não-cis), mulheres que se sentiam bem com tal genital a revelia do discurso médico patologizador guiado por documentos cujo único objetivo é regular e reproduzir o binarismo e dimorfismo de gênero. (R, 23 anos, estudante).<sup>58</sup>

Como fica claro na explicação de R, a desconstrução de conceitos sobre o que é “ser mulher” ou o que seria uma “mulher de verdade” é um passo importante que os Novos Movimentos Feministas estão caminhando para conquistar. Como já foi dito, nas Marchas estudadas, as trans são importantes na organização do coletivo, como pode ser percebido na discussão gerada pelo caso da ativista trans Indianara Siqueira (Figura 21):

---

<sup>58</sup>R publicou esse depoimento no grupo Marcha das Vadias João Pessoa, em 22 de junho de 2012, às 15h54. Disponível em: <<http://www.facebook.com/groups/213356832117416/236288593157573/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

Figura 21 - Discussão no grupo Marcha das Vadias Nacional do caso da ativista Indianara Siqueira.

**book** 1

Ela foi condenada por atentado ao pudor por mostrar os seios na Marcha das Vadias. Mas ela é transexual, então a lei tem um dilema: Se a condena, estará reconhecendo que o gênero não é dado pelo sexo biológico. E se não condena, estará dando aval a todas as transex de andarem com os peitos a mostra. Conheça aqui a fantástica história de Indianara Siqueira, por ela mesma.  
<http://iconoclastia.org/2013/06/10/indianara-siqueira-a-trans-que-pode-mudar-a-lei-brasileira/>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 10 de junho de 2013

122 pessoas curtiram isso. Principais comentários ▾

208 compartilhamentos

**B** O mais interessante, é que deixa a discussão de gênero, e ao mesmo tempo deixa a discussão sobre o pudor. Isso ainda vai dar uma "tela azul" nas leis, mais cedo ou mais tarde.  
 Curtir · Responder · 14 · 10 de junho de 2013 às 05:18

**C** Onde está este pudor todo quando se trata de crianças dormindo nas ruas frias, tendo de mendigar para comprar drogas suficientes a anestesiarem a dor do vento gelado na carne delgada?  
 Curtir · Responder · 11 · 10 de junho de 2013 às 11:58

2 Respostas

**D** Hahaha que ótimo! Chupa!!!  
 Curtir · Responder · 3 · 10 de junho de 2013 às 05:14

**E** Já até sei o argumento que vão usar: é considerado atentado ao pudor a exibição de público de seios feminizados, desenvolvidos, como os da trans em questão.

Fonte: Grupo do Facebook Marcha Nacional das Vadias. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/273135932706838/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Assim, com base nos depoimentos e observações realizadas, procurando responder à questão “O que é ser Vadia e quem são as Vadias?”, encontramos diferentes respostas, que carregam um pouco da história de cada pessoa, com seus sonhos e planos. Algumas já participavam de coletivos antes da MdV e se identificaram como

militantes feministas, outras estão agora pela primeira vez participando de um movimento social.<sup>59</sup>

Não há como apontar uma identidade única para todas essas mulheres, nem apresentar Vadia como uma categoria afirmativa. Entretanto, observo como traço comum a todas as ativistas a busca pela liberdade. Todas as mulheres ouvidas revelaram o que sentiam ao participar da MdV, que estavam realizando algo para a “desconstrução de padrões culturais existentes que causa opressão na mulher” e assim por elas mesmas.

Nesse sentido, participar da MdV pode significar um exercício que Foucault (2004, p. 265) define como *Práticas de Liberdade*. Na perspectiva dele, a liberdade faz parte das experiências buscadas pelos próprios sujeitos, como parte de *Cuidado de Si*, sendo “um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”.

Para Foucault (2004), as forças internas e externas vão constituir o sujeito, ou seja, cada um de nós é formado tanto pelas relações de saber e de poder do nosso meio, como pelas relações intersubjetivas. Isso faz pensar que sempre há espaço para a construção de si mesmo como um sujeito que inventa seu próprio destino nos “processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento” (FOUCAULT, 2004, p. 236).

Tomando essa perspectiva, observamos que os grupos de mulheres pesquisados, nas experiências práticas de liberdade, procuram se libertar, apresentando um discurso de resistência à ideologia paternalista e patriarcal, realizando uma micropolítica de resistência. Para Foucault (2004), o projeto de liberdade é um exercício, uma luta em cujos combates não se conhece a vitória final.

A postura irreverente da MdV e a defesa da desconstrução de padrões culturais com a mudança de paradigma são marcantes, o que se reflete nas bandeiras defendidas, mesmo que não sejam de fato alcançadas; é essa defesa que indica escolhas, resistências, que, conforme Foucault (2004), são a própria liberdade do sujeito. Mas não esqueçamos que trata-se de um “coletivo”, que incorpora das

---

<sup>59</sup> Vale destacar que, ao longo do trabalho, percebi que a preocupação em identificar uma identidade para elas, enquanto movimento social, era claramente uma preocupação apenas minha.



subjetividades histórias de vida e aspirações pessoais, mas sempre visando a um projeto grupal de liberdade e cidadania e, talvez, por uma sociedade mais justa e democrática.

## CAPÍTULO III

### As palavras de ordem da Marcha das Vadias na Paraíba

Procuramos identificar e analisar os principais dizeres dos cartazes das Marchas de João Pessoa e Campina Grande. Para tanto, utilizamos alguns vídeos e cerca de 300 fotografias das Marchas que aconteceram nos anos de 2012 e 2013, tendo identificado um total de 159 cartazes e faixas. A temática de combate à violência contra a mulher predominou nas MdV estudadas, aparecendo em pinturas corporais, em cartazes e nas maiores faixas, com palavras de ordem como:

“Se ser livre é ser Vadia, somos todas Vadias!”  
 “Não é sobre sexo, é sobre violência”;  
 “Pelos mulheres de Queimadas”;  
 “Não é Não!”;  
 “Meu corpo, minha revolução”;  
 “Nosso corpo, nossas regras”;  
 “Não somos estupráveis!”  
 “Se o corpo é da mulher, ela dá a quem quiser”.

Conforme já foi dito, se tivéssemos que indicar, entre as bandeiras da MdV, a que melhor representa a Marcha, essa palavra de ordem é a *liberdade*, pois entendemos que todas as bandeiras relacionadas à violência, como as contra a *cultura do estupro* ou as de direito ao próprio corpo e à sexualidade, podem ser entendidas como derivações da categoria *liberdade*. E essa liberdade pode ser traduzida de muitas formas: sexual, profissional, de ir e vir, de fazer suas próprias escolhas, de ser diferente dos padrões vigentes, etc. E a liberdade nos parece representar ausência de limitações, de coação e de discriminações, sendo uma luta contra as restrições, que têm como base a dominação masculina.

Nas MdV que aconteceram em 2013 no estado da Paraíba, as bandeiras contra a aprovação do Estatuto do Nascituro e a *cultura do estupro* predominaram. Uma das organizadoras da MdV João Pessoa fala da importância dessas reivindicações:

Esse estatuto é uma ameaça à autonomia da mulher, ao corpo da mulher, dela decidir quando quer ter filhos, se quer ter filhos e principalmente é uma violência que legaliza a

violência contra a mulher, porque faz com que o estuprador não seja punido.

Segundo o depoimento de E, a cultura do estupro e o estatuto do nascituro são temas que estão interligados e diz respeito à autonomia da mulher (ou sua ausência) sobre o próprio corpo e à sua liberdade como indivíduo.

Observamos que cada Marcha expõe as demandas locais e apresenta diferenças em suas deliberações de ações. Por exemplo, na Marcha das Vadias que aconteceu em Florianópolis em maio de 2013, ficou combinado entre as organizadoras que não seriam aceitas bandeiras de partidos políticos, e de fato não foi observada nenhuma bandeira partidária nessa Marcha. Essas articulações e acertos aconteceram de forma diferente nas várias MdV do Brasil.

Neste sentido, observamos que a MdV comporta diferentes necessidades locais, articuladas entre si, forjadas num mesmo contexto de luta. Tais sentidos distintos possibilitam que os vários participantes, cada qual com suas críticas, comunguem através da Marcha e acabem se unindo na Marcha. Consideramos como fundamental o fato de a Marcha representar um espaço de variadas possibilidades, de realidades criticadas ou almejadas, a serem criadas através de lutas, que têm em comum a superação da realidade que se almeja transformar.

### III.1 “Se Ser Vadia é Ser Livre, Somos Todas Vadias!”

Figura 22 - Marcha das Vadias 2013 em Campina Grande.



Foto: Jéssica Costeira. Fonte:

<<https://www.facebook.com/events/390054757761381/?ref=22>>.

Acesso em: 11 set. 2013.

A primeira palavra de ordem que discutiremos é: “eu sou vadia”. Essa palavra de ordem deu nome ao coletivo Marcha das Vadias e nos indica uma escolha estratégica, de apropriação e ressignificação do termo vadia. Conforme mencionamos no início deste trabalho, do nome *Slutwalk* aproveitou-se a palavra *slut*, que significa vadia, termo usado geralmente de forma pejorativa para humilhar mulheres pelo seu comportamento ou pelo jeito de se vestirem, evidenciando sua sexualidade, como descrevem as ativistas da MdV de Toronto:

Historically, the term ‘slut’ has carried a predominantly negative connotation. Aimed at those who are sexually promiscuous, be it for work or pleasure, it has primarily been women who have suffered under the burden

of this label. And whether dished out as a serious indictment of one's character or merely as a flippant insult, the intent behind the word is always to wound, so we're taking it back. "Slut" is being re-appropriated. We are tired of being oppressed by slut-shaming; of being judged by our sexuality and feeling unsafe as a result. Being in charge of our sexual lives should not mean that we are opening ourselves to an expectation of violence, regardless if we participate in sex for pleasure or work. No one should equate enjoying sex with attracting sexual assault.<sup>60</sup>

Como ficou claro no documento acima, a MdV procura ressignificar o termo Vadia, atribuindo-lhe um significado positivo, entendido pelo grupo como a mulher livre que escolhe como quer viver sua vida. A liberdade da Vadia reflete-se na diversidade de participantes e na sua forma de organização: nos encontros para decidir ações e eleger pautas, nas palavras de ordem, elencadas geralmente a partir de reuniões virtuais e presenciais. Como já foi dito, é permitido a qualquer pessoa, mesmo que não participante das reuniões de preparação, elaborar seu próprio cartaz com sua mensagem pessoal e defendê-lo nas manifestações.

A denominação "Vadia" ainda indica características de irreverência e ousadia da Marcha e de seus participantes, como podemos perceber nas falas de ativistas de João Pessoa:

---

<sup>60</sup>Historicamente o termo 'vadia' carregou predominantemente uma conotação negativa. Mirando aquelas tidas como sexualmente promíscuas, seja por trabalho ou prazer, são principalmente mulheres a sofrer sob o peso desse rótulo. Seja usado como uma acusação séria contra alguém ou apenas como um insulto irreverente, a intenção por trás desta palavra é sempre ferir, por isso estamos tomando-a de volta. O termo "vadia" está sendo reapropriando. Estamos cansadas de sermos oprimidas por 'slut-shaming'; de sermos julgadas por nossa sexualidade e, como resultado, de nos sentir inseguras. Estar no comando de nossa vida sexual não significa que estamos nos abrindo para uma expectativa de violência, independentemente de praticarmos sexo por prazer ou trabalho. Ninguém deve comparar o desfrutar do sexo com atrair violência sexual. (SlutWalk ,Toronto, abril de 2012.Tradução livre minha). Disponível em: <<http://www.slutwalktoronto.com/>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

(...) o nome que não agrega todas as mulheres (mães de família de classe econômica menos favorecida ou mulheres do campo), enquanto – por outro lado – atrai e agrega meninas de classe média<sup>61</sup> que nunca haviam discutido o feminismo, mas se sentiram contempladas com as reivindicações e reflexões que a Marcha vem trazendo sobre a questão de segurança pública e domiciliar, tal qual sobre a liberdade individual e coletiva da mulher dentro da sociedade. (A, 22 anos, jornalista).

Acho o nome fantástico, ele consegue ressignificar, tem aquela ideia do que é ser mulher, então ele pode afastar algumas, porém as meninas conseguem explicar o porquê do nome. Lembro de uma criança que tinha um cartaz, “sou filho de uma vadia”, então o nome tanto afasta, como agrega. Vadia tem filho, tem família, trabalha, estuda, o nome não está afastado da intervenção das meninas. Ele consegue atrelar a bandeira do corpo a outras bandeiras, acho o nome é muito apropriado. (C, 22 anos, estudante).

Segundo os depoimentos das informantes acima, o nome “vadia” ainda causa repúdio e afasta inclusive algumas pessoas que combatem a violência contra a mulher, pela dificuldade em aceitar essa denominação, ao mesmo tempo que agrega jovens de camadas médias urbanas, universitários, militantes do movimento estudantil, do movimento LGBTTT, artistas, profissionais liberais, entre outros. Ao mesmo tempo, para as maioria das ativistas, o nome Marcha das Vadias é coerente com a proposta do movimento.

Nesse sentido, ao assumirem a denominação Vadia, as ativistas se reconhecem como militantes e podem passar a sofrer

---

<sup>61</sup> O coletivo Marcha das Vadias no estado da Paraíba é formado majoritariamente por pessoas das camadas populares e médias.

represálias por grupos conservadores da sociedade. Embora a maioria das ativistas aceitem o nome Vadia e se tratem afetuosamente com essa denominação, a informante D, que participou da MdV 2012 em João Pessoa, não se sentiu confortável quando identificada, na faculdade em que estuda, como Vadia:

Eu acho que deveria ter outro nome. Essa marcha começou lá no Canadá, seria da mulher que provocava o cara (...). Lá na Lagoa, teve gente que viu aquilo e não entendia, achavam até que era marcha das prostitutas. Aqui vadia é visto como vagabunda, mas, por contatos com amigas que são feministas, eu entendi (...) e fui para lutar pelos meus direitos (...) e lutar contra a violência que a mulher sofre, tanto em casa como na rua. Eu não tinha ido num protesto antes, nem nunca participei de movimentos. Acho que foi importante pra mim (...), mas eu não queria ficar conhecida como VADIA. Coloquei uns cartazes da Marcha das Vadias na faculdade e foram arrancados, e na universidade eu fui chamada de vadia. Eu sofri discriminação por participar da MdV. Na faculdade eles disseram: “Eita olha a vadia que ficou de biquíni.” (...) Quem tirou, boa sorte, eu até parabenizo pela coragem, mas (...), eu não quis. Eu não esperava que EU fosse ficar tão em destaque, que ia aparecer na televisão. (D, 25 anos, estudante universitária, classe média).

Na fala de D, podemos perceber tanto a identificação com as bandeiras da MdV, como também o receio de ser identificada com a identidade Vadia. Esse caso revela que não é apenas a participação na ação de marchar com as Vadias que vai mudar o entendimento do sujeito do conjunto de significados negativos que o termo carrega socialmente.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que a decisão de marchar acontece para alguns sem uma prévia reflexão e nem todas participantes atentam-se para as implicações sociais de apoiar a MdV ou de serem vistas como participante dela.

Bem diferente de D, uma das organizadoras da MdV 2013 de João Pessoa, em discurso<sup>62</sup> na própria Marcha, demonstra orgulho e fala do significado de ser Vadia para ela:

Se ser livre é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se exigir respeito é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se brigar contra o fim da violência contra a mulher é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se denunciar um homem que comete abuso contra outra mulher é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se andar com a roupa que eu escolher é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se escolher a quem eu quero amar é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se escolher contar minha própria história é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Se tá na rua é ser vadia, SIM EU SOU VADIA!

Como podemos perceber pelo discurso da ativista, a palavra “vadia”, considerada agressiva e usada para cobrar uma postura reprimida e diferenciada de gênero, recebe um novo significado, que passa a ser assumido pelo movimento, tornando-se uma forma afetuosa de tratamento entre as ativistas.

Entretanto, embora o termo “vadia” signifique “livre” para as ativistas que fazem parte do coletivo MdV e seja adotado como identidade do grupo, dadas certas reações desfavoráveis à Marcha, até o momento o termo não foi redefinido pela maioria dos segmentos da sociedade brasileira, assim como não são aceitos o comportamento, o traje ou a postura de uma mulher que se considere livre. Ou seja, o

---

<sup>62</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=oiYqcIG\\_3Uw](http://www.youtube.com/watch?v=oiYqcIG_3Uw)>. Acesso em: 14 mar. 2014.



estigma que a palavra vadia carrega (de “mulher fácil”, “mulher disponível para sexo”, ou fora dos padrões de moralidade feminina) ajuda na imposição de uma série de regras relacionadas ao comportamento de gênero. Na defesa do uso desse termo, a Carta da Marcha das Vadias 2012, de João Pessoa, afirma que:

O uso dessa palavra é uma crítica ao rótulo que nos é imposto quando enfrentamos os padrões estabelecidos para o comportamento feminino. Então, dizemo-nos “vadias” porque queremos ser mulheres livres de qualquer tipo de exploração e de opressão e não ficamos caladas diante de uma situação de violência, seja ela física, simbólica ou psicológica. Dizemo-nos “vadias” porque nossos corpos nos pertencem!<sup>63</sup>

Esse sentido revela a postura política das ativistas, que procuram discutir a ideologia patriarcal através do seu uso.

Bourdieu (2010, p. 64) aponta que as palavras não têm poder autônomo e só podem existir enquanto discurso “na medida em que seja socialmente aceita, ou seja, ouvida, acreditada e, por conseguinte, eficiente num determinado estado de produção e de circulação.” Ou seja, ao assumir o termo Vadia, as ativistas almejam uma mudança, propõem uma mudança nas percepções culturais da sociedade em relação à mulher/pessoa feminina.

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://marchadasvadiasjp.blogspot.com.br/2012/06/carta-manifesto-da-marcha-das-vadias-pb.html>>. Acesso em 6 mar. 2014.

Figura 23 - Marcha das Vadias, Campina Grande, 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Por outro lado, SaskiaSassen (2010, p. 499) acredita que a própria linguagem pode funcionar como gatilho nos processos de transformação cultural. Ela afirma que:

El lenguaje es una arma de dos puntas. De um lado te sirve para generar una nueva narrativa, una nueva explicación, y aún para demostrar la dominación de ciertas concepciones - incluso el machismo, claro está. Por otro lado el lenguaje también puede ocultar muchas cosas. En mi trabajo un punto crucial es reconocer el poder de las categorías maestras: y el hecho que esse mismo poder de iluminar con gran claridad, también genera una penumbra en su alrededor, que oculta mucho, y por eso mi primera reacción es peligro, peligro, peligro. Cuando yo me encuentro

com una categoría maestra digo iaja! Me voy a ir a investigar lo que hay em esa penumbra- I amgoindigging... voy a escarbar, com una pala, esa es la imagen que tengo de mi misma. Entonces el vocabulário tiene poder de iluminar y el poder de obscurecer. Es un instrumento de libre acción, que no sabe siempre por donde va.<sup>64</sup>

O pensamento da socióloga Saskia Sassen (2010) atenta para a necessidade de sair da linguagem corrente e “cavar” os novos sentidos que os atores atribuem às palavras. Essa seria uma questão chave, uma vez que as categorias podem tanto apagar como iluminar a voz política dos mais fracos. No caso específico, estamos lidando com uma categoria que é utilizada como símbolo de repressão ou para denegrir as mulheres em sociedade que teimam em não se adequarem aos padrões morais, estéticos e culturais vigentes.

Sassen (2010) defende que existe um grande número de histórias “invisíveis” envolvendo pessoas que estão longe das esferas do poder, mas que, no entanto, podem se fortalecer e se tornar visíveis, quando se reapropriam de conceitos e, dessa maneira, conseguem fazer sua voz ser ouvida.

Beatriz Preciado (2012) compartilha o mesmo ponto de vista de Sassen (2010), defendendo que a palavra é uma ferramenta de libertação, e os significados têm a ver com o lugar de enunciação da palavra. Ela usa como exemplo a palavra “puta” ou “vadia”:

---

<sup>64</sup> A linguagem é uma arma. De um lado pode ser usada para gerar uma nova narrativa, uma nova explicação, e até mesmo para demonstrar o domínio de certas idéias - mesmo que machistas, é claro. Por outro lado, a linguagem também pode esconder muitas coisas. No meu trabalho um ponto crucial é reconhecer o poder de uma categoria chave: que de fato tem o poder de iluminar de forma muito clara, mas pode também gerar uma penumbra ao redor, escondendo muita coisa, por isso a minha primeira reação, quando eu encontro uma categoria chave é pensar: perigo, perigo, perigo! Então vou investigar o que há atrás da penumbra ... Eu vou cavar, com uma pá, essa é a imagem que tenho de mim mesmo. Em seguida, o vocabulário tem o poder de iluminar o poder obscuro. A linguagem é um instrumento para a ação, embora nem sempre se saiba para onde se está indo (SASSEN, 2010, p. 499. Tradução livre minha).

Cuando digo “puta” o “perra” no hablo de ningunamanera de todas lasmujeres, sólo de algunas chicas conlas que hefollado. Y sonellaslas que me enseñaron a llamarlasasí. Túpuedes imaginar que cuandollamo a VirginieDespentes mi “perra”, esoes porque ella está totalmente de acuerdo... Cuando una mujerhabla de lasexualidad de forma cruda, ella es vista como masculina. Aquí, no es una fisura retórica para mí, es una forma de habitar elespacio público, y ya que está totalmente prohibidoescribir de esa forma para una mujer, cuando te reapropiasesos códigos enlenguaje, estás generando una violencia, y yo, ¡reivindico eselenguaje! Y luego, lasmujeres de las que habloretomanel insulto a sucuentaen una lógica de *empowerment* (reforzamiento de sí), eso que Judith llamaeldesplazamientodel insulto que cambia elsujeto de laenunciación que no es más víctima.<sup>65</sup>

Assim, para essa autora, sempre existirá uma tensão pela anunciação da palavra e, quando acontece uma reapropriação de uma palavra que está gerando violência pela vítima, ocorre um deslocamento

---

<sup>65</sup>Quando eu digo "puta" ou "vadia" não é um termo que uso para falar com todas as mulheres, apenas falei com algumas meninas que eu fiz sexo. E são elas que me ensinaram a assim chama-las. Você pode imaginar que quando eu chamo VirginieDespentesde "cadela", é porque ela está totalmente de acordo ... Quando uma mulher fala sobre forma crua sobre sua sexualidade, é visto como masculina. Esta não é uma retórica para mim, é uma maneira de habitar o espaço público, e uma vez que é totalmente proibido escrever dessa forma para uma mulher, quando você se reapropia desses códigos da língua, você está gerando violência e, eu afirmo que é linguagem! E, em seguida, eu falo para as mulheres que se apropriarem do insulto como meio para empoderar-se, como Judith afirma, com isso acontece um deslocamento do insulto, pois muda o sujeito da enunciação, que deixa de ser a vítima (PRECIADO, 2012. Tradução livre minha).

do insulto e o empoderamento desses sujeitos, pois muda o sujeito de enunciação, que passa a ser o senhor da linguagem.

Ainda segundo Preciado (2012), é preciso estarmos atentos aos usos e significados das categorias-chaves. Ela cita o exemplo do termo *queer* (em inglês), um insulto que significa alguma coisa como “bicha, sapatão, engraçado, estranho”, e, por extensão, denota desvio sexual ou perversão. Esse termo foi reapropriado no final dos anos oitenta, como uma reação às políticas americanas de identidade gay e lésbica, quando vários coletivos que estavam à margem, como os transexuais, travestis e transgêneros foram se integrando e assimilando ao movimento inicialmente apenas gay e lésbico. A ressignificação do termo *queer* representou o fortalecimento de diversas identidades que se encontravam às margens.

Podemos afirmar que a reapropriação do vocábulo *Vadia* pela Marcha aconteceu de forma similar, pois o sentido negativo do termo direcionado a um grupo de estudantes universitárias desencadeou solidariedade e funcionou como catalisador para diversos coletivos.

Desta maneira, consideramos que a positivação do termo *vadia* se dá pela utilização do termo como forma de inversão da carga de estereótipos comumente empregados na definição das *vadias*, cujo uso denota uma ruptura com os valores que balizam tais processos de estigmatização, e uma luta pelo afastamento da “anormalidade” e garantia de respeito às minorias.

Com relação à aceitação do nome *MdV* pelas outras correntes dentro do próprio movimento feminista, observamos que existem ainda ressalvas, como observa Gloria Steinem (2014, p. 48):

Feminism in India is now facing generational differences. The older feminists who fought core issues seem not quite comfortable dealing with ideas like the slut walk (...) Movements often pick up 'bad' words and turn them into 'good' words to assert their power. I was once called 'the slut from East Toledo' on a TV show in Ohio where I was born. When I was a teenager I would have cringed at the insult because East Toledo was this really run down place. But we had just finished protesting at the Wall Street, and share prices were tumbling and I was thrilled to hear the insult. I said great, put that on my

tombstone: 'here lies the slut from East Toledo'.<sup>66</sup>

Com a reflexão de Steinem (2014), pode-se concluir que as diferenças entre os feminismos se dão também pelo cunho geracional. A autora visualiza na MdV uma expressão importante das jovens feministas.

### III.2 “Somos Todas as Mulheres de Queimadas”

*“A violência contra mulher  
não é o mundo que a gente  
quer”*

A segunda palavra de ordem mais expressiva da Marcha das Vadias que aconteceu no estado da Paraíba no período estudado é: “Somos Todas as Mulheres de Queimadas”. Para entender qual o significado da violência contra as mulheres e quais as categorias utilizadas pelas ativistas, apresentamos dois casos que viraram emblemáticos nessas Marchas.

Em 12/02/2012, aconteceu em Queimadas, cidade do interior do estado da Paraíba (situada a 141 km de João Pessoa), um violento caso de estupro e assassinato de mulheres. Ficou conhecido como “o estupro coletivo” da cidade de Queimadas, no qual cinco mulheres foram violentadas sexualmente e duas delas assassinadas<sup>67</sup>. As circunstâncias

---

<sup>66</sup>O feminismo na Índia está agora enfrentando diferenças geracionais. As feministas mais velhas que lutaram por questões centrais não parecem muito confortáveis em lidar com novas ideias, como faz a Marcha das Vadias (...) Os movimentos muitas vezes se apropriam de termos "ruins" para transformá-los em "boas" palavras para afirmar seu poder. Uma vez eu fui chamada de "a vadia de East Toledo" em um programa de TV de Ohio, onde eu nasci. Se eu fosse adolescente eu iria me encolher ante o insulto, porque East Toledo foi um lugar realmente decadente. Mas nós tínhamos acabado de protestar na Wall Street, e os preços das ações estavam caindo e eu fiquei emocionada ao ouvir o insulto. Eu disse ótimo, ponha isso na minha lápide: "Aqui jaz a vadia de East Toledo". (STEINEM, 2014, p48. Tradução livre minha).

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/02/22/dez-sao-indiciados-por-estupro-coletivo-e-morte-de-duas-mulheres-no-interior-da-paraiba.htm>>;

crúéis deste episódio causaram uma comoção geral e estimularam a discussão sobre a violência contra a mulher. Isso se refletiu na própria composição das Marchas, que receberam caravanas vindas daquela cidade para participar das MdV ocorridas em João Pessoa, no dia 9 de junho de 2012, e em Campina Grande, no dia 4 de agosto de 2012, e esteve presente também nas bandeiras das MdV que aconteceram no ano seguinte no mesmo estado.<sup>68</sup>

Outro caso de violência já comentado e que marcou a MdV na Paraíba foi o assassinato de uma participante da Marcha, dez dias após ter acontecido à primeira MdV em João Pessoa, no dia 19/05/2012:

Briggida Lourenço, 28 anos, uma grande divulgadora da Marcha das Vadias em João Pessoa, professora da UEPB e mãe de uma criança de doze anos, foi assassinada. Seu ex-marido é o principal suspeito e encontra-se foragido. Briggida veio juntar-se à triste e chocante estatística que aponta que em 2012 sessenta e cinco assassinatos de mulheres ocorreram no Estado. Mais do que em todo ano de 2011.

E para aqueles que nos criticam dizendo que a Marcha é uma ação de “privilegiadas”, continuaremos

gritando:  
SOMOS TOD@S BRIGGIDA  
LOURENÇO!!!

SOMOS TOD@S MULHERES DE  
QUEIMADAS!!!

SOMOS TOD@S MARIA DA PENHA!!!

Dia 06 de Julho a partir das 17:00 h, na Praça da Paz nos Bancários, bairro onde a nossa companheira foi cruelmente assassinada faremos uma ação, onde trocamos experiências, fortalecendo-nos e exigindo justiça para tod@saquel@s que são

---

<<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/02/apos-dois-anos-acusado-de-estupro-coletivo-ainda-nao-foi-julgado-na-pb.html>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

<sup>68</sup> O depoimento de J, irmã de Isabella (uma das moças assassinadas na barbárie de Queimadas), encontra-se na página 51.

vitimad@s pelo machismo. Que MATA  
TODOS OS DIAS!!!  
E sim, não se iluda, esse foi mais UM  
CRIME MACHISTA!!!<sup>69</sup>

Para as ativistas da MdV João Pessoa, esses crimes não podem ser esquecidos e não são episódios isolados; eles são relacionados às desigualdades de gênero que se reproduzem-se nas relações desiguais de poder e como tal devem ser analisados(ver Figuras a seguir).

Figura 24 - Caravana da cidade de Queimadas/PB na MdV em João Pessoa 2012.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

---

<sup>69</sup> Carta aberta e convite para manifestação “Luto e Luta”, publicado no Blog Marcha das Vadias -João Pessoa. Disponível em: <<http://marchadasvadiasjp.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2014.



Figura 25 - Fotografias de mulheres assassinadas na MdV de Campina Grande/PB)



Fonte: Acervo pessoal, (04/08/2012).

Figura 26: Ativistas pedem Júri Popular para os assassinos da barbárie de Queimadas na MdV de Campina Grande/PB (10/09/2013).



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 27 -Briggida Lourenço é lembrada na MdV 2013 em João Pessoa/PB.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 28 -A barbárie de Queimadas é lembradas na MdV 2013 em João Pessoa/PB.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A violência contra a mulher não acontece da mesma forma em diferentes contextos; ela varia com as singularidades de cada caso. Porém ela apresenta aspectos que a diferencia de outras formas de violência que atinge a população em geral. Esses aspectos distintivos estão correlacionados ao fato de essa violência ser tida como culturalmente aceita, uma vez que a mulher, em muitos casos, aparece como merecedora desta violência, e o seu algoz tido como alguém tentado, fraco, instintivo. Pensamos que este tipo de violência muitas vezes relaciona-se com um recorrente apelo à ordem familiar, como instância hierárquica e de subordinação da mulher, isso por parte tanto da sociedade civil como dos órgãos institucionais envolvidos na atenção às vítimas (CARRARA et al., 2002).

Apontamos, nos dois casos de violência utilizados como bandeira pela MdV da Paraíba – a barbárie de Queimadas e o assassinato da professora Briggida Lourenço – algumas semelhanças: as vítimas tinham entre 20 e 29 anos, os assassinos eram pessoas conhecidas e do convívio das vítimas e os crimes foram realizados em ambientes privados (casa da vítima e do agressor). Esses dados configuram o crime como do tipo mais comum no país, quando a vítima é uma mulher jovem, conforme demonstra o estudo coordenado por Júlio Jacobo Waiselfisz (2012, p. 16), Mapa da violência 2012 – Homicídios de mulheres no Brasil:

Os feminicídios geralmente acontecem na esfera doméstica. Em nosso caso, verificamos que, em 68,8% dos atendimentos a mulheres vítimas de violência, a agressão aconteceu na residência da vítima. Em pouco menos da metade dos casos, o perpetrador é o parceiro – ou ex-parceiro – da mulher. No país, foi possível verificar que 42,5% do total de agressões contra a mulher enquadram-se nessa situação. Mais ainda, se tomarmos a faixa dos 20 aos 49 anos, na qual acima de 65% das agressões tiveram autoria do parceiro ou do ex.

Como aponta o estudo acima, infelizmente existe um padrão de violência no qual as mulheres são as maiores vítimas. Esse tipo de violência, que ocorre pelo fato de elas serem mulheres, é denominado feminicídio ou femicídio. Segundo Waiselfisz (2012, p. 16), estes

altos níveis de feminicídio, são frequentemente acompanhados de elevados níveis de tolerância da violência contra as mulheres e, em alguns casos, são o resultado de dita tolerância; os mecanismos pela qual essa tolerância atua em nosso meio podem ser variados, mas um prepondera: culpabilização da vítima como justificativa dessa forma de violência, foi a estuprada quem provocou o incidente, ou ela se vestia como “vadia”. Nesse processo, o adolescente vira marginal, delinqüente, drogado, traficante.

Ou seja, existe uma danosa relação entre os altos índices de violência contra a mulher e a tolerância social em relação a esses atos. Essa situação é denominada pela MdV de “cultura do estupro”. Essa é, sem dúvida, a principal bandeira da MdV, que inclusive deu origem à primeira MdV no Canadá em 2011. A principal ideia apresentada pela MdV é que a vítima nunca tem culpa, como podemos ver abaixo:

On January 24th, 2011, a representative of the Toronto Police gave shocking insight into the Force’s view of sexual assault by stating: “women should avoid dressing like sluts in order not to be victimized”. As the city’s major protective service, the Toronto Police have perpetuated the myth and stereotype of ‘the slut’, and in doing so have failed us. With sexual assault already a significantly under-reported crime, survivors have now been given even less of a reason to go to the Police, for fear that they could be blamed. Being assaulted isn’t about what you wear; it’s not even about sex; but using a pejorative term to rationalize inexcusable behavior creates an environment in which it’s okay to

blame the victim. We are tired of being oppressed by slut-shaming.<sup>70</sup>

As ativistas de Toronto comparam as vítimas de assalto às de estupro e denunciam a diferença de tratamento dado às mulheres vítimas de agressões sexuais. A culpabilidade que lhes é imposta gera uma situação de insegurança geral a todas as mulheres. Ainda, na Carta de Toronto (2012), as ativistas afirmam que:

We are tired of being oppressed by slut-shaming. Being in charge of our sexual lives should not mean that we are opening ourselves to an expectation of violence, regardless if we participate in sex for pleasure or work. No one should equate enjoying sex with attracting sexual assault.<sup>71</sup>

A categoria *cultura do estupro* apresenta algumas afinidades com a categoria *violência simbólica*, proposta por Bourdieu (2010). Porém, apesar das afinidades entre esses conceitos, há necessidade de se perceber as especificidades do uso dessas duas categorias analíticas. Enquanto a *violência simbólica* é “uma violência que se exerce com a

---

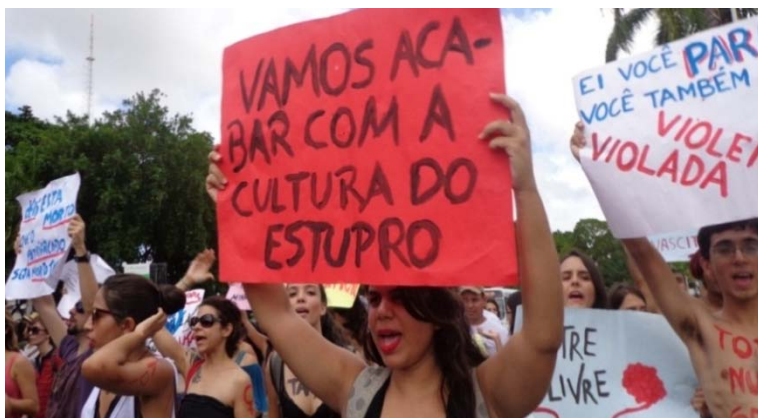
<sup>70</sup>No dia 24 de janeiro de 2011, um representante da Polícia de Toronto chocou a plateia que o ouvia falar dos casos de agressão sexual, afirmando que: “as mulheres devem evitar se vestir como vadias para não serem vítimas”. Como serviço de proteção principal da cidade, a Polícia de Toronto tem perpetuado o mito e estereótipo da “vagabunda”, e ao fazê-lo falham conosco. Como agressão sexual já é um crime significativamente sub-relatada, as sobreviventes não se sentem motivadas a ir à Polícia, por medo de que elas poderiam ser responsabilizadas pela violência sofrida. Ser assaltado não é sobre o que você veste; não é mesmo sobre o sexo; mas ao usar um termo pejorativo para racionalizar o comportamento indesculpável cria um ambiente em que não há problema em culpar a vítima. Estamos cansadas de ser oprimidas por “slut-shaming”. (SLUTWALK TORONTO, 2012. Tradução livre minha) Disponível em: <<http://www.slutwalktoronto.com>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

<sup>71</sup>Estamos cansadas de sermos oprimidas por “slut-shaming”. Estar no comando de nossa vida sexual não significa que estamos nos abrindo para uma expectativa de violência, independentemente de praticarmos sexo por prazer ou trabalho. Ninguém deve comparar o desfrutar do sexo com atrair violência sexual. (SlutWalk, Toronto, abril de 2012. Tradução livre minha).

cumplicidade tácita daqueles que sofrem e também daqueles que a exercem na medida onde uns e outros não têm consciência de exercê-la ou sofrê-la (BOURDIEU, 2010, p. 26).” Ou seja, é uma violência que permeia toda a sociedade, apresentando um vínculo de responsabilidade da vítima com o ato de violência exercido. Na categoria de *cultura do estupro* proposta pela MdV, a vítima é inocentada de toda e qualquer culpa ou responsabilidade pelos atos de violência sofridos por ela.

Para a MdV, a *cultura do estupro* existe a partir de uma irmandade dos pares na masculinidade nos diversos âmbitos de poder dentro do patriarcado, no sentido dos diversos atores sociais envolvidos nos processos culturais e costumes, inclusive na elaboração/execução das leis e políticas que regulamentam as violência de gênero. Assim, a ocorrência da maioria dos crimes sexuais<sup>72</sup> acontece de forma corporativa (Figuras 29 e 30).

Figura 29 - Ativistas denunciam a cultura do estupro na MdV João Pessoa 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

---

<sup>72</sup>Caracterizados como “toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio de força física, influência psicológica, uso de armas ou drogas (Código Penal Brasileiro). Ex.: jogos sexuais, práticas eróticas impostas a outros/as, estupro, atentado violento ao pudor, sexo forçado no casamento, assédio sexual, pornografia infantil, voyeurismo, etc.” (WAISELFISZ, 2012, p. 24).

Figura 30 - Palavra de ordem defendida em Marchas no mundo inteiro: “Não é Não”, na MdV de João Pessoa 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Nesse sentido, como afirma P, o que a MdV pretende, ao divulgar este conceito, “é gerar uma chave de gênero que ajude a pensar o cenário social preestabelecido que possa induzir à violência. Pois denunciar a existência dessa situação é um passo importante em defesa da mulher”.

Duas participantes da MdV 2013, a primeira uma advogada de Campina Grande e a segunda uma estudante de Florianópolis, apresentam o que é a *cultura do estupro*:

É importante pensar que a violência contra a mulher é um fenômeno, é complexo e não pode ser tratado só na perspectiva da punição do estupro. Quando a gente fala que existe uma “cultura de estupro” é para que esta possa ser combatida e assim se possam prevenir os estupros. A cultura do estupro culpa a vítima e inocenta o agressor, o que é um verdadeiro absurdo (...). Essa cultura do estupro precisa ser conhecida e denunciada. É preciso prevenir essa violência; e isso se dá pela conscientização no dia a dia, nas casas, nas escolas, e aqui nas ruas. Devemos sempre lutar pela afirmação dos direitos e deveres e ninguém pode estar excluído disso, todas nós

temos direito de cidadania. (P, 26 anos, advogada).

Eu entendo que cultura do estupro é uma ideia socialmente estabelecida de que o corpo feminino é propriedade masculina, o que gera uma certa legitimidade acerca das violências sexuais. A cultura do estupro não é algo que pensa apenas a figura do estuprador, mas que define uma série de comportamentos e relações sociais, que são compartilhados em uma dada sociedade e que de algum modo justificam violências. Falar em cultura do estupro é chamar a responsabilidade desse tipo de violência para toda a sociedade e não apenas para o estuprador. É pensar os diferentes elementos que cotidianamente afirmamos e reforçamos que constroem legitimidades para essas violências. (G, 25 anos, estudante).

Assim, como apontam os relatos acima, a *cultura do estupro* é uma categoria que procura pensar a violência contra a mulher não apenas no âmbito pessoal dos sujeitos envolvidos (o agressor e a vítima), mas entendê-la como um problema social, como resultado de contextos nos quais os assédios verbais ou físicos podem ser vistos como galanteios e não como crimes (Figura 31).



Figura 31 - Ativista na MdV em João Pessoa 2013 denuncia a “cultura do estupro”.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Para a MdV, é necessário, portanto, denunciar a existência dessa cultura que termina por facilitar os episódios de estupro. A mãe de uma vítima descreve o que para ela é a *cultura do estupro*:

Quando ouvimos as notícias, temos o péssimo hábito de achar que tudo começa com o abuso sexual, quando essa ação se concretiza e produz uma vítima e um agressor: quando um homem usa de força, estratégia ou coerção para obter prazer e/ou constranger sua vítima. Mas na verdade tudo já começou muito antes: nos olhares e investidas dos homens nas ruas, nas piadas sexistas cotidianamente proferidas, em todo discurso de submissão, fragilidade e passividade da mulher. Em suma, de toda uma diferença construída através da negação de reconhecimento de igualdade e de um

discurso de superioridade masculina, excludente em essência.<sup>73</sup>

Como fica muito claro no depoimento acima, a cultura do estupro é responsável pela violência exercida contra a mulher, tornando invisível o caráter político dessa violência. Para as ativistas da MdV, estes são crimes gerados pelo sistema que naturaliza os casos de violência contra a mulher. Ou seja, o feminicídio e o estupro derivam da cultura de estupro e são crimes de poder, decorrentes das relações assimétricas de gênero.

A *cultura do estupro* se manifesta de várias formas, por isso pode ser visualizada em formas de controle sobre as mulheres, como um toque de recolher – quando proibidas de ir a certos lugares ou sair em determinados horários, proibidas de se vestir, de falar, andar, ou se comportar. O mais grave é que tais formas de disciplina são consideradas como banais, o que permite a sua perpetuação social. Tais formas de controle podem não ser propriamente físicas, manifestando-se por meio de assédios verbais e/ou gestuais, como, por exemplo, os casos de encostamento no transporte público lotado (ônibus, trens, metrô), nos quais a mulher é vítima de homens que encostam ou esfregam seu órgão sexual a fim de ter excitação ou prazer sexual. O que temos que fazer em relação à *cultura do estupro*, segundo a MdV, é descobrir qual a causa específica a que está relacionada e lutar para modificá-la.

Vários autores analisam as violências contra as mulheres, contribuindo para as reflexões sobre o contexto analisado. Débora de Carvalho Figueiredo (2006, p. 202), por exemplo, em sua pesquisa sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero, observa que:

Tanto o tratamento policial quanto o judicial dado às mulheres que denunciam o estupro revela a presença de sexismo, de discriminação e de estereótipos sobre homens, mulheres, e relações de gênero. Longe de inócuo, esse tendenciosismo baseado na diferença sexual exerce grande

---

<sup>73</sup> Depoimento divulgado pelas redes sociais e blogs em 2013 da mãe de uma vítima de estupro. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/questao Degenero/tag/direito-ao-corpo/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

influência sobre o índice de denúncias, de julgamentos e de condenações (...). Ainda assim, os mesmos preconceitos, mitos e estereótipos que sustentam e justificam as práticas sociais e os procedimentos policiais e jurídicos relativos ao estupro são, com frequência, refletidos, incorporados e recontextualizados nas sentenças em casos de estupro.

Dessa forma, é necessário discutir os discursos prevalentes sobre o estupro<sup>74</sup>, que podem influenciar nas denúncias, nos tratamentos dados às vítimas e nos resultados dos processos de julgamento desse ato. Pois sabemos que a construção discursiva de um problema como a violência contra a mulher, seja pela mídia, pela lei ou pela família, exerce uma forte influência na forma como a violência de gênero é vista, e como agressores e vítimas são tratados. (FIGUEIREDO, 2008, p. 202).

---

<sup>74</sup> Entre os estereótipos mais comuns relacionados aos estupro estão: 1) as mulheres são sedutoras; 2) as mulheres dizem “não” quando querem dizer “sim”; 3) no final as mulheres relaxam e aproveitam; 4) boas meninas não são estupradas ou o mito da culpabilidade feminina. (FIGUEIREDO, 2008).

Figura 32 - O que causa o estupro? Questionam as ativistas da MdVCG, 2012.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Figura 33 - MdV 2013 em João Pessoa.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Figura 34 - Ativista da MdV-JP, 2013 em João Pessoa denuncia a prática do encoxamento.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Assim, o discurso desempenha um importante papel no controle do comportamento das mulheres e as deixa vulneráveis as violências de gênero. Ainda para Figueiredo (2008, p. 209),

o estupro é, em grande parte, um comportamento adquirido pelas mesmas vias através das quais se aprende outras formas de comportamento: socialmente, através da associação direta com outros indivíduos, e indiretamente através do contato social.

Nesse caso, embora nem todos os homens sejam violentos ou estupradores, existe de fato uma *cultura do estupro* nas sociedades patriarcais, cujo modelo de masculinidade é misógino e agressivo. Ao mesmo tempo, existe uma dificuldade de as mulheres reconhecerem situações de assédios, violências verbais e até mesmo estupros, dados os

sentimentos de vergonha, culpa e temor de enfrentar constrangimentos no tratamento policial e jurídico.

Uma ativista de 23 anos da MdV de São Paulo, em depoimento postado em um Grupo da MdV, descreve, ainda no leito de um hospital, as discriminações e os sofrimentos gerados pela tentativa de assassinato sofrida:

uma bela noite resolvi transar com um homem que eu já havia ficado duas vezes. Senti vontade/tesão e essa é a minha única justificativa e acho que é boa o suficiente pois era algo mútuo e só dizia respeito a nós dois. Após uma longa noite, resolvi confrontar o homem por seu agir, sua fala desrespeitosa, direcionada a mim e a outras mulheres, suas ameaças e sua fala possessiva (...). Não foi romântica a nossa primeira vez. Não houve uma discussão frutífera de como ele era uma arma opressora criada pelo patriarcado. Não mandei o meu recado como queria. Apenas caí da janela do quarto empurrada por ele. (...) Sou solteira. Fui mãe aos 17 anos. Não tenho vontade de casar. Não sou hétero. Sou negra. Desempregada. Tenho problemas psiquiátricos. Falo alto. Danço na rua. Bebo. Fumo. Gosto de sexo. “Sou mulher – se eu não soubesse que ser uma mulher com algumas ou todas essas características faz com que pessoas por aí pensem: “Deve ter feito algo para o cara ter feito isso”; “A história esta mal contada”; “Ela não é santa, deve ter merecido”, esse texto não teria porque ser escrito. (S, 23 anos, estudante).<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup>Depoimento postado no Grupo MdV Nacional e posteriormente replicado no Grupo MdV João Pessoa em 10 de dezembro de 2013, 10h43. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarchadasVadiasJP/posts/630767570306633>>. Acesso em: 10 dez. 2013. Ver também: < <http://noticias.r7.com/sao-paulo/jovem-cai-do-4-andar-e-diz-que-foi-jogada-por-machismo-05122013>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

No depoimento de S, podemos perceber que a mulher vítima de agressão torna-se alvo de julgamentos morais que muitas vezes tentam culpabilizá-la pela violência sofrida.

Outra categoria utilizada nos estudos sobre a violência contra a mulher é a “violência doméstica”. De acordo com Maria Amélia Azevedo, pesquisadora em psicologia social, o termo “violência doméstica” pode ser entendido como o tipo de violência que ocorre no espaço doméstico, conjugal ou familiar, atingindo, além das mulheres, as crianças e os adolescentes (1985). Esse ponto de vista coincide com o da antropóloga Miriam Pilar Grossi (2000), ao defender que a violência doméstica ocorre no âmbito do privado.

Já a categoria “violência contra a mulher”, segundo Grossi (1998, p. 296), foi popularizada no final dos anos 70, a partir das mobilizações feministas, contra o assassinato de mulheres “por amor” e “em defesa da honra”.

Estas lutas se ampliarão, no início dos anos 80, para a denúncia de espancamento e dos maus tratos conjugais, impulsionando a criação dos serviços de atendimento a mulheres “vítimas de violências”, os grupos SOS mulher e, posteriormente, pela criação, por parte do Estado, de delegacias Especiais de Atendimento a Mulheres – referência mundial no campo das políticas públicas referentes às mulheres.

Como descreve Grossi, tais definições foram importantes para a formulação ou redefinição das políticas públicas em defesa da mulher. Outra categoria importante que tem contribuído aos estudos sobre a violência contra a mulher é o *feminicídio*. Esse termo foi proposto pela socióloga Diana Russell (2008, p. 2) como sendo “o assassinato de mulheres por serem mulheres,” cometidos por homens. Em seu estudo, nos anos 70, na Cidade de Juarez, México, a autora sentiu a necessidade de diferenciar a morte de mais de 500 mulheres do termo “neutro” homicídio, para assim evidenciar que a principal causa dessas mortes é a violência gerada pelas desigualdades de gênero.

Ampliando a reflexão, em pesquisa realizada com a professora de estudos culturais Jane Caputi, Diana Russell define *feminicídio* como: “o assassinato de mulheres por homens motivados por ódio,

desprezo, prazer ou um senso de propriedade das mulheres” (1990, p. 34).

Ainda de acordo com Russell (2008), assim como assassinatos em que o alvo são as pessoas negras, podem ser diferenciados daqueles que não foram motivados por racismos, e os assassinatos que visam a homossexuais daqueles que não são motivados pela homofobia, devemos ser capazes de diferenciar os assassinatos dirigidos às mulheres entre os que são *feminicídios*. Nesses casos, o sexo da vítima é irrelevante para o ato, pois estamos lidando com um homicídio e não com um *feminicídio*. Entretanto, a avaliação dos motivos de cada crime é uma tarefa difícil e às vezes até impossível. Todos os crimes de ódio requerem uma avaliação das motivações dos agressores. No entanto, segundo a autora citada, mesmo com a dificuldade de se estabelecer a motivação sexista, não devemos renunciar ao conceito *feminicídio* (2008).

A antropóloga Rita Laura Segato (2008, p. 37) observa que o uso do termo *feminicídio* é importante para a politização desses assassinatos, evidenciando que “eles resultam de um sistema no qual poder e masculinidade são sinônimos e impregnam o âmbito social de misoginia, ódio e desprezo pelo corpo feminino e por seus atributos associados à feminilidade.”.

Acreditamos que, no meio dominado pela instituição patriarcal, se atribui menos valor à vida das mulheres. A partir disso, o “terrorismo sexual” é uma das armas usadas para coação que inibem a liberdade feminina e pressionam as mulheres a permanecerem em determinado lugar destinado ao seu gênero. Por isso é importante revelar que estes são crimes cujo sentido só acontece no contexto do poder patriarcal (SEGATO, 2008).

Outra aspecto apontado por Segato (2008, p. 39) é a correspondência entre o corpo feminino e território, quando “no nos quedan otros, nos reducimos y remitymos al território de nuestro cuerpo como primer y ultimo bastión de lá identidad”. Essa associação entre a conquista territorial e a violação da mulher é histórica e vem acontecendo desde as comunidades tribais até nas guerras contemporâneas. Nesses casos, ao violentar o corpo da mulher, o agressor a reduz a um objeto utilizado para ferir a honra de outros (pais, irmãos ou maridos) que têm uma relação com essas mulheres.

À luz dessas discussões, podemos concluir que as ativistas da MdV buscam, ao apontar e divulgar a existência da *cultura do estupro*, uma mudança cultural fundamental na sociedade, com a transformação de atitudes sobre poder, sexo, raça e sexualidade.



### III. 3. Meu Corpo Minhas Regras

*“A nossa luta é por respeito, mulher não é só bunda e peito”;  
“Se o corpo, se o corpo, se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser”*

A terceira palavra de ordem estudada é “Meu Corpo- Minhas Regras”, trata da importância do corpo como linguagem e reivindicação da Marcha das Vadias. A bandeira da “posse do próprio corpo” na MdV toma uma dimensão essencial do movimento. O corpo passa a ser o elo das outras reivindicações e tela de expressão desta manifestação social. Abrange desde a liberdade sexual, a liberdade de se vestir como bem quiser, a ter a forma que quiser, denunciando estereótipos de beleza, como por exemplo, a exaltação da magreza ou alguns tipos de cabelos específicos.

Figura:35 - O corpo é uma festa; o corpo é um negocio (MdV JP 2013).



Fonte: Acervo pessoal 2013.

Figura 36 - O corpo é um protesto ( MdV Campina Grande 2012).



Fonte: Acervo pessoal 2012.

Figura 37- Manifestantes exibem bandeiras relacionadas ao corpo na MdV



. Fonte: Acervo pessoal, João Pessoa/2012.

O corpo como expressão na MdV apresenta sua linguagem através de diversas formas, como no uso de vestimentas ou trajes específicos ou ausência delas, como tela das palavras de ordem escritas no corpo e na incorporação dos ritmos e gestuais da Marcha. Nesse sentido, a ativista Vadia incorpora uma gestualidade própria da MdV, como parte do processo de sociabilidades e linguagens do movimento. Como gestualidade, estamos nos referindo:

às ações do corpo quando atores se encontram: ritual de saudação ou de despedida (sinal de mão, acenos de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, mímicas, etc) maneiras de consentir ou de negar, movimentos da face e do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, variações da distancia que separa os atores, maneiras de tocar e evitar o contato, etc (LE BRETON, 2012, p.44).

Segundo Le Breton (2012, p.47), “Não importam quais sejam as circunstâncias da vida social, uma etiqueta corporal é sempre usada e o ator a adota espontaneamente em função de normas implícitas que o guiam”. Nesse caso, podemos observar que cada manifestação social tem seu ritmo próprio e seus gestos específicos. Como exemplo, podemos observar gestos específicos realizados por participantes das caminhadas do Movimento dos Sem Terra, da Marcha para Jesus, ou da Parada LGBTT. No caso específico da MdV a incorporação da gestualidade tem início na concentração, antes da ação de marchar. Observamos que esse momento sempre foi de confraternização entre as ativistas, com cumprimentos como abraços e beijos nas faces, o compartilhar do batom vermelho entre as ativistas, a realização das pinturas corporais- onde os corpos são tocados e observados por outros, que algumas vezes acabaram de conhecer, ou seja, este é momento de criação e aprendizagem gestual da personagem Vadia. Este gestual enfatiza os movimentos do corpo e demonstra altivez. Alguns gestos são realizados em conjunto como o abaixar-se - levantar-se, o levantar o punho fechado, conforme pode ser visto nas figuras a seguir.

Figura 38- Ativistas se agacham na MdV João Pessoa, 2013.



Fonte: Acervo pessoal, João Pessoa, 2013.

As diversas “paradas” das Marchas estudadas, as onde as ativistas se agacham e discursam pode ser explicada como uma forma de “alongar” o tempo da Marcha. O trajeto percorrido pelas Marchas na Paraíba é muito curto. Em João Pessoa, as Marchas estudadas tiveram início no Parque Sólon de Lucena, no coração da cidade, espaço conhecido como Lagoa e percorreu 1,2 km até à Praça Rio Branco; e se enceraram em uma batucada e samba, onde as participantes recompõem as vestimentas e se dispersam. Em Campina Grande as duas Marchas se concentraram no Parque do Povo, se dirigindo a Praça da Bandeira, totalizando um trajeto de apenas 850 m, terminando com a realização de uma ciranda entre as participantes.

Figura 39- Ativistas compartilham o batom vermelho na MdV, João Pessoa 2013.



Fonte: Acervo pessoal 2013.

Figura 40- Ativistas realizam a pintura corporal na MdV 2012/Campina Grande/Pb.



Fonte:Acervo pessoal 2013.

Figura 41 - Ativistas realizam a pintura corporal na MdV 2012/João Pessoa/Pb.



Fonte:Acervo pessoal 2012.

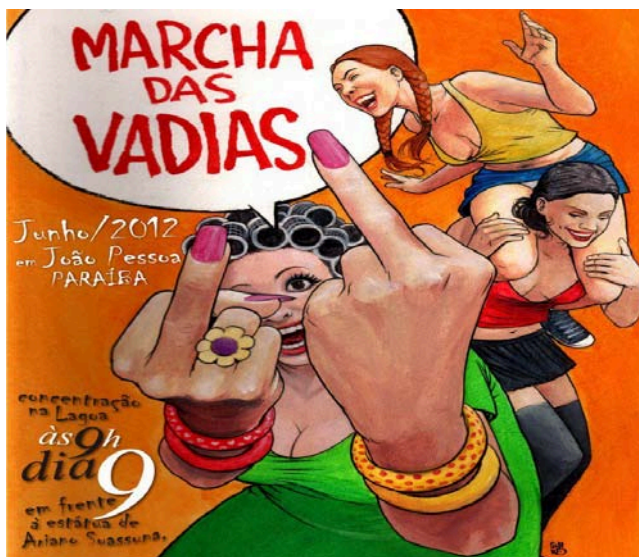
Figura 42- Ativistas realizam o clássico movimento dos braços erguidos em João Pessoa 2013.



Fonte: Acervo pessoal 2013.



Figura 43- Gesto realizado por algumas ativistas da Marcha das Vadias. Reproduzido em cartaz convocando para a Marcha em João Pessoa.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=140499429417509&set=gm.220620438057722&type=1&theater>. Autor: Shiko 2012. Acesso em 19/08/2012.

Com relação à vestimenta da MdV, geralmente cada uma adota sua própria representação e assim compõe um traje específico de Vadia, que pode incluir: vestido, saia curta ou shortinho, meias calça, o sutiã à mostra, etc. Ou seja, a maioria das participantes se veste de forma “provocativa”, como uma vadia.

Já a performance de desnudar os seios apesar de ser realizada por um número muito pequeno de participantes, é a imagem mais emblemática da MdV e tem recebido destaque nas mídias.

Na Paraíba poucas manifestantes optaram por tirar a blusa nas Marchas que aconteceram em 2012 e 2013. Na MdV 2012 em João Pessoa, em torno de sete manifestantes realizaram essa performance e na MdV 2013 o número ainda foi menor, em torno de cinco ativistas (ver figuras 44, 45, 46 e 47).

Figura 44 – Reportagem sobre a MdV no jornal Correio da Paraíba de 10/06/2012



Fonte: Jornal Correio da Paraíba (10/06/2012)

Figura 45- Manifestante da MdV João Pessoa (09/06/2012).



Fonte: Acervo pessoal, 2012.



Figura 46- Manifestante da MdV João Pessoa (03/09/2013).



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 47- Manifestante da MdV de Campina Grande/PB (04/08/2012).



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Em João Pessoa, quase todas que realizaram esta performance fazem parte do Batuque Margarida<sup>76</sup> e estavam tocando seus instrumentos e cantando as músicas da Marcha. Elas também pintaram dizeres no corpo e algumas delas usaram florzinhas coladas ou pintadas nos mamilos em referência à sindicalista paraibana Margarida Maria Alves, assassinada em 1983.

Nas MdV de Campina Grande apenas uma ativista realizou a performance de desnudar os seios em 2012 e na MdV 2013, nenhuma ativista realizou a performance. Em depoimento, algumas das organizadoras da MdV/CG relataram que após algumas discussões ficou acertado que não seria necessário realizar a performance de desnudar os seios, embora aceitassem que se alguém quisesse realizar a ação na Marcha. Foi combinado que todas deveriam levar uma camiseta branca onde seriam pintadas as palavras de ordem, como pode ser visto na figura50:

**Figura 48 – Manifestantes pintam camisetas na MdV Campina Grande/PB, em 04/08/2012.**



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

---

<sup>76</sup>O Batuque Margarida faz parte da Frente Feminista do Levante (movimento estudantil da UFPB).

Importante observar que as ativistas que realizam esta performance não são apenas as jovens, com corpos esculpido padronizados. Embora somente as mais jovens e com o corpo considerado atrativo para as mídias tenham ilustrado as notícias sobre as Marchas. A esse respeito podemos nos perguntar que significados e efeitos podem causar a essas ativistas a participação nesta ação. Será uma experiência libertadora? Ou uma ação impensada que as deixou vulnerável a julgamentos e opressões?

Em seguida, relatamos e comentamos algumas falas de manifestantes que realizaram a performance de desnudar os seios na Marcha, a fim de tentar compreender os sentidos que atribuem a esse ato. Duas manifestantes que participaram desta ação em João Pessoa, nos explicam em depoimento realizado em agosto de 2012, os sentidos desta ação:

eu acho que é uma linguagem, e esta linguagem cabe dentro daquele espaço, porque a marcha quando está acontecendo é um espaço criado, um espaço socialmente criado, e uma atitude dessa cabe, ainda mais pelo tom provocativo que a Marcha das Vadias tem. (D, 22 anos, estudante, se define como branca, classe média e aluna da UFPB).

Eu acho uma performance válida, sim, é um modo da mulher expressar sua liberdade e dizer que isso não é motivo pra violência, de forma alguma, e afirmar a autonomia sobre seu próprio corpo. É uma das manifestações da Marcha, né, de ter o corpo como um elemento político nessa questão, então eu, enquanto uma das pessoas que faz parte da marcha das vadias, acho é um ato totalmente positivo e vem justamente corroborar com isso que eu falei de autonomia da mulher sobre o próprio corpo e poder andar na rua como quiser, e de usar o que ela quiser. Uma das meninas falou que a marcha mexe, toca em pontos morais da sociedade, como essa questão da autonomia sobre o corpo, das

mulheres mostrarem os seios. A marcha é o diferencial do feminismo. (M, 25 anos, estudante, se define como mestiça e pertencente às camadas populares)

Para D, a ação de tirar a blusa e pintar o corpo, é uma linguagem, construída sobre um conjunto de significações compartilhadas por aquele grupo, inclusive criando, como ela bem descreve um espaço, que funciona como uma bolha móvel, onde estas representações “cabem.” Consideramos que, como as palavras de ordem gritadas, as músicas, as maquiagens, as pinturas corporais, o desnudar os seios, constituem parte de um conjunto de representações que são a linguagem da Marcha.

Para M, é essa ação política que questiona alguns valores morais da sociedade relacionados à autonomia do próprio corpo pela mulher. Nesse sentido, a ação de desnudar os seios deve ser entendida como um símbolo de luta da MdV que gera identificação entre as participantes ao mesmo tempo em que gera diferenças inclusive em relação a outros coletivos feministas, tornando-se assim, segundo palavras que apontam para um “diferencial” dentro do movimento feminista.

D, outra ativista, integrante do Batuque Margarida nos conta como foi combinada a performance de tirar a blusa e qual o significado desta ação:

Eu fui ao ensaio do batuque, e nesse dia do ensaio eu perguntei a algumas pessoas: E aí? Vocês vão tirar a blusa? e elas disseram que assim como eu, estavam com vontade de tirar (...). Então, elas disseram, então vamos fazer, eu e duas amigas, mas eu não sabia do resto da galera. Combinamos e levei umas tintas, pensei, talvez eu tire, talvez não. Então, encontrei a M, é uma senhora do movimento feminista, e eu tinha escrito o que eu queria nas costas, e tava levantando um pouco a

blusa, e ela disse: tira logo isso! Então fiquei tranquila, se ela tá falando, não vai atrapalhar uma causa maior e então eu fiz com a minha vontade. (D, 22 anos, se define como estudante, classe média e branca).

Como podemos observar, nas palavras de D, a performance de expor os seios é uma ação planejada e impulsionada pelo grupo. Lembrando que esta articulação, onde acontecem as discussões e decisões sobre o que será realizado na ação de marchar, algumas vezes apenas se dá por meio virtual. Um exemplo disso, foi o acerto entre as ativistas de Campina Grande na MdV 2012, para não realizarem a performance de desnudar os seios.

Entretanto uma ativista moradora de outra cidade do interior da Paraíba, resolveu desnudar os seios na mesma MdV que aconteceu em Campina Grande em 2012, sendo à única manifestante a praticar esta performance. Ela explica as razões desta ação:

Eu fui a única que teve coragem de tirar a blusa, e ficar com os seios de fora. Essa tirada da blusa, foi uma forma de protestar contra a repressão que eu sofro na cidade que eu moro, sou do interior, sou de Monteiro, interior da Paraíba. Tendo em vista que lá, tudo que eu digo, tudo que faço, todas as minhas ações são vistas como rebeldes, ou de forma vulgar. (...) Sabendo que a TV estaria, queria que todos me vissem lá, então foi uma tapa na cara deles, sou muito além do que eles pensam (E, 22 anos, se define como negra, pertencente às camadas populares e professora).

Mesmo sem ter combinado com as participantes da Marcha de Campina Grande, ainda assim, esta foi uma ação planejada e realizada dentro da linguagem da MdV.

Outra manifestante que desnudou os seios na Marcha de João Pessoa foi a estudante F de 22 anos. Ela nos contou em entrevista realizada em Junho de 2012, o que significou participar dessa performance:

Fiz por sentir a necessidade de expressar a liberdade, foi dito a mim que eu tenho que usar tal roupa, sempre usar sutiã; com toda essa repressão moral que as mulheres sofrem

muito mais que os homens, que também sofrem repressão moral. A gente não está aqui só pela pauta sexual, nós também pautamos sobre a violência, o machismo gera violência (F, 23 anos, se define como mulata, estudante, pertencente às camadas populares).

Para F, a ação de tirar a blusa em público tem como objetivo discutir a violência contra a mulher. Ela fala da repressão e da importância de discutir valores, pois para ela, ao expor o seio, que simboliza um tabu ligado ao objeto de desejo sexual masculino, a mulher realiza uma performance irreverente. Ou seja, se lhe foi ensinado que deve cobrir o seu corpo para evitar a violência física, ela se desnuda e afirma que a violência não tem origem em seu corpo.

É importante pensar que mesmo com a aprovação da maioria das ativistas da MdV, o número das que de fato realiza a performance de desnudar os seios é percentualmente muito pequeno. Uma das organizadoras da MdV João Pessoa nos fala porque não desnudou os seios:

Na verdade, acho que existem motivos variados para algumas mulheres não ficarem com os seios à mostra, ou também para não ficarem só de sutiã. Eu, nomeu caso particular, aconteceu devido ao meu trabalho, eu sou jornalista e tal, eu tenho certa visibilidade, eu não queria me expor. Porque, entre aspas, você paga um preço por aquilo, você sofre represálias por isso, eu não estou disposta a ficar respondendo, a ter que dar satisfação em relação a isso, então achei melhor, achei por bem não fazer isso. E cada uma tem seu próprio motivo, não que eu seja contra, e outra coisa importante também, é que na MdV a mulher não tem obrigatoriamente que tirar a roupa, mostrar os seios, você pode fazer isso se você se sentir a vontade, você tem a liberdade, e esse é o mote principal da Marcha. Não existe a obrigação de tirar a blusa. É uma coisa muito livre. (N, 31anos, jornalista)

Como ficou claro nas palavras de N as ativistas podem escolher a sua forma de se expressar na MdV. As que decidem participar da performance tem sua imagem exposta quase imediatamente durante e após a o evento da MdV, nas mídias digitais e nos vários meios de comunicação como a TV e os Jornais impressos. Estas manifestantes relatam que sofreram assédios morais e críticas muitas vezes violentas, realizadas anonimamente pela internet. Uma das ativistas de João Pessoa, nos fala de uma represália que uma ativista da MdV de São Paulo (2012) sofreu pelo próprio Facebook, que é um dos meios de articulação da Marcha:

Eu li uma matéria sobre a Marcha que teve em São Paulo, a matéria falava de umas repressões, a conta dela foi bloqueada porque ela publicou uma foto em que ela aparece com os seios de fora, e então por isso ela foi bloqueada do *Face*.

Como pode ser visto no relato de B, a ação de tirar a blusa em público tem significados para as ativistas, que na sua maioria relataram sentimento de libertação pessoal, mas ao mesmo tempo traz diversos riscos, como sofrer ameaças virtuais, calúnia e depreciação de sua imagem social.

Podemos entender a performance, com toda sua simbologia relacionada aos seios femininos (maternidade, feminilidade, sexualidade) como a forma escolhida pela MdV para discutir a violência de uma forma mais ampla, na sua dimensão simbólica, como descreve Bourdieu (2010, p.50):

(...) a força simbólica é uma força de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente e como que, por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

Para a ativista C (32 anos), esta ação vai além da denúncia sobre a violência sofrida por mulheres, mas relaciona-se com a temática da sexualidade e ao desejo de que os corpos sejam respeitados:

Eu sinto tanto prazer com meu corpo. Eu estou tirando a roupa para reivindicar meu prazer e não o prazer alheio (...) o direito ao prazer, sem ser vista como objeto do prazer alheio, a violência sexual, parte deste pressuposto, que de a mulher é só objeto, e que ela não tem direito ao prazer. E quando você diz que é sobre violência, é sobre eu escolho se quero, com quem e quando ter prazer e isso reverbera na vida.

Voltando à repercussão desta ação, C descreve o que sentiu:

Sabe que isso é engraçado, as pessoas sempre falam da Marcha como um uma espécie de carnaval feminista; para mim, a alegria é um ato político, nós como mulheres vivendo nessa sociedade machista e ainda nos mantermos alegres é uma verdadeira rebelião. Aqueles gritos ali (na marcha) são também gritos de dor, você tirar a blusa ali, no meio da rua, nesse contexto, é um ato de dor (...). Todas nós sofremos muito.

Considerando os depoimentos das próprias ativistas e o que foi visto nas manifestações, consideramos o ato de mostrar os seios como uma ação política que possui significados pessoais para cada ativista que o realiza. Geralmente esta ação está relacionada ao desejo de assumir ou demonstrar a posse do próprio corpo.

Para as ativistas da MdV o corpo feminino semi-nu não apresenta uma conotação erótica, neste caso o corpo e os seios à mostra são uma forma de protesto. Uma vez que, o corpo nu pode ser tanto um elemento de protesto como um elemento erótico, dependendo do contexto e do olhar que lhe dá sentido. Assim, apontamos o seio feminino como o principal símbolo do coletivo, possuindo diversos significantes. Nesse contexto, os seios à mostra estão de acordo com a linguagem e bandeiras da Marcha.

As pautas relacionadas ao corpo e à sexualidade são históricas na luta feminista. como nos fala a ativista N:

A luta pela autonomia do corpo é algo que remete ao que aconteceu nos 60, quando o movimento feminista tava começando a se



organizar e as mulheres foram à rua e queimaram sutiã e amamentaram na rua... coisa que está voltando hoje em dia, de achar que mulheres não devem amamentar em publico, que é uma agressão, um atentado ao pudor, agressão a moral e aos bons costumes, e isso é um absurdo na verdade, porque ali existe uma criança que precisa se alimentar e não escolhe hora nem lugar para isso. Assim, como na MdV, muitas mulheres que são mães estão organizando um mamaço em público. Para justamente mostrar que amamentar é ato normal e assim terem liberdade de amamentar.

De fato, como nos fala N e já abordamos no capítulo 1, a etapa do feminismo conhecido como “Segunda Onda”, aconteceu entre meados de 1960 e 1980, e ficou marcada pelas reivindicações referentes ao corpo e à sexualidade, como o direito ao prazer, à contracepção, e ao aborto. O corpo e o prazer passam a ser articulados à idéia da reapropriação do corpo pela mulher.

Entre as bandeiras defendidas pela MdV relacionadas à reapropriação do corpo feminino, a luta contra o preconceito racial recebe ênfase, pois o coletivo MdV compreende que são as mulheres negras alvo de maior violência de gênero. O corpo das mulheres negras é tido pelo senso comum como “hipersexualizado”, e elas vivenciam a experiência de serem vinculadas no imaginário social às imagens da “mulata sensual do carnaval”.

Essa luta desencadeia diversas pautas ligadas à raça e ao gênero, como a reflexão sobre a participação de mulheres negras (e de periferia) no feminismo, a valorização dos traços negros (cabelo crespo, nariz largo, boca carnuda), a desconstrução de estereótipos negativos ligados ao corpo da mulher negra, defesa dos direitos ao trabalho e no trabalho. Em mesa redonda com o tema “Feminismo Negro e Marcha das Vadias” realizada em 01/08/2013 na UFPB, foi ressaltada a incidência de assédios, estupros e homicídios perpetrados contra as mulheres negras.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup>Tudo isso foi discutido na mesa redonda “Feminismo Negro e a Marcha das Vadias”, realizado pelo coletivo MdV João Pessoa em 01/08/2013 na UFPB.

Outro tema defendido na MdV em 2014 foi areivindicação da naturalização do ato de amamentar, como direito da mãe e da criança. Ativistas da MdV participaram das manifestações conhecidas como “Mamaços”,<sup>78</sup> que tem acontecido nos últimos anos por todo Brasil articuladas pelo *Facebook*. Nestas manifestações as mães amamentam publicamente seus filhos, como ato político em defesa desta prática.<sup>79</sup>

Com base no que foi visto, ficou evidente que para a MdV o corpo é ícone e símbolo. Ele é o principal meio de expressão, através de dizeres escritos na pele, ou ele próprio constitui-se na mensagem, como no uso do batom vermelho, dos gestos, de trajas específicos, que servem de marcação e identificação do grupo. Assim o corpo é o meio de transmissão da mensagem e pauta de reivindicações.

### III. 4 “Ela dá a quem quiser”

*“Eu beijo homem, beijo mulher,  
Tenho direito de beijar quem eu quiser;  
Eu sou viado, sou sapatão,  
o meu desejo não tem explicação.”<sup>80</sup>*

Para iniciar a nossa reflexão sobre a próxima palavra de ordem selecionada, que trata de como as identidades de gênero e as sexualidades são entendidas pelas participantes da MdV, nos valem de um questionamento de Butler (2012, p. 46):

É a “unidade” necessária para a ação política efetiva? Não será precisamente a insistência prematura no objetivo de unidade a causa da

---

<sup>78</sup> Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1405201103.htm>

<sup>79</sup> Quando eu tive minhas filhas, no final dos anos 1980, estava começando uma campanha nacional de incentivo a amamentação e era comum se ver mães amamentando. Hoje observamos o aumento de episódios de interdição do ato da amamentação em espaços público, o que nos leva a pensar se estamos diante de uma nova onda de pudor social em relação aos seios femininos.

<sup>80</sup> Palavra de ordem cantadas nas Marcha das Vadias no Brasil.

fragmentação cada vez maior e mais acirrada das fileiras? Certas formas aceitas de fragmentação podem facilitar a ação, e isso exatamente porque a “unidade” da categoria mulheres não é nem pressuposta nem desejada.

Observando as Marchas, parece claro que as participantes se reconhecem enquanto grupo com variabilidade de identidades e não parecem preocupadas com isso, nem tampouco em marcar uma única identidade do movimento. Essa é uma característica muito significativa da MdV – as ativistas com variadas posições de gêneros e sexuais convivem e compartilham as mesmas bandeiras.

Para discutir esse tema, adotaremos os conceitos propostos por Judith Butler e Michel Foucault. Em “História da sexualidade”, Foucault (2004) descreveu como o discurso e as normas modernas produziram um tipo de sexo e a sexualidade normatizados a partir de uma grande variedade de técnicas, práticas e saberes. Ele procurou entender porque as questões relacionadas à sexualidade passaram a ser tão prioritárias no campo moral em nossa sociedade, como ele questiona:

de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em sua intensidade? (FOUCAULT, 2010, p. 17).

E, ainda, por que essa questão passou a se tornar a questão central sobre o que somos?

a questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo –natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso. (FOUCAULT, 2010, p. 76).

Por outro lado, Foucault concorda que todas as sociedades possuem normas e se socializam a partir delas. Entretanto o problema das práticas normalizadoras na nossa sociedade através do poder

(*biopoder*) de diferenciar e até marginalizar alguns indivíduos sobrevive através de determinados *dispositivos* sociais. Assim, o dispositivo é um conjunto de formação predominante em determinado momento histórico, que tem uma função estratégica dominante. Foucault (1997, p. 138) explica *dispositivo* como:

Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. (...) Assim o dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados.

Para Agambem (2009, p. 29), *dispositivo* é um termo decisivo no pensamento de Foucault, que pode ser assim resumido:

- (1) É um conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- (2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- (3) Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber.

Dessa forma, para Foucault (2010), o *dispositivo da sexualidade* é formado por um código moral que condiciona um modelo de conduta para as pessoas, determinando comportamentos permitidos ou proibidos e o grau de valoração (positivo ou negativo) dos diferentes comportamentos possíveis.

A intenção de Foucault (ibidem) foi investigar como os seres humanos tornaram-se sujeitos, escolhendo como tema o domínio da sexualidade, ou seja, como os homens aprendem a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. Ele concluiu que a sexualização do corpo se dá a partir de discursos nos quais é inserido e que lhe atribui valor, ou seja, a ideia que se faz do corpo só ganha significado no contexto das relações de poder.

Portanto as noções de *sexo* e *gênero* não são verdades essenciais e sim construções históricas efetivadas a partir de discursos que apresentam modelos ideais para o desempenho de sua sexualidade.

Influenciados por essas novas ideias, os movimentos sociais, de mulheres, feministas, gays e lésbicas passaram a adotar a categoria *gênero*. De acordo com Pedro, esse avanço conceitual passou a ser usado no movimento feminista no período conhecido como “segunda onda”:

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do sexo como questão biológica, mas sim eram definidas pelo gênero e, portanto, ligadas à cultura. (PEDRO, 2005, p. 78).

Joan Scott (1995, p. 75) apresenta gênero como o termo utilizado para designar as relações sociais entre os sexos e pararejeitar

explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador

comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

Em geral, encontramos vários significados e usos para o termo *gênero*. A perspectiva que nos parece mais adequada para tratar a Marcha das Vadias é a proposta por Judith Butler (2012), que apresenta o conceito de performatividade – a ideia de que o gênero não é apenas uma construção cultural, nem tampouco natural, o gênero é uma identidade performativamente constituída,

como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa “ação” é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. (BUTLER, 2012, p. 200).

Dessa forma, Judith Butler observa como a manutenção do gênero requer uma performance repetida. Mas não se trata de simples

repetição, pois há uma nova experiência no conjunto dos significados já estabelecidos. Segundo a autora, a performatividade não é um ato singular, é sempre uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas. Assim, a performatividade de gênero é constituída cotidianamente, no sentido de manter o gênero em sua estrutura binária, pois é através desse ato que os gêneros masculino/feminino são criados e entendidos socialmente. Assim, o poder das palavras se confunde com a verdade sobre a identidade sexual de gênero.

A identidade de gênero compreende um entendimento interno de pertencimento ao feminino ou ao masculino e, dessa forma, como nos relacionamos com as outras pessoas do ponto de vista social, afetivo e/ou sexual. Quando essa identidade corresponde ao sexo biológico, temos pessoas nomeadas cisgêneras; quando não corresponde à identidade de gênero com o sexo biológico, temos as pessoas transgêneras.

Essa identidade é uma característica interna de cada um e não é necessariamente exteriorizada, sendo diferente da orientação sexual, que se refere a como as pessoas direcionam seu desejo, seja ele heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, ou como queiram se definir sexualmente.

Como bem explica Grossi (1998, p. 12),

Devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas como os papéis de gênero e o significado social da reprodução. Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como sexo e gênero, identidade de gênero e sexualidade são tomadas muito seguidamente no Brasil como equivalentes entre si. De uma forma simplificada diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para

pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos.

Voltando ao pensamento de Butler (2010, p. 155), não se pode conceber gênero ou sexo como características naturais do indivíduo, pois sua materialidade surge a partir:

- (1) Da remodelação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica do poder, de tal forma que a matéria dos corpos será indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação daqueles efeitos materiais;
- (2) Do entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ela ou ele nomeia, mas, em vez disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange;
- (3) Da construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos;
- (4) De repensar o processo pelo qual uma norma corporal é assumida, apropriada, adotada: vê-la não como algo, estritamente falando, que se passa com um sujeito, mas em vez disso, que o sujeito, o “eu” falante, é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir um sexo;
- (5) De uma vinculação desse processo de “assumir” um sexo com a questão da identificação e com os meios discursivos pelos quais o imperativo



heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações.

Desse modo, inspirada em Foucault, Butler (2010, p. 153) nos explica que sexo e gênero não fazem parte de um destino imutável do indivíduo, sendo produtos de discursos sobre os corpos e que, por extensão, também os produz, pois:

O “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produzir –demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla.

Assim, admitir a inegabilidade do sexo ou sua materialidade significa admitir alguma versão de sexo, alguma formação de materialidade. Entretanto, as possibilidades de *sexo* e *gênero* do indivíduo dependem de uma liberação das práticas discursivas de que são marcados. Como já foi dito, a normatização dos corpos visa enquadrá-los em um sistema binário, no qual não se visualiza a existência de outros corpos de homens e mulheres e suas identidades de gênero.

Os conceitos apresentados por Foucault e Butler nos permitem reconhecer a instabilidade e a variabilidade das identidades de gênero e, dessa forma, do comportamento que exhibe a performatividade dessas identidades.

Ao mesmo tempo, a noção de que o gênero é regulado por normas sociais reconhece que, enquanto sujeitos ativos, podemos ter consciência desses discursos que geram comportamentos e desconstruí-los.

Essas abordagens são imprescindíveis para o entendimento deste tema que faz parte da MdV, como podemos acompanhar na discussão postada por R no Grupo da MdV João Pessoa, sobre um conflito durante a Parada de Orgulho Gay que aconteceu no dia 29/08/2013, quando ativistas da MdV gritavam a palavra de ordem “Eu sou viado, sou sapatão, o meu desejo não tem explicação” e foram reprimidas por participantes da Parada Gay que não aceitam essas designações (Figura 49):

Figura 49: Postagem no Facebook discute comportamento e identidades na Parada Gay na Paraíba, 2013.

Pesquise pessoas, locais e coisas

**R** [Redacted] Ser SAPATÃO não é pejorativo como pensam, ser SAPATÃO é ser sujeita política na vida e no mundo independente de sua orientação sexual. Ser SAPATÃO é acreditar no respeito à diversidade e as diversas formas de afetividade. Ouvi uma fala de uma militante LGBT ontem na parada que se sentiu incomodada por um grupo de juventude que em suas palavras de (de)sordem se afirmavam SAPATÃO. Então, pensei: Se ser SAPATÃO para sociedade é mulher que gosta de mulher, então eu sou. SOMOS TODAS SAPATÃO! (Por **P**)

Curtir · Comentar · Compartilhar · há 15 horas ·

37 pessoas curtiram isso.

**D** [Redacted] É isso aí.  
há 14 horas via celular · Curtir

**E** [Redacted] Pois não sou viado, nem sapatão quero que esses rótulos discriminatórios parem e não que sejam utilizados contra nós mesmos.  
há 14 horas · Curtir · 5

**F** [Redacted] somos muito mais tudo do que nada!  
há 14 horas · Curtir

**G** [Redacted] eu particularmente nao curto ser rotulado de viado e afins... cada um no seu quadrado e todos felizes é o q importa. ^^  
há 11 horas · Curtir

- R** [Redacted] EU SOU VIADO E RESSIGNIFICO ESSE TERMO NA LUTA!  
há 8 horas · Curtir
- G** [Redacted] em fim, "tire o respeito do armário", independente de nomenclaturas e/ou rotulações... 😊  
há 8 horas · Editado · Curtir
- E** [Redacted] Não sou viado, não quero ser chamado assim, isso reforça o preconceito dos homofóbicos e desqualifica o debate. Quando Bruno foi vítima de homofobia não estavam batendo em um gay, estavam batendo e xingando de viado. Não apoio que usem esse termo para alegar "resignificar" quando na verdade estão compactuando com as atitudes homofóbicas e falas preconceituosas de quem não apoia a diversidade. Não apoio que usem esse termo, nem que falem isso em nome do movimento LGBT.  
há 7 horas · Curtir · 🔄1
- R** [Redacted] O movimento LGBT não é homogêneo e a homofobia não esta no discurso de quem ressignifica. É preciso se observar não apenas quem fala, mas de onde se fala. Não podemos castrar aquilo que fez com que o movimento "LGBT" tivesse também uma visibilidade: ...[Ver más](#)  
há 7 horas · Curtir
- E** [Redacted] Seja o que você quiser **R** só não queira que eu seja também. Sou bissexual, sou gay vivo minha vida lutando pelo fim da homofobia e abomino utilizarem esse termo na parada.
- G** [Redacted] Isso deturpa qualquer debate... a sociedade "heteronormativa" possui em suas ideologias a doença do preconceito, se o debate é "deturpado" logo toda discussão em torno do mesmo é comprometida... óbvio q não se pode descartar as outras possibilidades, mas a maneira como se dá os discursos pode influenciar negativamente a outrem, e ninguém é obrigado a ser o que não sente ser... ^^  
há 8 horas · Curtir · 🔄1
- R** [Redacted] **E** não estou aqui exigindo que vc seja viado, afinal as identidades - ou falta delas- são formas de nós vermos a partir dos olhos dos outros. Sou VIADO pq luto contra HOMOFOBIA, pq inclusive se a homofobia não fosse um problema social o ser VIADO sequer necessitaria de se tornar um ser político. Ser VIADO, SAPATÃO, TRAVECO, CAMINHONEIRA, BAITOLA, BOIOLA é assumir que por traz de todos esses nomes perjurativos e opressores existe o machismo, homofobia, transfobia, racismo, preconceito geracional, de classe e que são essas pessoas que estão na LUTA construindo um mundo mais plural, um mundo se amarras identitárias. Todas possibilidades de luta anti-homofóbicas me contemplam e quando estiver falando em anti-homofobia falam por mim.  
há 8 horas · Editado · Curtir
- P** [Redacted] que sinto, de como me percebo, não falei por nenhum movimento. Falei do meu movimento no mundo. Respeitem a minha sapatonidade, a minha e de muitas compas que se afirmam livremente. Assinado: Uma sapata bem resolvida e feliz! 😊

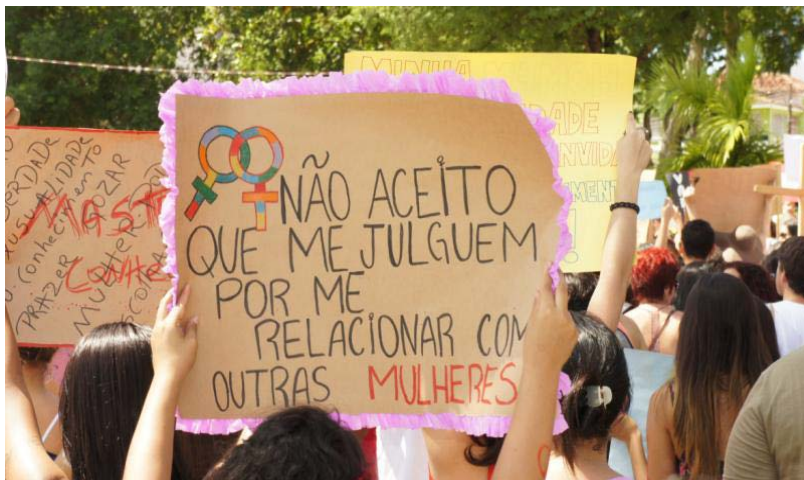
Fonte: <https://www.facebook.com>. Acesso em: 29 ago. 2013.

R faz parte da Marcha em João Pessoa e compartilhou o depoimento de P, que se apresenta como “sapatão” e “feliz com sua sapatonidade”, expondo o desentendimento que ocorreu entre ativistas da MdV e alguns participantes da Parada Gay.

Essa discussão foi referida porque ilustra novas sensibilidades e práticas em relação às identidades, que representa o posicionamento de várias ativistas que formam a MdV na Paraíba, embora, não podemos afirmar ser este posicionamento comum a todas as Marchas.

Como pode ser percebido no posicionamento de R, a MdV se apresenta como um movimento que defende o encontro “dos diferentes”<sup>81</sup> como estratégia de ação política. Todas e todos, independentes da identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual têm seu espaço na Marcha e esse é um diferencial do movimento (Figuras 50,51 e 52).

Figura 50- A luta pelo respeito e visibilidade lésbica na MdV de João Pessoa, 2012.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

---

<sup>81</sup>As ativistas cristãs heteros com sua bandeira “Deus está conosco”, anarco-feministas com o seu lema “Tirem seus rosários do meu útero” e tantas outras que possuem uma identidade considerada estigmatizada marcham juntas dando lugar a um *ethos* privilegiado do encontro desses diferentes.

Figura 51- Ativista da MdV Campina Grande 2013 denuncia as normas padronizadoras das identidades.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 52 - Ativista da MdV Campina Grande 2012 afirma o direito a exercer sua sexualidade.



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

Em depoimento, uma ativista de João Pessoa descreve a primeira reunião presencial para articulação da Marcha: “estavam presentes seis pessoas, sendo uma delas representante do Núcleo Universitário pela Diversidade Afetiva Sexual (NUDAS), e uma do Grupo Maria Quitéria (GMMQ) (Grupo de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais de João Pessoa /PB)”. Ou seja, na Paraíba, a MdV já nasce do encontro de coletivos do movimento LGBTTT e do movimento feminista.

As travestis e transgêneros, por se encontrarem “às margens do gênero”, correm o risco de se passarem por invisíveis ao serem privadas de discurso na sociedade (BUTLER, 2003). Nesse sentido, a Marcha configura-se como um importante instrumento de mobilização. A esse respeito, uma das organizadoras da MdV de Campina Grande, que se apresenta como travesti, nos fala:

Eu participei da Marcha do ano passado, e estou aqui esse ano, como uma forma de mostrar a visibilidade das travestis e das transexuais e do movimento LGBT como um todo, pois o mesmo sistema que oprime as mulheres faz opressão contra a gente, que é do sistema capitalista, do patriarcado e temos que estar batendo de frente contra essa opressão. A nossa ideia é trazer pra rua as múltiplas faces do feminismo.

A fala de T nos permite perceber a importância da MdV enquanto ato político e exercício de visibilidade para todos aqueles que são marcados pelo poder, obrigados ao silêncio, discrição e mimetismo por não se enquadrarem nos modelos hegemônicos de sexualidade.

De forma semelhante, a ativista R nos falou que a participação na MdV é um exercício que colabora para quebrar com a lógica imposta pelo poder disciplinador:

9 Para R, o ganho simbólico com a Marcha é, entre outros, da visibilidade das múltiplas posições de gênero e sexuais, e perceber que alguns vivem exatamente na fronteira. Fronteiras que não são fixas e que vêm sendo constantemente atravessadas.

Finalizando, para Butler (2010, p. 156), a organização de movimentos unidos em torno de um projeto e não de uma identidade é um importante elemento para as práticas de democratização:

Porque embora os discursos políticos que mobilizam as categorias de identidade tendam a cultivar identificações a serviço de um objetivo político, pode ocorrer que a persistência da desidentificação seja igualmente crucial para a rearticulação da contestação democrática, de fato pode ocorrer que tanto a política feminista quanto a política queer sejam mobilizadas precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com as normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada. Essas desidentificações coletivas podem facilitar uma recontextualização da questão de se saber quais corpos ainda devem emergir como preocupações que possam ter um peso crítico.

Assim, de acordo com as observações e o apoio das teorias estudadas, apontamos que a MdV apresenta uma perspectiva nova para o movimento feminista, no qual a unidade em torno de uma identidade não é uma premissa, a coalizão surge nas ações práticas que acontecem em torno das bandeiras variadas e guarda o objetivo comum de desconstrução de paradigmas culturais relacionados às dessimetrias de gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Marcha das Vadias é um movimento que se encontra em plena emergência e, como é sabido, pensar o que está acontecendo hoje é um desafio. Como pesquisadora, há a tentação de ficar acompanhando as diversas Marchas, pois facilmente encontramos as imagens (fotos e vídeos) e os debates das ativistas em todos os continentes. No Brasil, a Marcha já chegou a todas as capitais e, em muitos estados, a mais de uma cidade. Mas chegou o momento de, a partir do recorte utilizado, apresentar uma síntese das nossas reflexões que podem contribuir para uma visão do cenário da MdV.

Procuramos, a partir da etnografia, entender esse novo movimento, que teve início, conforme dissemos, em 3 de abril de 2011 com a primeira Marcha surgida a partir da indignação espontânea de jovens da Universidade de Toronto no Canadá. Entendemos que, ali começava um novo segmento do movimento feminista, diferente de qualquer outra forma de protesto do passado. As MdV rapidamente tiveram suas palavras de ordem e sua linguagem irreverente replicadas por todos os continentes. Foram várias as questões da tese, entre elas: o que aglutina essas ativistas com suas histórias e situações socioeconômicas tão diversas? Como se dão as articulações e socializações na Marcha? E, principalmente, saber dessas jovens se elas se definem como feministas, quem são, o que pensam e o querem.

Em termos gerais, obtivemos respostas mais claras sobre o feminismo. Os primeiros documentos analisados (postagens no Grupo da MdV João Pessoa), já deixavam claro que a MdV faz parte de uma nova corrente do feminismo global, hipótese também comprovada através das entrevistas realizadas. A MdV apresenta diversidade e pluralidade de sujeitos unidos pela identificação com a filosofia do feminismo. As Marchas apresentam muitos formatos e variações, porém mantêm algumas características comuns entre os países, além de singularidades com as demandas e a cultura local.

No estado da Paraíba, foi o brutal estupro coletivo com o assassinato de duas jovens na cidade de Queimadas que marcou as primeiras Marchas. A indignação contra esse crime uniu jovens de diversos coletivos em torno do protesto contra a *cultura do estupro*.

Observamos que a Marcha é o lugar e a forma de protesto, porém a MdV é mais que um evento, trata-se de um coletivo social. Como já foi dito, sua articulação e formação discursivas são construídas cotidianamente através da articulação em rede, o que torna este coletivo bastante heterogêneo, mas apresenta como traço comum o uso das



tecnologias da informação, ou seja, para fazer parte da MdV, a ativista tem que ter acesso à energia elétrica, acesso à internet, aparelhos afins. Assim, embora já aconteça em cidades no interior do Brasil, este tem se configurado como um movimento urbano e formado por jovens estudantes universitárias das camadas médias.

As ativistas apresentam histórias de vida diferentes e estão unidas por uma ação comum. Estas têm conseguido, até o momento, relativizar conflitos de interesses pessoais e de diversas ordens, como filosóficas, político-partidárias, religiosas, em nome da união em torno da ação, fazendo surgir exemplos de solidariedade, tanto no âmbito local, como de forma virtual, nas redes de sociabilidades, que se desenvolvem nos diversos coletivos da MdV. Os paradigmas essencialistas ligados à categoria *mulher* mostram-se aparentemente sem importância para essas jovens ativistas, em que ser bissexual, lésbica, gay, transexual ou transgênero não representa uma ameaça ou uma vantagem, mas apenas uma característica a mais deste grupo.

O traço comum que percebemos como motivação pessoal das participantes ouvidas na Paraíba é o desejo de mudança. Muitas afirmaram ter uma imagem positiva de si mesmas por terem participado ou por estarem participando do coletivo. Algumas afirmaram que participar de um coletivo feminista é/foi um estímulo para seu desenvolvimento pessoal e de transformação diária em seus relacionamentos, com seus corpos e com sua sexualidade.

Podemos afirmar que o principal elemento catalisador encontrado nas ativistas da MdV é o desejo de ser não ser um corpo dócil – é da ação coletiva da desobediência, precisamente, a Marcha se apresenta como uma das estratégias de expressarem sua defesa de transformação cultural e assim rejeitarem as regras da dominação patriarcalistas. Neste sentido, entendemos que elas desenvolvem um olhar crítico em relação às formas de obediência e consentimento aos dispositivos de poder que engendram os corpos dóceis (FOUCAULT, 1977).

Com relação às especificidades das MdV estudadas na Paraíba, a principal foi a presença significativa de jovens católicas nas Marchas de Campina Grande, denunciando o assassinato de mulheres. Até o momento estudado (2012 e 2013), essa foi a única cidade em que observamos fotografias de mulheres assassinadas, levadas por mães e familiares nas MdV. Como já foi dito, cada MdV é única, embora tenhamos constatado a existência de algumas características comuns, como em palavras de ordem replicadas em outras Marchas, em cada contexto refletem as demandas locais.

Eventos recentes no Brasil, como a revolta após a divulgação de uma pesquisa realizada pelo IPEA<sup>82</sup> sobre estupro e o caso de violência obstétrica sofrida por Adelir Carmem Lemos de Goes<sup>83</sup>, levaram à realização de vários protestos<sup>84</sup> nas ruas e nas redes virtuais, que adotaram as palavras de ordem da Marcha contra a *cultura do estupro* e pela autonomia dos corpos das mulheres.

Esses eventos formados por jovens mulheres, homens feministas e outros que também sofrem semelhante vulnerabilidade com a violência sexual na rua, como gays, lésbicas, mulheres transexuais, transgêneros e transexuais, representaram uma importante oportunidade para se discutir coletivamente sobre a *cultura do estupro* e outras formas de violência sofridas pelas mulheres, como, por exemplo, a obstétrica.

Várias pessoas admitiram que nunca haviam falado sobre esse tema em público, inclusive as próprias vítimas, puderam falar e experimentar o direito de ser ouvidas. Em vários relatos divulgados pela internet, estas afirmavam: “eu fui estuprada”, “minha mãe foi

<sup>82</sup> Pesquisa realizada sobre a violência contra as mulheres revelou que a população do Brasil é ainda muito tolerante em relação à violência sofrida pelas mulheres e especificamente sobre estupro, e que as mulheres devem “se dar ao respeito”, ou seja, se comportar ao modelo patriarcal heteronormativo. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/?noticias=28-03-14-ipea-lanca-pesquisa-sobre-tolerancia-social-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 12 maio 2014. Embora esta pesquisa apresentou erros de interpretação, posteriormente corrigidos pelo IPEA, que apresentou inicialmente a taxa de (65%) da população pesquisada em concordância parcial ou total com o estupro de mulheres e passou ao número bem menor na segunda divulgação (26%), apresentando ainda um dado preocupante. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21971](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971)>. Acesso em: 20/05/2014.

<sup>83</sup> Adelir Carmem Lemos de Goes, moradora de Torres no Rio Grande do Sul, foi obrigada pela Justiça, no dia 01/04/2014, a se submeter a uma cesariana. Disponível em:

< <http://www.diarioregional.com.br/2014/04/15/editorias/noticias-gerais/atos-em-mais-de-20-cidades-pedem-fim-da-violencia-obstetrica/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

<sup>84</sup> Em João Pessoa e em mais de 30 cidades brasileiras, realizaram-se manifestação contra a violência obstétrica e adotaram-se palavras de ordem como: “Somos todas Adelir” e “Meu corpo, minhas regras”. Disponível em: <<http://vilamulher.com.br/mae-filhos-familia/gravidez/mulheres-protestam-em-31-cidades-brasileiras-contra-cesaria-obrigatoria-caso-torres-8-1-53-341.html>>. Acesso em: 17 maio 2014.

estuprada”. Isso pode significar que as vítimas estão no caminho de superarem a culpa e a vergonha pela violência sofrida; significa também que o problema está se tornando mais visível para as pessoas comuns e para as autoridades<sup>85</sup>. Jornais, revistas de circulação nacional<sup>86</sup> e até programas exibidos pelos canais de televisão<sup>87</sup> tiveram a cultura do estupro nas suas pautas no decorrer do mês de abril de 2014. Esses fatos demonstram a abrangência e a importância da MdV em levar à população em geral discussões mais comuns no meio acadêmico.

---

<sup>85</sup> Após o início das campanhas sobre a *cultura do estupro*, várias denúncias de vítimas levaram a administração dos metrô de São Paulo a reforçarem os programas de proteção contra “encoxadores”. Disponível em: <[ultimas-noticias/2014/04/06/agentes-do-metro-em-sp-identificam-ate-30-encoxadores-por-dia.htm#comentarios](http://ultimas-noticias/2014/04/06/agentes-do-metro-em-sp-identificam-ate-30-encoxadores-por-dia.htm#comentarios)>. Acesso em: 15 maio 2014.

<sup>86</sup> Ver exemplos disponíveis em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/04/logica-do-estupro/>>; <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/o-estupro-e-culpa-da-mulher-seminua-nao-mas/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

<sup>87</sup> O programa Saia Justa do canal GNT teve como pauta a cultura do estupro. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/programa-saia-justa-discute-violencia-sexual-contramulheres-saia-justagnt-02042014/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

## REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão. **Encontros do feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia.** Tese (Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas), UFSC, Florianópolis, 2008.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios.** Tradutor Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ANDUJAR, Natália. **El feminismo no esta em venta o no deberiaestarlo.** Centro de FormacionEducaislam. Disponível em: <<http://ndeyeandujar.wordpress.com>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

AUGRAS, Monique. **História oral e subjetividade. In: Os desafios contemporâneos da história oral.** Campinas:Ed. Unicamp, 1997.

AZEVEDO, M. A. **Mulheres espancadas: a violência denunciada.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Feminismo: Memória e História.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 64.

BRAIDOTTI, Rosi. LasFiguracionesdel nomadismo. In: **Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nômade.** Barcelona: Ed. Gedisa, 2002, p. 201-226.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo.** Revista Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, Jan./Jun. 2007, p. 11-27. Disponível em: <[www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/download/1719/2127](http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/download/1719/2127)>. Acesso em: 22 mar. 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

CARRARA, S., VIANNA, A. R. B., ENNE, A. L. “Crimes de bagatela”: a violência contra a mulher na Justiça do Rio de Janeiro. In: CORRÊA, M. (Org.). **Gênero e cidadania**. Campinas: Pagu/UNICAMP, 2002, p. 71-106.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREIO DA PARAÍBA. **Marcha das Vadias pede fim da violência**(Caderno Últimas), Paraíba, domingo, 10 de junho de 2012.

COSTA, Antonio Firmino da. Identidade Cultural e Relações Sociais Locais. In: **Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural**. Oeiras: Ed. Celta, 1999.

COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. **Translocalidades: por uma política feminista da tradução**. Ver. Estud. Fem., Dez. 2009, v. 17, n. 3, p. 739-742.

CRAPANZANO, Vincent. **A cena: lançando sombra sobre o real**. Rio de Janeiro: Mana, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200002>>. Acesso em: 29 jul. 2012.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs.). **Gênero/corpo/conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 224-240.

FERREIRA, Glauco B. QWOCMAP: (Auto)Representações de Mulheres Queer e “de Cor” e sua produção audiovisual nos EUA. In: **Revista Ártemis**, João Pessoa: Ed. UFPB, 2012.

FERREIRA, Maria Mary. Movimentos feministas, movimento de mulheres: Ações e desafios para as próximas décadas. In: **Feminismo: Memória e História**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Os discursos públicos sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero. In: **Linguagem e Gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: \_\_\_\_\_. Ética, sexualidade e política, p. 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. PondéVassallo. Petrópolis, Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2010.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. In: **Dossiê contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais**, v. 14, n. 2, Londrina: Ed. Mediações, 2009.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Beck, Ulrich; ScoottLash. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1997.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca “do outro” encontra-se a “si mesmo”. In: **Trabalho de campo subjetividade**. Florianópolis, PPGAS/UFSC,

1992. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/Trabalho%20de%20Campo%20&%20Subjetividade.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Rimando Amor e Dor: reflexões sobre violência no vínculo afetivo-conjugal. In: **Masculino, Feminino, Plural** – Gênero na Interdisciplinaridade. PEDRO, J. M. e GROSSI, M. P. (Orgs.). Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1248/grossi\\_ri\\_mandoamorcomdor.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1248/grossi_ri_mandoamorcomdor.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 18 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998. Disponível em: [http://acesf.com.br/dados/images/stories/Storage/sec\\_mulher/capacitacao\\_rede%20/modulo\\_2/grossi\\_miriam\\_identidade\\_de\\_genero\\_e\\_sexualidade.pdf](http://acesf.com.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20/modulo_2/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2014.

GURGEL, Telma. **O feminismo como sujeito coletivo total**: a mediação da diversidade. In: Cadernos de Críticas Feminista. Recife, ano V, N.4- dez. 2011.

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. Ilha: Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 139-153, 2000.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta por direitos da mulher no Brasil. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103-133.

IBGE – Cidades @. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=pb>>. Acesso em: 6 jul. 2012.

HEMMINGS, Clare. **Contando estórias feministas**. Rev. Estud. Fem. v. 17, n. 1. Florianópolis, Jan./Abr. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100012>>. Acesso em : 10 fev. 2013.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade -** Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996, 274 p.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, Florianópolis, 2001.

MAGALHÃES, Maria José et al. **Feminismo e Movimentos sociais em tempos de globalização: o caso da MMM**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/LAB2004>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MARTINS, Mirian Teresa de Sá L. e ALCANTARA, Karolyne Romero de. Mudanças da condição feminina da atualidade: Revistando a história do feminismo. In: **Revista Ártemis**, João Pessoa: Ed. UFPB, 2012.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp/EPU, 1974.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2009.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, p. 8-41.

NOBREGA, Emanuel Benício. **Intimidade Exposta - O fenômeno dos diários íntimos na Internet**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2007.

PALACIOS, Marcos Silva. Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para uma Discussão. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José. (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro, 1996, p. 87-104. Disponível



em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/palacios.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2013.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, Prazer e Trabalho: O feminismo de segunda onda. In: **Nova História das Mulheres**. Organização Carla B. Pinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. São Paulo: História, 2005, v. 24, n. 1, p. 77-98.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2003.

PRECIADO, Beatriz. **Judith Butler y Beatriz Preciado en entrevista conlarevistaTêtu**. Disponível em: <<http://artilleriainmanente.blogspot.mx/2012/03/judith-butler-y-beatriz-preciado-en.html>>. Acesso em: 9 dez 2012.

RUSSELL, Diana E. H. **Femicide**: Politicizing the killing of Females. Washington D.C. revised may 5, 2008. Disponível em: <[http://www.igwg.org/igwg\\_media/femicide/russell.doc](http://www.igwg.org/igwg_media/femicide/russell.doc)>. Acesso em: 12 fev. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Revista FAMECOS, n. 22, dez., 2003. Disponível em: <<http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

SOUSA, Valquíria Alencar de Souza. **A trajetória do Movimento Feminista na Paraíba**. In: Gênero, Diversidade sexual e educação: conceituação e Práticas de direito e políticas Públicas. Orgs Gentile, Ivanilda Matias; Zenaide, M de Nazaré, Guimarães, Valéria M. Gomes. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

SASSEN, Saskia. In: RIAL, Carmen. **As estratégias do gênero**: entrevista com Saskia Sassen. Revista Estudos Feministas, v. 18, n. 2, maio-agosto, 2010, p. 491-501, UFSC.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife : SOS Corpo, 1995. Disponível em: [http://WWW.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://WWW.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em 18/02/2013.

SEGATO, Rita Laura. Que es um feminicídio? In: BELAUTEGUIGOITIA, Marisa y MELGAR, Lucía (coordinadoras). **Fronteira, Violencia, justicia:**nuevos discursos. Colección Seminários, México, PURG/UNAM y UNIFEM, 2008, p. 35-48.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-133.

SLUTWALK. Site oficial: <<http://www.slutwalktoronto.com>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

SORJ, Bila. 20 anos da Revista Estudos Feministas: **Militância e Academia nas Publicações Feministas**, Mesa Redonda de abertura do Evento (Dias 7, 8 e 9 de Nov. 2012), Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis.

STEINEM, Gloria. **Feminism has been made fun of for 40 years, give it another 60.** Malini Nair, Jan. 19, 2014, 05.22AM IST. Disponível em: <[http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2014-01-19/all-that-matters/46346400\\_1\\_young-women-gloria-steinem-young-feminists](http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2014-01-19/all-that-matters/46346400_1_young-women-gloria-steinem-young-feminists)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TORNQUIST, Carmen Susana; FLEISCHER, Soraya Resende. **Sobre a Marcha Mundial das Mulheres:** entrevista com Nalu Faria. Florianópolis: Revista Estudos Feminista, 2012, p. 291-312.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência2012:** Atualização homicídios de Mulheres no Brasil. Brasil: CEBELA, 2012. Disponível em: <[http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/images/stories/PDF/pesquisas/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/images/stories/PDF/pesquisas/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva, vol.1. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WOODWARD, Kathryn, **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual, In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Organização: SILVA, T. T. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-73.

## APÊNDICE 1

### Questionário postado no Facebook

Querid@samig@s, sou Raquel Goldfarb, professora do IFPB, e estou escrevendo um artigo sobre “A Marcha das Vadias”, para a disciplina Questões feministas e gênero, ministrada pela professora Miriam Grossi do doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da USFC. Assim, peço a ajuda de tod@s em responder este questionário e me enviar por email. Meu email é raquel\_cefetpb@hotmail.com

dos pessoais:

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Casad@ ( ) Solteir@ ( ) Divorciad@ ( )

Outro \_\_\_\_\_

Raça/Etnia: ( ) Branco ( ) Negro ( ) Pardo ( ) Amarelo ( ) Índio

Você se considera de família de Classe popular ( ) Classe média ( ) Ou

Classe alta ( )

Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Questões:

1. Você vai participar da Marcha das Vadias em João Pessoa?
2. Você já ouviu falar ou estudou sobre o movimento feminista?
3. Como você tomou conhecimento da Marcha das vadias?
4. Você tem computador e acesso a internet em casa?
5. Você antes participava ou tinha proximidade com outro movimento social? Qual?
6. O que você acha do nome Marcha das Vadias?
7. Pra você, qual a principal bandeira da Marcha?
8. O que você acha da performance de algumas ativistas da Marcha que tiram a blusa?
9. Tem mais alguma coisa que você queira falar?